Revista da ALIA

Número: 2 | 2024

Patronos

Augusto dos Anjos

Irineu Lisboa | Miguel Torga | Ribeiro Junqueira
Judith Lintz | Clóvis Salgado | Maria Machado
Rodrigues | Oíliam José | Barroso Jr. | Serginho
do Rock | Mauro de Almeida | Ferreira Rezende
Funchal Garcia | França Júnior | Luiz Raphael
Dilermando Cruz | Custódio Junqueira | Santa
Cândida | Augusto de Lima | Geraldo Barcellos
Júlio Caboclo | Ascânio Lopes | Ormeo Botelho
Lydio Bandeira de Mello | Zequinha Reis
Jerônima Mesquita | Luiz Rousseau Botelho
Elizabeth Montenari | Ivan Deolindo da Silva
Waldyr Policiano | Lia Salgado | Vitalino | Marília
Freire | Professor Alziro | Tula Pilar | Iano
Salomão | Bianor | Heloíza Pretinha | Buena Flor
Maestro Macedo | Hamilton de Vasconcelos

Debaixo do Tamarindo

No tempo de meu Pai, sob estes galhos,
Como uma vela fúnebre de cera,
Chorei bilhões de vezes com a canseira
De inexorabilíssimos trabalhos!

Hoje, esta árvore, de amplos agasalhos,
Guarda, como uma caixa derradeira,
O passado da Flora Brasileira
E a paleontologia dos Carvalhos!

Quando pararem todos os relógios
De minha vida, e a voz dos necrológios
Gritar nos noticiários que eu morri,

Voltando à pátria da homogeneidade,
Abraçada com a própria Eternidade
A minha sombra há de ficar aqui!

Paraíba, 1909

ACADEMIA LEOPOLDINENSE DE LETRAS E ARTES

REVISTA DA ALLA

PATRONOS

Leopoldina/MG | número 2 | segundo semestre de 2024

Revista da ALLA
Academia Leopoldinense de Letras e Artes
Rua Barão de Cotegipe, 410 - Centro
CEP 36700-084 Leopoldina – MG
E-mail: academialeopoldinense@gmail.com
Site: www.academialeopoldinense.com.br

DIRETORIA da ALLA:

Luiz de Melo Sobrinho
Presidente
Begma Tavares Barbosa
Vice-Presidente
Fabrício Manca de Souza
Primeiro Secretário
Glaucia Maria N. Costa de Oliveira
Segunda Secretária
José Gabriel Couto de Viveiros Barbosa
Primeiro Tesoureiro
Ana Cristina Miranda Fajardo
Segunda Tesoureira

CONSELHO EDITORIAL:

Begma Tavares Barbosa
Claudio Verneque Guerson
Elizabeth Aparecida de Castro M. Fontes
José Gabriel Couto de Viveiros Barbosa
Luiz de Melo Sobrinho
Maria José Salles Fernandes
Natania Aparecida da Silva Nogueira
Nilza Maria Almeida Santos
Rodrigo Iennaco de Moraes

Organizadoras da Edição 002:
Begma Tavares Barbosa
Glaucia Maria N. Costa de Oliveira
José Gabriel Couto de Viveiros Barbosa
José Luiz (Luja) Machado
Nilza Maria Almeida Santos (Nilza Cantoni)

Diagramação:
Giovanni NR
@giovannignr.pro

Capa:
Alan Villela Barroso

Revisão:
Begma Tavares Barbosa

Catalogação na Publicação elaborada por:
Fabiana Pés do Nascimento (CRB 6.2230)

Revista da ALLA [Recurso Eletrônico]./ Academia Leopoldinense de Letras e Artes - n.2; (2024) - Leopoldina, MG: ALLA, 2024 - 1 Recurso Online: il.

ISSN
Periodicidade: Anual
Disponível em: http://www.academialeopoldinense.com.br/
Título abreviado: Rev. ALLA
Título, resumos e textos em português.
Preservada digitalmente em:
https://archive.org/details/@alla_leopoldina

1. Leopoldina (MG) - Artistas - Biografias. 2.História - Leopoldina (MG) - Periódicos. 3. História - Leopoldina - Periódicos. 3. Patrimônio cultural - Leopoldina - periódicos. I. Academia Leopoldinense de Letras e Artes

CDU 304.3(815.1)

A história por trás das pessoas...

É com alegria que entregamos aos leitores a segunda edição da Revista da ALLA, respondendo, assim, a duas das finalidades da Academia Leopoldinense de Letras e Artes: o resgate da história de nossa cidade e a valorização de escritores e artistas locais.

Em novembro de 2023, a ALLA lançou sua primeira revista, que reúne importantes registros históricos e um acervo de fotografias valioso que permite viajar no tempo. Como se explica no editorial, intitulado "A história por trás da História...", fomos guiados pelo artista Luiz Raphael Domingues Rosa - hoje patrono da cadeira 14 da ALLA - na escritura de textos que revisitam a cidade antiga e a Leopoldina de hoje.

Este volume 2 é também memória, recuperada de outra forma, através de registros biográficos de pessoas que, por motivos diversos, foram parte importante da vida da cidade e ajudaram a fazer sua história. Estamos falando dos escolhidos pelos acadêmicos da ALLA como seus patronos.

O propósito primeiro desta revista foi, portanto, apresentar aos leitores esses patronos. E ele se cumpriu para além de nossas expectativas. Certamente, como organizadores da revista, esperávamos que os textos nos trouxessem, além da história de cada indivíduo, um pouco da história da cidade. No entanto, os textos aqui reunidos surpreendem naquilo que revelam sobre Leopoldina.

Poucos conhecem a história da cidade que acolheu muitos artistas e literatos, além do nosso Augusto dos Anjos. A Gazeta de Leopoldina de 08/11/1913 nos revela os principais nomes, antes dele, em artigo que trata da primeira exposição de nossa maior referência nas artes visuais, Funchal Garcia (patrono da cadeira 12): "Augusto de Lima e Américo Lobo sentiram aqui pulsar-lhes a veia poética. Macedo aprendeu nestes lugares inspirações musicais. Faltava quem fixasse na tela os tons destas paisagens".

Depois de Augusto, seja pelo poder de atração do Ginásio ou por dever do serviço público, a cidade ainda conviveu com autores já consagrados, ou ainda em formação, e propagadores das letras e da cultura, como Custódio de Almeida Lustosa, Júlio Ferreira Caboclo, João Lyra Filho, Henrique Vieira de Rezende, Lydio Bandeira de Mello e o grande Miguel Torga, escritor português várias vezes indicado ao Nobel de Literatura e que viveu em Leopoldina. A maior parte desses nomes tem uma breve biografia registrada nas páginas a seguir.

Além de representantes do campo da cultura, das letras e das artes, a ALLA também homenageia, como patronos, personalidades diversas - empresários, juristas, professores, médicos, religiosos - que aqui nasceram ou por aqui passaram, dedicaram-se à cidade e deixaram sua marca.

O processo de composição desse conjunto de patronos está melhor explicado no bonito texto que se segue a este editorial, uma Apresentação escrita pelo nosso presidente, Prof. Luiz de Melo Sobrinho. Augusto dos Anjos, patrono da ALLA, abre a sequência de textos sobre cada um dos 40 patronos, em um registro que revela uma tese surpreendente sobre como a cidade - que tanto recebe do poeta e de sua obra, ainda hoje, - ajudou a "projetá-lo".

Sobre a composição de cada uma das breves biografias, deve-se esclarecer que a maioria foi escrita pelo acadêmico a quem o patrono se relaciona. Nos casos em que isso não foi possível, os organizadores dedicaram-se à pesquisa e à produção dos textos. E aqui é necessário que se aponte para a importância do trabalho dos acadêmicos Nilza Cantoni e José Luiz Machado Rodrigues, que há anos vêm se dedicando a resgatar a memória da cidade e de sua gente. O arquivo valioso desses pesquisadores contribuiu tanto para a constituição do conjunto de patronos da ALLA, quanto para a composição dos textos desta revista. Outras valiosas contribuições nos vieram do jornal Leopoldinense, de seu relevante acervo sobre a memória da cidade.

Deve-se, por fim, esclarecer que existe a ALLA e existe também a nossa ALLA Jovem, criada em abril de 2016, com o objetivo de congregar estudantes dos Ensinos Fundamental e Médio, vencedores do Concurso Literário anualmente promovido pela ALLA, por um período de dois anos de mandato, para atividades ligadas à educação, arte e cultura. Portanto, nas páginas finais, temos a listagem dos patronos da ALLA Jovem em textos mais sucintos, mas não menos importantes, pois lá temos a visão dos nossos jovens sobre as personalidades de nosso município.

Begma Tavares Barbosa

Apresentação

A Academia Leopoldinense de Letras e Artes, ALLA, limitada a dar passos curtos, com cautela e segurança, mas prosseguindo sempre, parece ter ouvido e estar executando a advertência do Imperador Augusto aos comandantes impetuosos: *Festina Lente*. Um oxímoro, um paradoxo em que o advérbio "lentamente" se associa ao verbo "apressar-se". Uma expressão sucinta na forma e profunda e vasta no significado. Assim procede a ALLA, criativa, ativa e cautelosa, acendendo luzes no caminho e facilitando a caminhada de quem passa, pondo-lhe à vista os encantos da paisagem e à mente o sustento da cultura.

A ALLA não pretende, ao menos por ora, alçar longos e altos voos. No momento, atém-se ao espaço que ocupa, às pessoas que a integram e às que a ela se relacionam. E aqui aparece a figura de elevado significado do Patrono. De início, à guisa de auxílio, após atenta e cautelosa pesquisa, a ALLA disponibilizou uma lista de pessoas que preenchem os requisitos para o desempenho de tal função. Cada acadêmico escolhe, para seu patrono, um nome da lista. Caso alguém prefira um nome fora da lista e que preencha os requisitos, basta expor o seu desejo. A academia acolhe, examina em reunião e aprova. No quadro da entidade, há quarenta membros. Portanto, são quarenta Patronos, além do Patrono da Academia, o grande poeta Augusto dos Anjos. Uma expressiva representatividade de consistente contribuição, cada qual no seu setor, para a consolidação do contexto cultural que caracteriza nossa sociedade. Pela volumosa e diversificada contribuição cultural que trazem, os Patronos se tornam autênticos depositários de louvor e respeito.

Assim procedendo, a ALLA vem trazendo esclarecimento e valorização do que tem, de maneira simples, porém plausível e abrangente, coadunando com seu objetivo de produzir, preservar, incentivar e divulgar a cultura. Isso se vem fazendo, também, através de publicações esclarecedoras sobre o aqui e o agora.

Assim como a ALLA lançou, recentemente, uma obra sobre a denominação dos logradouros de Leopoldina, de autoria dos historiadores e acadêmicos José Luiz Machado e Nilza Cantoni, agora traz a público esta revista sobre os Patronos dos acadêmicos. *Em Nossas ruas, Nossa Gente*, o cidadão, querendo saber o porquê da denominação de espaço em que mora, encontra o embasamento legal e dados biográficos justificando a homenagem. E, nesta revista, pelo menos quarenta personagens envolvidas na estrutura de nossa sociedade, cada qual com sua parcela própria de contribuição, libertam-se das nuvens do passado e se mostram na clareza implícita do reconhecimento de seu mérito, havendo, nesse processo, um gesto de agradecimento pelo legado que nos deixaram.

Os homenageados não podem mais estar presentes neste ato, mas seus pósteros se rejubilam pelo feito altaneiro de seus antecessores. E, depositários que se tornam de justo louvor e honra, cabe aqui o dito mais milenar: *Laus, sicut Honos, alit Artes* (O louvor, assim como a Honra, alimenta as Artes). E a Academia Leopoldinense de Letras e Artes reconhece e agradece os preciosos nutrientes que chegam para melhor tonificar seu anseio de preservação, produção e divulgação da cultura através das Letras e das Artes.

Luiz de Melo Sobrinho

Presidente da ALLA

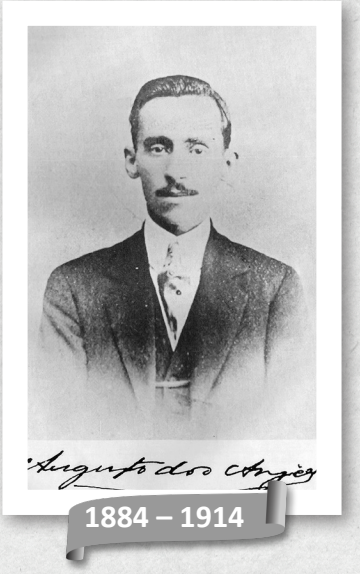
Membros da ALLA

CADEIRA	NOME DO ACADÊMICO	MEMBRO	NOME DO PATRONO
1	Ronald Alvim Barbosa *(in memoriam)*	FUNDADOR	Irineu Lisboa
2	Glória Maria de Azevedo Barroso	FUNDADOR	Miguel Torga
3	Déa Lustosa Junqueira Xavier *(in memoriam)*	FUNDADOR	José Monteiro Ribeiro Junqueira
4	Arnaldo Spíndola Maximiano	FUNDADOR	Judith Lintz Guedes Machado
5	José Gabriel Couto de Viveiros Barbosa	FUNDADOR	Clóvis Salgado da Gama
6	José do Carmo Machado Rodrigues *(in memoriam)*	FUNDADOR	Maria Machado Rodrigues
	Paulo Henrique Goliath	EFETIVO	
7	Luiz de Melo Sobrinho	FUNDADOR	Oiliam José
8	José Barroso Junqueira *(in memoriam)*	FUNDADOR	João Barroso Pereira Júnior
9	Maria José Baia Meneghite	EFETIVO	Antônio Sérgio Lima Freire
10	Nilza Maria Almeida Santos	CORRESPONDENTE	Mauro de Almeida Pereira
11	José Luiz Machado Rodrigues	CORRESPONDENTE	Francisco de Paula Ferreira de Rezende
12	Antônio Márcio Junqueira Lisboa *(in memoriam)*	CORRESPONDENTE	Manoel Funchal Garcia
13	Maria José Ladeira Garcia	EFETIVO	Oswaldo França Júnior
14	Elias Fajardo da Fonseca	CORRESPONDENTE	Luiz Raphael Domingues Rosa
15	Natania Aparecida da Silva Nogueira	EFETIVO	Dilermando Martins da Costa Cruz
16	Paulo Ferreira Garcia *(in memoriam)*	CORRESPONDENTE	Custódio Monteiro Ribeiro Junqueira
17	Antônio Dias Pereira Filho	CORRESPONDENTE	Cândida Maria de Jesus
18	Rodrigo Iennaco de Moraes	CORRESPONDENTE	Antônio Augusto de Lima
19	José Jerônymo Ribeiro Rivera	CORRESPONDENTE	Geraldo de Vasconcellos Barcellos
20	Rafael Loche Barbosa	EFETIVO	Júlio Ferreira Caboclo
21	Begma Tavares Barbosa	EFETIVO	Ascânio Lopes Quatorzevoltas
22	Daniel Amin Ferraz	CORRESPONDENTE	Ormeo Junqueira Botelho
23	Anderson Braga Horta	CORRESPONDENTE	Lydio Machado Bandeira de Mello
24	Glaucia Maria Nascimento Costa de Oliveira	EFETIVO	José Ribeiro dos Reis
25	Amanda de Oliveira Almeida	EFETIVO	Jerônima Mesquita
26	Ana Cristina Miranda Fajardo	EFETIVO	Luiz Rousseau Botelho
27	Maria José Salles Fernandes	EFETIVO	Elizabeth Oliveira Montenari
28	Cristiano Fófano Silva	EFETIVO	Ivan Deolindo da Silva
29	Cláudio Verneque Guerson	EFETIVO	Waldyr Policiano de Rezende
30	Elizabeth A Castro Mendonça Fontes	CORRESPONDENTE	Lia Salgado
31	Waldemar Pedro Antônio	EFETIVO	Vitalino Duarte
32	Fabrício Manca de Souza	EFETIVO	Marília Lima Freire
33	Cláudio Réche Iennaco	EFETIVO	Alziro de Azevedo Carvalho
34	Olga Maria Mendes Reis	EFETIVO	Tula Pilar Ferreira
35	Dora Deise Stephan Moreira	EFETIVO	Iano Salomão de Campos
36	Yussef Daibert Salomão de Campos	CORRESPONDENTE	Bianor Victor Campos
37	Vinícius Campos de Oliveira	EFETIVO	Heloíza de Oliveira Nogueira
38	Alan Villela Barroso	EFETIVO	Ignácio de Castro Buena Flor
39	Mara Coelho Maximiano	EFETIVO	Manoel Joaquim de Macedo
40	Sebastião Heitor Luiz Valverde	EFETIVO	Hamilton de Vasconcelos

*** Mês de referência Dezembro de 2024.**

AUGUSTO DOS ANJOS

Patrono da Academia Leopoldinense de Letras e Artes



Era o ano de 1914, acabava de estourar na Europa a Primeira Guerra Mundial. Após contrair uma pneumonia dupla, que nem mesmo o zelo do médico Custódio Junqueira e do farmacêutico João Teixeira de Moura Guimarães conseguira debelar (ainda não existiam os antibióticos), morria Augusto dos Anjos, na cidade mineira de Leopoldina, aos 12 de novembro, com apenas 30 anos de idade, menos de cinco meses após estabelecer ali sua última residência, deixando desamparados, no chalé de número 11 da Rua Cotegipe, a viúva Esther e duas crianças.

O leitor pode me questionar: por que começar falando do fim? Mas, será mesmo o fim? Digamos que ele esteja certo e mereça a resposta: porque a morte é o principal tema da obra de Augusto, além disso, é ela que conecta nossa cidade a ele, onde, inclusive, permanecem seus restos mortais. Para mim, porém, sua morte não é o fim, mas o começo de sua popular trajetória na poesia brasileira, fato que novos estudos acadêmicos, como o do pesquisador Leonardo Ferreira[1], atribuem à divulgação empreendida aqui, por estudantes e professores, nos grêmios literários do Ginásio Leopoldinense, e por sua família e amigos, em especial pelo professor Júlio Ferreira Caboclo, segundo esposo de Esther.

Portanto, o "Poeta do Hediondo", como ficou popularmente conhecido Augusto dos Anjos, descrente da humanidade a quem comparava às "moneras" e à "larva do caos telúrico", criticado por seus contemporâneos, desempregado e migrante, encontrou acolhida em Leopoldina. Hoje, considerado um dos mais populares da língua portuguesa, o poeta que, em "Monólogo de uma Sombra", se define como "o sátiro peralta que o sensualismo sodomista exalta"; que diz que "o animal inferior que urra nos bosques é com certeza meu irmão mais velho" e que vê a arte como único valor humano, capaz de reduzir "à condição de uma planície alegre a aspereza orográfica do mundo", empresta sua fama a Leopoldina, mas também deve à Atenas da Zona da Mata muito da preservação de sua memória e da popularização da sua obra.

Nascido no Engenho do Pau D'Arco, hoje município de Sapé, na Paraíba, em 20/04/1884, formado em Direito no Recife/PE, em 1907, profissão que nunca exerceu, depois de perambular pelo Rio de Janeiro, já casado com Esther Fialho e pai de Glória e Guilherme, tentando a vida dando aulas, sem dinheiro até para o aluguel, em 24/06/1914, Augusto Carvalho Rodrigues dos Anjos assina o termo de posse como diretor do Grupo Escolar localizado na esquina das ruas Tiradentes com Sete de Setembro (hoje, "Pracinha do Urubu") e que mais tarde recebe o nome do deputado majoritário da região, Ribeiro Junqueira, que lhe arranjou o emprego.

Seja como for, o poeta singular foi portador de sensibilidade tal, que o consagrou a partir de um único livro, Eu. Segundo Alexei Bueno, apenas uma poesia, "Os Doentes", já seria suficiente para alçá-lo ao panteão dos imortais da humanidade. E Leopoldina o acolheu com a hospitalidade típica dos mineiros, mantendo viva sua memória, na pessoa de seu "mordomo" Luiz Raphael Domingues Rosa, no Espaço dos Anjos, através do Concurso Nacional de Poesias, das comemorações do seu centenário de nascimento e de morte, dos nomes de uma rua e uma escola, dos grêmios literários do passado e, recentemente, da ALLA – Academia Leopoldinense de Letras e Artes, da qual ele é o merecido patrono.

José Gabriel Couto de Viveiros Barbosa

[1] FERREIRA, Leonardo Gonçalves; JULIÃO, Letícia. Augusto dos Anjos: o poeta-patrimônio da Atenas Mineira. In: Revista Tempo, vol. 29, no. 3, p. 53-76, set./dez. 2023. Disponível em: https://www.scielo.br/j/tem/a/MXHgJbsMJrLn34vvt7D65Ts/. Acesso em 20 dez. 2023.

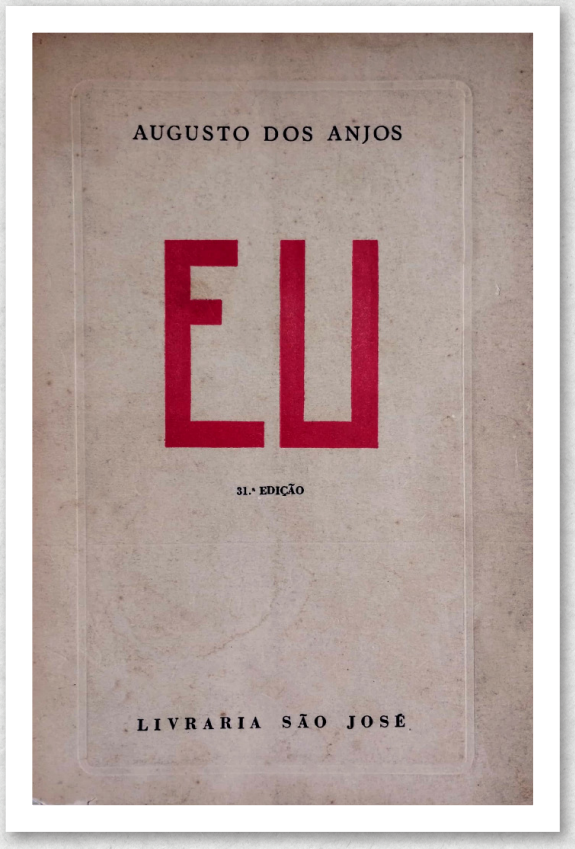
Ricordanza della mia gioventú

A minha ama-de-leite Guilhermina
Furtava as moedas que o Doutor me dava.
Sinhá-Mocinha, minha mãe, ralhava...
Via naquilo a minha própria ruína!

Minha ama, então, hipócrita, afetava
Susceptibilidade de menina
"- Não, não fora ela! –" E maldizia a sina,
Que ela absolutamente não furtava.

Vejo, entretanto, agora, em minha cama,
Que a mim somente cabe o furto feito...
Tu só furtaste a moeda, o ouro que brilha...

Furtaste a moeda só, mas eu, minha ama,
Eu furtei mais, porque furtei o peito
Que dava leite para tua filha!



IRINEU LISBOA

Irineu Lisboa nasceu em 25/03/1894, na cidade de Pedra Branca, no sul de Minas Gerais. Era filho de Maria Cândida de Paiva Xavier Lisboa e Antônio Maximiano Xavier Lisboa. Como o pai, seguiu a carreira médica, tendo se formado, em 1917, pela Faculdade de Medicina de Belo Horizonte, hoje UFMG.

Após concluir o curso, Irineu foi designado por Samuel Libânio, professor da Escola de Medicina e chefe da Diretoria de Higiene do estado, para assumir o cargo de Médico Sanitarista no Posto de Profilaxia Rural em Leopoldina. A cidade, de economia próspera e localização privilegiada, foi pioneira na instalação desse tipo de serviço, essencial para o combate a doenças como a febre amarela, a varíola e o cólera.

Segundo relato do Prof. Rodolfo Alves Pereira, no jornal "Leopoldinense": o "Dr. Irineu Lisboa chegou à cidade em 1918. Prestava atendimento no posto, visitava as casas, fazia palestras nas escolas e se dirigia, a cavalo ou de charrete, até as fazendas do município, onde cuidava dos enfermos. Somente entre 19 e 24 de agosto daquele ano, foram distribuídas 575 latinhas para coleta de fezes, o que levou os populares a apelidarem o jovem médico de "doutor das latinhas". Mais de quatrocentos exames foram realizados. Ficou constatado que 83% dos pacientes testaram positivo para verminoses."

Em 1920, Dr. Irineu foi transferido para Ubá, exercendo ainda inspeções nos postos de profilaxia do oeste, norte e sul de Minas. Em 1921, foi nomeado Chefe de Distrito da Diretoria de Saneamento e Profilaxia Rural, trabalhando em Santa Rita do Sapucaí, Uberlândia, Divinópolis e Pouso Alegre. Em 1929, foi nomeado Chefe de Posto de Higiene Permanente, em Leopoldina.

Além do excelente trabalho como médico sanitarista, Irineu Lisboa atuou também como radiologista. Em 1929, criado o Serviço de Radiologia da Casa de Caridade Leopoldinense, ele assume a chefia do referido serviço. Trabalhou até 1938 sem nenhum tipo de remuneração. Em 1973, aposenta-se como radiologista, aos 79 anos.

Irineu Lisboa casou-se com Cinira Ribeiro Junqueira. Tiveram dois filhos: Alice e Antônio Marcio Junqueira Lisboa. Fixou residência em Leopoldina e aqui fez inúmeros amigos, dos quais se destaca, na memória leopoldinense, o artista Funchal Garcia - também patrono da ALLA -, com quem partilhava a paixão pelo carnaval.

Os amigos exerciam sua criatividade criando fantasias originais e educativas. Ainda segundo relato do prof. Rodolfo Pereira: "Na celebração popular de 1931, a dupla desfilou no carro do posto de Higiene, aproveitando o momento festivo para conscientizar a população local acerca do risco do mosquito *Stegomyiafasciata ou Culex aegypti* (Aedes). O carro estava ornado com uma representação gigante do vetor da febre amarela sobre as plantas; Irineu, de branco, fantasiava-se de médico; ao seu lado, em tom fúnebre, Funchal ostentava uma fantasia de caveira. Eis a mensagem: "O mosquito mata. Previna-se!". Assim, de forma didática, divertida e eficaz, o médico e o artista alcançavam a todos - letrados e analfabetos." Essa é uma outra face de Irineu Lisboa: o gosto pela arte, pela música, pela literatura. Compunha quadras, escrevia cartas, era ilustrador.

Ao longo de sua carreira, colecionou honrarias - dentre elas a Medalha da Inconfidência, outorgada pelo Governo de Minas Gerais - e o reconhecimento dos leopoldinenses, materializado também nesta homenagem da ALLA.

IRINEU LISBOA
(Ronald Alvim Barbosa)

Chegará Fevereiro e com ele o Carnaval...
Muita alegria, mas já não tanta,
pois uma ponta de saudade indicará
que morreu um pouco da nossa festa.
Um toque do humor sadio
deixará de existir.
Doutor Lisboa não estará entre nós.

Chegará Junho e com ele as festas do mês...
Haverá fogos, fogueiras, quentão...
Santo Antônio, São Pedro e São João.
Os fogos já não terão tanto brilho,
o casamento estará incompleto...
Doutor Lisboa não estará entre nós.

Chegará Dezembro, o Natal, o pequeno Jesus...
Renascerá em nós o desejo de paz, esperança e fé.
Mas os sinos dobrarão diferentes.
As crianças da Pediatria não verão o Papai Noel.
Doutor Lisboa não estará entre nós.

Mas há uma esperança!
Dependerá da pureza de nossos corações
reencontrarmos, novamente, Doutor Lisboa.
Claro, é questão de tempo...

Um dia voltaremos a sentir sua alegria,
seu humor, sua bondade.

Meu Deus,
faça com que eu tenha um coração puro,
sem rancor e sem maldade,
para que um dia eu possa rever um velho amigo.

MIGUEL TORGA

Miguel Torga nasceu em 12/08/1907 na vila de São Martinho de Anta, Sabrosa, região de Trás-os-Montes, Portugal. Seu nome de batismo era Adolfo Correa Rocha, e seu pseudônimo foi uma homenagem a Miguel de Cervantes, Miguel de Unamuno, Miguel Ângelo, escritores que ele admirava, e Torga é o nome de um arbusto resistente de sua região.

Chegou ao Brasil com 12 anos para trabalhar nas fazendas de um tio. Seu nome está fortemente ligado a Leopoldina, onde morou entre os anos de 1920 e 1925, tendo estudado no Ginásio Leopoldinense. Durante seu período na fazenda, com a sensibilidade aguçada da adolescência, vivenciou sentimentos conflitantes: de um lado, o encantamento pela natureza exuberante e pela fartura de frutas, gado, café; de outro, muito sofrimento pelo tratamento que recebia de sua tia e pela falta que sentia do carinho dos pais.

Foram anos de muito trabalho, responsabilidade, medo, fragilidades e saudade da família. Mesmo assim, lia muito e encomendava livros a seu tio quando este ia ao Rio de Janeiro. Este tio, reconhecendo seu esforço, inteligência e amor à leitura, assim como o trabalho e sofrimento impostos pela tia, matriculou-o no Ginásio em Leopoldina, onde escreveu seus primeiros versos.

Voltou para Portugal, onde estudou medicina, especializando-se em otorrinolaringologia, e publicou seus primeiros livros. Casou-se com Andréa Crabbé, com quem teve a filha Clara. Foi autor de poesias, contos, memórias, romances, teatro e ensaios. Recebeu, entre outros, o Prêmio Montaigne e o Prêmio Camões. Entre suas obras, incluem-se *Contos da Montanha, Bichos, Novos Cantos da Montanha, A Criação do Mundo* (uma autobiografia usando nomes fictícios) e 16 volumes do Diário. Sua obra *A Criação do Mundo* se divide em capítulos, ou "Dias", como os nomeou Torga. No segundo dia, estão relatadas as experiências que viveu em Leopoldina.

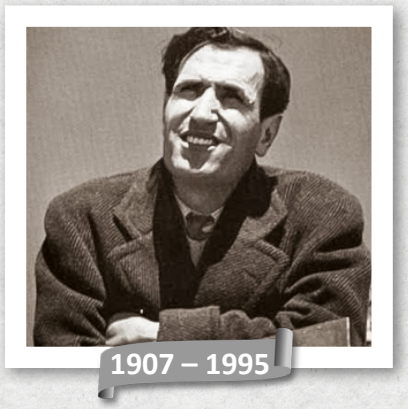
Foi citado como candidato ao Prêmio Nobel e, no dizer de outros escritores, não seria agraciado devido ao fato de escrever em português. Esteve no Brasil em 1954, sendo reconhecido por escritores e intelectuais, já consagrado por sua grande obra. Nessa visita, resgatou as memórias das coisas boas vividas em nosso país, tornando menos vívidas as lembranças amargas.

Teve grande participação na luta política contra a ditadura de Salazar e, ao expressar claramente suas opiniões, foi preso, mas não deixou de lutar pela liberdade, embora se recusasse sempre a se filiar a algum Partido político.

Por toda vida, debateu-se entre duas forças opostas: o otimismo que todo ato criador implica e o pessimismo quanto à fragilidade de caráter da natureza humana. Por fim, faleceu em Coimbra em 17/01/1995, louvado por seu talento, suas obras e seu caráter incorruptível.

O poema a seguir revela seu amor à sua terra natal e a importância que teve o Brasil na sua formação afetiva.

Glória Maria de Azevedo Barroso



Brasil
(Miguel Torga)

Brasil
onde vivi,
Brasil onde penei,
Brasil dos meus assombros de menino:
Há quanto tempo já que te deixei,
Cais do lado de lá do meu destino!
Que milhas de angústia no mar da saudade!
Que salgado pranto no convés da ausência!
Chegar.
Perder-te mais.
Outra orfandade,
Agora sem o amparo da inocência.
Dois pólos de atração no pensamento!
Duas ânsias opostas nos sentidos!
Um purgatório em que o sofrimento
Nunca avista um dos céus apetecidos.
Ah, desterro do rosto em cada face,
Tristeza de um regaço repartido!
Antes o desespero naufragasse
Entre o chão encontrado e o chão perdido.

O PROF. PAULO TEIXEIRA CABOCLO, ARTUR BERNARDES E A VOZ DO RIBEIRÃO: "[...] o professor Paulo Teixeira Caboclo tinha outra grandeza. Além de ser poeta – fizera versos a Sacadura Cabral e a Gago Coutinho, à chegada deles à ilha de Fernando de Noronha –, sabíamos que deixara Manaus por imposição do governador, que se vira aflito na Alemanha durante a guerra, acusado de espionagem, que combatia o Doutor Artur Bernardes, presidente da República, e que durante as férias, em virtude disso, fora preso, levado ao Rio de Janeiro e metido na geladeira. Mas ali estava como dantes, todo teso, pequenino, a ensinar os verbos franceses, metido no colarinho engomado, com as entradas do cabelo mais subidas ainda. Enchera-me de entusiasmo, na fazenda, o artigo que lhe valera o calabouço, publicado na *Voz do Ribeirão*, que meu tio assinava desde a minha ida para o Ginásio. Falava da liberdade de pensamento, do respeito pela dignidade humana, acusava os tiranos de assassinos da consciência, e acabava por concluir que o Brasil era um feudo de meia dúzia de capangueiros. O resultado foi aquele: ser catrafilado e crucificado na cadeia. Mas resistia valentemente, e todos o considerávamos um herói, e o respeitávamos como tal" **(A Criação do Mundo, p. 147-48).**

JOSÉ MONTEIRO RIBEIRO JUNQUEIRA

José Monteiro Ribeiro Junqueira, ou simplesmente Dr. Ribeiro Junqueira, como ficou conhecido por todos, nasceu na fazenda Niagara, no distrito de Santa Isabel (Abaíba), município de Leopoldina, no dia 27/08/1871. Filho do casal José Ribeiro Junqueira e de Antônia Augusta Lobato Monteiro Junqueira, ou Antônia Augusta Monteiro Lobato Galvão de São Martinho.

Casou-se com sua prima, Helena de Andrade Ribeiro Junqueira, filha de Joaquim Cândido Ribeiro e Maria Esmene de Andrade Ribeiro, proprietários da fazenda Pensilvânia, em Leopoldina.

Iniciou os estudos na fazenda do pai e, posteriormente, foi para o colégio em Barbacena/MG. Cursou direito em São Paulo/SP, onde colou grau em 1894. No mesmo ano, elegeu-se deputado pelo Sul de Minas e, em 1898, reelegeu-se pela Zona da Mata.

Presidiu a Câmara Municipal de Leopoldina entre 1897 e 1902. Elegeu-se agente executivo - cargo que equivale ao de prefeito - de Leopoldina/MG em 1903. Nesse mesmo ano, tornou-se deputado federal pelo PRM – Partido Republicano de Minas Gerais, cargo para o qual foi reeleito seguidas vezes até 1930. Novamente, foi eleito agente executivo de Leopoldina/MG em 1910. Foi ainda senador e Secretário de Agricultura do Estado, no governo de Olegário Maciel e, durante muitos anos, dominou a política local.

Importante cafeicultor e pecuarista mineiro, foi membro do Instituto Mineiro do Café e representante de Minas Gerais no Conselho Nacional do Café.

Juntamente com seu irmão Custódio, fundou o Ginásio Leopoldinense, instituição de destaque pelo elevado nível do ensino oferecido, tendo sido seu diretor entre 1925 e 1927. Fundou o Banco Ribeiro Junqueira, cuja sede funcionava no encontro das ruas Cotegipe e Ribeiro Junqueira.

Em 1926, ajudou a fundar, ainda, a Fábrica de Tecidos de Leopoldina que, durante muito tempo, foi a maior empregadora da cidade e a responsável pela construção das casas para os operários que formaram o bairro que ainda hoje leva o nome de “Fábrica”.

Ribeiro Junqueira foi também, em 1905, um dos fundadores da Companhia Força e Luz Cataguases-Leopoldina (atual Energisa), fornecedora de energia elétrica para vasta região, bem como da Casa de Caridade Leopoldinense, por todos conhecida como Hospital.

Em 1911, fundou a construtora Zona da Mata e, em 1895, o jornal “Gazeta de Leopoldina”, talvez o mais longevo dos periódicos da cidade.

Embora, como político, o Dr. Ribeiro Junqueira tenha tido seus adversários e contestadores, o que é natural na vida política, é justo afirmar que ele foi um líder que muito fez por Leopoldina/MG e que, por isso, é merecedor das homenagens a ele prestadas na cidade. Sua escolha, por sua neta Déa Lustosa Junqueira, para patrono da cadeira nº 03 da Academia Leopoldinense de Letras e Artes reafirma a sua importância para a área cultural de Leopoldina e é uma maneira de preservar a sua memória.

José Monteiro Ribeiro Junqueira faleceu em 14/05/1946, no Rio de Janeiro/RJ[1].

[1]Fonte de pesquisa: **https://www25.senado.leg.br/web/senadores/senador/-/perfil/1962**. Acesso em 05.07.24.

JUDITH LINTZ GUEDES MACHADO

A professora Judith Lintz Guedes Machado inscreve-se entre as mais célebres figuras do magistério leopoldinense. Professora de português, no Colégio São José e no antigo Gymnásio (hoje Escola Estadual Professor Botelho Reis) por longos anos, tornou-se, pela seriedade de seu trabalho, pelo seu inegável talento e carinho com os alunos, uma mestra inesquecível.

Provinha de uma família de educadores. As irmãs Alaíde e Calíope foram também professoras e, com Judith, fundadoras do tradicional Colégio São José, hoje extinto, que sempre funcionou no prédio da família, à Rua Barão de Cotegipe, 101, em Leopoldina. Não obstante, todos os sete irmãos de Dª. Judith estiveram, de alguma maneira, ligados a atividades culturais em Leopoldina.

Judith Lintz, a "Dª. Judith", como era conhecida por seus alunos, nasceu na cidade de Aiuruoca, Minas Gerais, aos 19/04/1897, tendo falecido em Leopoldina no dia 09/03/1990. Cumpriu, portanto, quase um século de dedicação à família e à educação.

Era filha do Dr. José Martiniano Barroso, que fora diretor do Grupo Escolar Ribeiro Junqueira, até o ano de 1923, quando teve morte prematura, e de Dª. Ignácia de Souza Lintz.

Em sua vida docente, lecionou, além de Língua Portuguesa, Moral e Cívica e História.

Casou-se em Leopoldina, aos 19/01/1939, com seu colega de magistério, o professor Joaquim Guedes Machado, em segundas núpcias deste. Machado enviuvara-se de Laura Barroso Machado (Laura Lambert, nome de solteira), com quem tivera cinco filhos: Luís Fernando, Joaquim, José, Cecília e Aristides. Da. Judith esteve casada com o Prof. Machado por 35 anos, até o falecimento deste em 28/05/1974. Dessa união são as filhas Therezinha Lintz Guedes Machado, professora de matemática, e ex-funcionária da ONU em Genebra, Suiça, e Maria Aparecida Lintz Machado Silva, professora de português. Ambas aposentadas e residentes em Leopoldina.

Foi, Dª. Judith Lintz, uma mulher ativa e estudiosa. Gostava de piano e de leitura. Costumava dizer que "para se afastar da solidão bastava ter Deus no coração, pessoas sinceras ao lado e um bom livro nas mãos". Tinha como suas marcas mais evidentes a simplicidade nos gestos, a bondade e um ostensivo carinho por seus alunos.

Pela importância e expressão de seu nome na história do magistério leopoldinense, ele é hoje designação de um importante educandário inaugurado em dezembro de 1997, na Av. dos Expedicionários, Bairro Bela Vista, em Leopoldina. É a "Escola Municipal Judith Lintz Guedes Machado".

Entre 1950 e 1957, ocupou a cadeira de Português, do Colégio Leopoldinense. Suas aulas eram sempre ministradas na Sala-3. Dª. Judith dava muita ênfase ao estudo da análise sintática. Os alunos tinham que aprender, ainda que a custo de muita repetição, a dissecar corretamente os termos essenciais de uma oração, os termos integrantes, acessórios, vocativo – tudo na ponta da língua.

Por isso e por muito mais, Dª. Judith sempre esteve entre aqueles mestres "que fazem a diferença". Se o Colégio Leopoldinense desfrutou de prestígio e fama nos meios educacionais do Estado e do País, foi por obra criativa, conjunta, de professores bem preparados e dedicados, como Dª. Judith Lintz. Ninguém aprende a escrever ou a interpretar textos, sem boas noções de análise sintática.

Dª. Judith, a par da meiguice e do cuidado quase que maternal com seus alunos, sabia ensinar e sabia, principalmente, priorizar o que era mais importante para a educação deles.

Arnaldo Spíndola Maximiano

CLÓVIS SALGADO DA GAMA

"Conheço a extensa galeria das personalidades brasileiras e posso afirmar, com conhecimento de causa, que nenhuma o excede em preparo, eficiência, lealdade e nobreza."

Assim Juscelino Kubitschek, em carta datada de 14/05/1973, se referiu ao nosso conterrâneo que, se vivo fosse, teria completado 100 anos em 20/01/2006.

Leopoldina celebra, com muito orgulho, um de seus filhos mais ilustres e, na minha opinião, aquele de maior projeção nacional e que produziu obras de maior consistência na medicina, na cultura e educação. Mas quem foi este que hoje é nome da maior e mais importante fundação cultural da capital mineira?

Nascido em Leopoldina em 20/01/1906, dia da celebração de nosso padroeiro São Sebastião, foi cirurgião e ginecologista formado pela UFRJ e professor catedrático da faculdade de medicina da UFMG, onde também foi diretor, exercendo este cargo até o ano de sua morte (1978).

Na política, foi vice-governador de Minas na gestão de Juscelino e governador quando este se desincompatibilizou para candidatar-se a presidente (de 31/03/55 a 31/01/56). Nessa ocasião, saiu publicado no "Diário de Minas": "JK sai, assume Clóvis Salgado. Sai Diamantina, entra Leopoldina." Em seguida, foi ministro da educação e cultura do presidente Juscelino Kubitschek, novamente vice-governador de Minas (de 1961 a 1966) e secretário estadual de saúde de Israel Pinheiro (1967 a 1971).

Casado com a soprano Lia Salgado (nome de nosso conservatório), teve 3 filhos: Clóvis Augusto, Virgínia Helena e Marília.

E o que ele fez que tanto o projetou? Para começo de conversa, deu suporte aos governos de Juscelino, inclusive colocando as forças armadas de Minas em prontidão para garantir a legalidade democrática e permitir a posse de Juscelino como presidente eleito.

Pela saúde, criou o Hospital de Ginecologia de BH (1937), fundou a Cruz Vermelha em Minas (1942), organizou a Escola de Auxiliares de Enfermagem (1950), construiu os hospitais Bias Fortes, Borges da Costa, da Cruz Vermelha e das Clínicas e dirigiu o hospital São Vicente de Paulo e a Maternidade São José, todos na capital do Estado.

Com refinado gosto pela arte, foi marco da cultura mineira ao realizar grande encontro de arte em Ouro Preto, quando governador, reunindo nomes como Camargo Guarnieri, Menotti del Picchia, Cecília Meireles e Cacilda Becker, o que foi o embrião do Festival de Inverno da UFMG. Criou também o teatro Marília, a Fundação de Educação Artística, a Sociedade Coral e a Orquestra Sinfônica de Minas Gerais.

Como ministro, criou o Teatro Nacional de Comédia (1956), o Museu Villa-Lobos e as Casas do Brasil em Paris, Londres e Madri. Foi ainda um dos fundadores da Universidade de Brasília e fundou o Instituto Superior de Estudos Brasileiros, iniciativa que o levou a ser perseguido pelo regime militar entre 1964 e 1967. Ao retornar a Minas, como Secretário de Estado, idealizou o Palácio das Artes de Belo Horizonte, por volta de 1970.

E para sua terra, o que ele fez? Enquanto governador, criou o Conservatório Estadual de Música e transformou o Ginásio Leopoldinense em escola pública, ampliando o acesso à educação a quem não podia pagar. Como ministro, organizou a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo, tendo Leopoldina como plano piloto. Criou a Escola Parque, o Centro de Formação de Professores no bairro Fortaleza e a Biblioteca Pública Municipal.

Hoje, empresta nome a uma praça no bairro Bandeirantes e a uma avenida no bairro São Cristóvão.

José Gabriel Couto de Viveiros Barbosa

MARIA MACHADO RODRIGUES

"A menina magrinha surpreendeu pela vivacidade e beleza.
O porte franzino fez jus ao apelido - Pequetita.
Adulta, se tornou forte e alta.
Mas o apelido ficou".

Maria (Pereira) Machado Rodrigues, carinhosamente conhecida como "Pequetita", nasceu na Fazenda Santa Maria, no distrito de Piacatuba. Faleceu no Rio de Janeiro, aos 93 anos, e foi sepultada em Leopoldina. Era filha de Theóphilo José Machado e Maria (de Oliveira) Pereira Machado, conhecida como "Lira". Pelo lado paterno, era neta de Ana Venância da Silva e João José Machado. Pelo materno, era neta de Anastácia Valverde e Manoel Pereira Valverde

Iniciou seus estudos na Escola Rural Mista da Colônia Agrícola da Constança, no bairro da Boa Sorte. Posteriormente, entre 1928 e 1930, cursou a Escola Normal de Leopoldina atual Colégio Imaculada Conceição. E, em 11/12/1930, concluiu o curso de normalista.

Ainda solteira, lecionou em escola rural, na propriedade do senhor Lourival de Castro, às margens da atual BR 116, na localidade conhecida como Km 104, entre a Fazenda do Socorro e a divisa de Leopoldina com S. A. do Aventureiro e, no distrito de Piacatuba, na região denominada Vargem Linda ou Lajinha.

Em 02/06/1937, casou-se com seu primo, João Rodrigues (de Oliveira). E, nesses anos, tornou-se professora da rede pública estadual, sendo lotada na escola rural mista da Vargem Linda, onde lecionou por alguns anos.

Nessa época, a região da Vargem Linda era muito pobre de recursos e as pessoas muito simples. Quase todas vivendo de atividades da lavoura e eram poucas as que sabiam assinar o próprio nome. Até mesmo proprietário de terras jamais frequentou escola regular. Era um tempo em que a simples e elementar ideia de alfabetizar as crianças contava com poucos adeptos, porque os menores eram úteis na ajuda aos pais na lavoura, atividade compreensivelmente prioritária por representar, em muitos casos, a própria sobrevivência.

Com esforço e ajuda do marido, Pequetita tomou para si a tarefa de visitar as propriedades para o trabalho inicial de "alfabetizar os pais para educar os filhos", pois guardava a convicção de que era preciso convencer os adultos da importância do aprendizado dos filhos e mostrar-lhes a necessidade de organizar o tempo para alfabetizá-los. O célebre "Está na hora do estudo!..." utilizado com os filhos para incutir-lhes a ideia do estudar sempre, precisava ser levada a todas as famílias.

Paralelamente, para os meninos e meninas que não podiam comprar cadernos, por vezes, ela costurava folhas de papel de embrulho para que pudessem anotar as aulas. Em consequência de todos esses trabalhos, ela passou a desfrutar de bom conceito profissional, mercê de sua dedicação, notável eficiência didática e empenho pessoal no desenvolvimento dos alunos.

Por volta de 1942, para cuidar das terras herdadas por ele e sua mãe, João se viu obrigado a mudar. O casal passou a morar no Sítio Puris, fração da antiga Fazenda Puris. Pequetita consegue sua transferência e passa a lecionar na escola rural mista do Bairro da Onça, que funcionava precariamente em compartimento anexo à capelinha de Santo Antônio (Igrejinha da Onça). Mas, como o local era desprovido de conforto, com ajuda do marido, sem ônus e com a concordância do poder público, ela remanejou a escola temporariamente para imóvel mais adequado, no Sítio Puris, de propriedade da família.

Em 20/06/1946, Pequetita solicitou exoneração e encerrou a sua carreira no magistério para dedicar-se unicamente à família. E, em 1954, para facilitar a educação dos filhos, sacrificados com idas e vindas, a cavalo, ao Colégio e ao Grupo, o casal adquiriu casa na cidade e para ela se mudou. E ali morou até o falecimento do marido, em março de 1974, quando Pequetita, para ficar perto dos filhos, transferiu-se para o Rio de Janeiro/RJ.

Maria (Pereira) Machado Rodrigues é patrona da cadeira 6 da Academia Leopoldinense de Letras e Artes.

OILIAM JOSÉ

Com base no que ficou registrado em suas obras, principalmente nos seus livros *Reflexões & Defesas e Toques de Esperança e de Luz*, sabe-se que Oiliam José era filho de Chámel José (Chámel Assad Iussef) e Gurra José (Gurra Habib Couri). Seu pai, de origem libanesa, era um modesto professor que teria vindo para o Brasil para cumprir sua missão de ensinar e educar. Um professor de sólida formação intelectual e cultural, indiferente às questões materiais e possuidor de uma firme convicção cristã. O casal Chámel e Gurra tiveram os filhos: Oiliam, Miguel, Melik, Antonio (Monsenhor Chámel, muito conhecido em Leopoldina), Judith e Júlia.

Oiliam nasceu a 09/02/1921, em Visconde do Rio Branco, e faleceu em Belo Horizonte, a 23/02/2017. Fez o curso primário em São Geraldo/MG. Iniciou o curso ginasial em Viçosa/MG e o terminou em Visconde do Rio Branco/MG. Estudou Contabilidade em Miracema/RJ e na Escola Técnica de Comércio de Leopoldina. Concluiu o curso de Direito pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Casou-se com Maria da Glória de Almeida José e deixou os filhos: Hercília, Cristina e João Hermano.

Profissionalmente sempre esteve ligado à educação, cultura e religião. Foi auxiliar de disciplina e professor do Ginásio Rio Branco. Lecionou Português e História no Colégio São Paulo, em Muriaé, e, na mesma cidade, lecionou Literatura Portuguesa na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Santa Marcelina. Em Leopoldina, lecionou História, Português e Filosofia no Ginásio Leopoldinense e, nomeado professor estadual para as cadeiras de História, Português e Filosofia, lecionou no Colégio Estadual Professor Botelho Reis. Sobre esse trabalho, em Leopoldina, deixou o seguinte depoimento no Jornal do Encontro dos 90 Anos do Ginásio:

"Coloco minha passagem, como professor, no Colégio Leopoldinense, hoje Escola Estadual Professor Botelho Reis – 1o e 2o graus, entre 1949 e 1971, como um dos pontos mais elevados de meu magistério. Nessa tão querida e saudosa missão, ensinei e aprendi, conheci a graça de inesquecíveis alegrias, ao lado de sábios mestres e alunos dignos de admiração".

Em Leopoldina, Oililam foi, além de professor, presidente da Federação das Congregações Mariana da Diocese e membro e dirigente do Conselho de Administração da Diocese. Presidiu a Ação Católica da Diocese de Leopoldina. Exerceu a função de advogado da Diocese de Leopoldina e foi redator do antigo jornal quinzenal publicado sob a responsabilidade da Diocese. Nessa época, dirigiu, também, a Tipografia Diocesana São José, onde era impresso o jornal, diversos impressos e formulários para atender à Diocese e vários livros.

Após deixar a cátedra, Oiliam mudou-se para Belo Horizonte/MG, onde assumiu a função de redator, no Palácio da Liberdade e no Palácio dos Despachos.

Como escritor, o professor Oiliam abordou diversos assuntos sendo os principais: História, Historiografia, Biografia, Sociologia, Literatura, Etnologia, Poesia, Memórias e Religião. E nos deixou como legado mais de três dezenas de títulos de livros publicados, além de um número expressivo de outros trabalhos onde aparece como autor, parceiro ou colaborador.

O reconhecimento por sua produção intelectual se confirma pelo fato de integrar várias instituições culturais, como: Academia Mineira de Letras; Academia Ubaense de Letras; Academia Rio-Branquense de Letras; Academia de Letras e Artes Mater Salvatoris de Salvador (BA); Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais; Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo; Instituto Histórico e Geográfico de Juiz de Fora; Instituto Histórico e Geográfico de Visconde do Rio Branco; Instituto Genealógico Brasileiro; Movimento Poético Nacional, São Paulo; Ordem do Almocafre, distinção concedida pelo IHGMG, Belo Horizonte (grau comendador).

Foi também agraciado com premiações e condecorações, tendo recebido, dentre outras, as seguintes distinções: Medalha de Prata Santos Dumont e Medalha de Honra da Inconfidência, do Governo do Estado de Minas Gerais; Medalha Israel Pinheiro, do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais; Medalha Presidente Juscelino Kubistchek, em Diamantina, do Governo do Estado de Minas Gerais.

Sobre seu legado intelectual, avalia o professor Luiz de Melo Sobrinho, seu ex-aluno e hoje acadêmico que o homenageia:

"Como Historiador, o Prof. Oiliam conta histórias que a História conta; mas conta também histórias que a História não conta. E o faz com densidade de conteúdo, abundância e riqueza de detalhes, mais a objetividade e a clareza de Viriato Correa, porém com mais encanto e leveza. [...]".

Prof. Luiz de Melo Sobrinho, Prof. Oiliam José, José do Carmo Rodrigues, Dr. Ronald Alvim Barbosa no dia 20.10.2010 nos 50 anos de Oiliam José na Academia Mineira de Letras

JOÃO BARROSO PEREIRA JÚNIOR

João Barroso Pereira Junior[1], o Barrosinho, segundo Mário de Freitas, ou, Barroso Júnior, como assinava suas obras, nasceu no dia 05/02/1903, em Queluz/SP. Filho do português João Barrozo Pereira e de Carolina Barrozo Pereira. Neto paterno de Antonio Barrozo Pereira e Maria Affonso Pereira e, materno, de Joaquim José Teixeira Filho e Ephigênia Bernarda Teixeira. Em 1927, em Aparecida do Norte/SP, casou-se com Maria Aparecida de Azevedo Barroso.

Segundo consta, por curto período, Barroso Júnior teria estudado em Lavrinhas, então município de Lorena/SP. Em 1924, ainda na sua terra natal, alistou-se para o serviço militar.

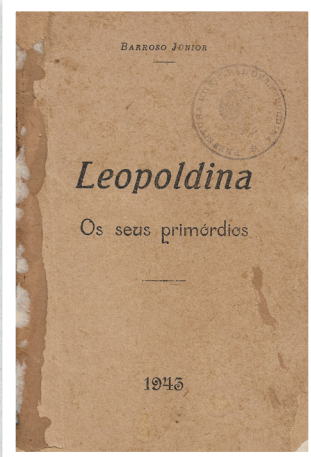
No ano seguinte, tem o registro de sua primeira participação em atividade cultural em Leopoldina, como um dos sócios fundadores do Grêmio Lítero-Artístico Augusto dos Anjos, início de sua longa e valiosa colaboração para o desenvolvimento cultural da cidade.

João Barroso Pereira Júnior foi professor e proprietário de um colégio em Visconde do Rio Branco/MG. E foi, também, funcionário público, bibliotecário, jornalista, historiador e memorialista.

Como funcionário público, sabe-se que, em 1955, pertencia ao quadro de técnico de Educação, do Ministério da Educação e Cultura. Em maio do ano seguinte, trabalhava no Instituto Nacional de Surdos-Mudos e foi designado para prestar apoio à Fundação Catarinense de Educação Especial e ao Instituto de Surdos-Mudos de Florianópolis/SC, na divulgação de curso para formação de professores do ensino para alunos com deficiência auditiva.

A título de cooperação do Ministério com a administração do Município de Leopoldina, foi designado para proceder a estudo para organização do Departamento de Cultura na cidade. E, como procurador da Prefeitura, dentre outras iniciativas, assinou acordo com o MEC e a Campanha Nacional de Educação para construção de quadra de esportes, a "Praça de Esportes" que funcionava nas proximidades do Parque de Exposição, no centro da cidade. Ainda como funcionário do MEC, foi nomeado primeiro Diretor da Biblioteca Municipal de Leopoldina, então instalada em parte do segundo andar do Colégio Estadual Professor Botelho Reis.

Como jornalista, escreveu, dentre muitos outros, em 1932, um artigo especial publicado na revista "Eu Sei Tudo", por conta dos 100 anos do início do povoado que se transformou na cidade de Leopoldina/MG. Para a revista "Dom Casmurro", em 1941, sob o título "Nirvana da Leopoldina", escreveu sobre Augusto dos Anjos, onde afirmou que o poeta "procurou nas montanhas mineiras novos ares à saúde combalida". E, para a "Revista Acaiaca", edição comemorativa do Centenário de Leopoldina, escreveu longo artigo sobre a história de Leopoldina desde o nascimento do povoado em 1831, num excelente registro de fatos ocorridos e pessoas que viveram no antigo povoado do Feijão Cru.



Como historiador e memorialista, brindou a todos, em 1943, com a sua principal obra literária, o livro *Leopoldina e seus Primórdios,* contando uma boa parte da história da cidade, obra que coroa sua atividade como memorialista e o credencia a ser considerado um dos mais destacados da cidade de Leopoldina.

João Barroso Pereira Júnior faleceu no Rio de Janeiro em 04/01/1963 e foi sepultado em Leopoldina.

Por toda a sua obra, sem favor algum, este patrono está entre os que mais lutaram pelo desenvolvimento cultural da cidade.

[1]Luja Machado e Nilza Cantoni, Jornal Leopoldinense, Coluna Trem de História n. 53 a 57.

ANTÔNIO SÉRGIO LIMA FREIRE

Antônio Sérgio Lima Freire (Serginho do Rock) nasceu no dia 26/10/1940, na chácara dos avós paternos, hoje na rua Farmacêutico Durval Bastos, bairro de Fátima em Leopoldina/MG. Filho de Antônio Bastos Freire, Tonico Bastos, e de Marília de Lima Freire, D. Sinhazinha.

Cursou o primário no Grupo Ribeiro Junqueira e no antigo Colégio Santa Terezinha, em Leopoldina; o Curso Ginasial, no colégio Santo Antônio (de freis franciscanos) em São João Del Rei/MG, vindo a completá-lo no Ginásio Leopoldinense. Serginho não se revelou "bom aluno", fazia 1 ano em 2, diz Dª. Sinhazinha, e no Curso "Básico", sendo "obrigado", foi para o internato em Petrópolis/RJ e Rio de Janeiro/RJ.

Seu gosto pela música (sua sina musical, como cantava) foi despertado já na adolescência, quando o violão passou a ser seu companheiro inseparável. Participava de programas musicais na "Rádio Leopoldina", cantando e dançando rock, daí o apelido "Serginho do Rock".

Foi, durante 10 anos, funcionário da Caixa Econômica Federal no Rio de Janeiro. Cansado da vida na cidade grande, retornou a sua terra natal, começando a trabalhar como secretário da Câmara dos Vereadores, cargo que exerceu durante 22 anos. Bem mais tarde, mais ou menos em 1975, já funcionário da Câmara Municipal de Leopoldina, cursou o magistério no CNEC, onde reinava numa turma feminina. Na FAFIC, Cataguases, fez o curso superior de História, colecionando, em sua "Biblioteca Particular Heródoto de Helicarnasso", volumes valiosos sobre a área. Cursou até o 3º ano, não optando pelo diploma, mas por uma vasta cultura literária e uma rica filosofia de vida.

Participou, como redator, dos jornais "Equipe" e "A Tocha". Foi criador do Grupo "Girassol Maravilhoso", que teve sua bandeira hasteada pela primeira vez em 09/07/1983, data esta comemorada até hoje. Anteriormente, mais exatamente em outubro/1982, criou o "Hipnótico", órgão oficioso do 'Girassol Maravilhoso". Assim o explicou: "Quando parece ser viável sermos compreendidos mesmo brincando com as palavras ou rasgando o verbo, é bom escrever; quando é possível registrar dentro do contexto descompromissado um ato ou vários atos que foram intensamente vividos, é bom escrever sobre isso; quando esses atos refletem fidelidade em uma alegre filosofia de vida, é bom ficar brigando com a gramática e buscando as palavras que venham expressar bem ou mal, momentos felizes que, se não forem devidamente registrados, estão fadados ao esquecimento. Daí a ideia do "Hipnótico", primeiro órgão de imprensa particular voltado inteiramente em divulgar histórias ou estórias de um bando sem glórias. É particular porque só receberia exemplares deste mensário, aqueles que julgarmos merecedores deste ato benevolente e altíssimo".

Serginho Rock, mais poeta que cantor, cantou sua cidade. Foi defensor da ecologia, da natureza; e homenageou amigos em suas belas canções. Possui mais de 80 composições, sendo as mais conhecidas O Morro do Cruzeiro e Mineira Gostosa. Esta se tornou música e letra oficial do Município por iniciativa do vereador Antônio Valentim, aprovada por unanimidade e instituída pela Lei 2.783, sancionada pelo então prefeito municipal Dr. José Roberto de Oliveira. Outro sucesso - Canto meu Ensimesmado - retrata a própria vida do autor.

Serginho encantou várias gerações, tendo fãs de 08 a 80 anos. Era pessoa de extrema sensibilidade, escondida atrás de sua aparência de "desligado", "debochado" e, às vezes, "mal-humorado". Guardava pequenas lembranças da infância, retratos inéditos da família, familiares e amigos no "pequeno grande mundo" do seu quarto - onde viveu e foi encontrado morto, por sua mãe, na manhã de 07/08/1995, com 54 anos de idade. Serginho deixou 02 irmãs, Marília Lima Freire (falecida a 15/01/1998) e Maria Aparecida Freire Rezende (Cidinha), e, o único sobrinho, Marcio Freire Rezende, incumbidos, juntamente com seus amigos e o grupo do Girassol Maravilhoso, de divulgar sua obra. Hoje, são dois CD's lançados, e outros dois para lançamento a médio prazo.

Maria José Baia Meneghite

MAURO DE ALMEIDA PEREIRA

1915 - 2001

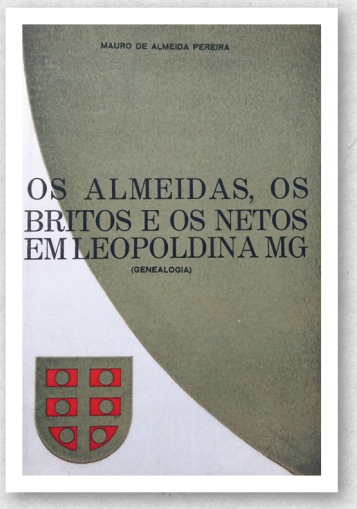
Mauro de Almeida Pereira era filho do português Joaquim Caetano Pereira e da leopoldinense Carmelita de Almeida. Por sua mãe, descendia de Antônio de Almeida Ramos e Maria de Oliveira Pedroza, que são ancestrais de boa parte da população leopoldinense.

Os pais casaram-se em 1908 e faleceram dez anos depois, deixando seis órfãos que foram criados por seus padrinhos ou tios. Mauro, então, veio para a terra natal de sua mãe, passando a viver em companhia do tio Franciso d'Almeida, escrivão de Paz e Oficial do Registro Civil do então distrito de Recreio.

Fez seus primeiros estudos em Recreio, foi aluno do Curso Comercial do Ginásio Leopoldinense (1932-1936), Secretário da Administração Municipal de Recreio (1939-1944) e, em 1945, foi nomeado Oficial do Cartório de Notas de Leopoldina. Em 1938, casou-se com Alzira Bretas. Tiveram dois filhos.

Mauro de Almeida Pereira produziu textos memorialísticos e históricos. Utilizando-se de fontes ditas primárias - os registros documentais do Cartório de que era titular - elegeu os temas que julgou merecedores de serem (re)lembrados. Ao mesmo tempo, trilhando caminhos próprios dos historiadores, elaborou algumas análises que o fizeram mergulhar em outras fontes em busca de esclarecimentos. Desse percurso, surgiram os vários temas dos artigos que publicou e surgiu, também, sua obra genealógica, que trouxe para seus contemporâneos algum conhecimento sobre o maior grupo de povoadores do Feijão Cru.

Ao publicar o livro *Os Almeidas, os Britos e os Netos em Leopoldina/MG*, em 1966, antecipou uma prática que viria a se tornar comum cerca de duas décadas depois. Deu nome aos esquecidos, aos simples, aos homens e mulheres comuns que formaram o Curato de São Sebastião do Feijão Cru e se organizaram para obter sua emancipação administrativa. Por meio da genealogia, fez partícipes da mesma saga aqueles primeiros moradores e seus descendentes que, ao se verem representados numa obra impressa, tiveram suas identidades reforçadas pelo elo de sangue com os desbravadores. Na mesma época publicou, na "Revista Genealógica Latina" de 1966 e 1967, *Árvore de Costado da Família Bretas Pereira*. Em 1972, divulgou o folheto "Notas Complementares" e deixou inéditos os estudos *Laços Genealógicos das famílias de Mauro de Almeida Pereira e Alzira Bretas Pereira*, cidade de Rio Pomba/MG e outros textos genealógicos que foram publicados na obra póstuma *O Escrivão*, em 2015, organizada por sua nora Maria José Lara de Bretas Pereira.



Os escritos de Mauro Almeida iluminam a visão de mundo do escrivão/escritor que dedicou boa parte de sua vida a pesquisar e escrever sobre Leopoldina. Naqueles em que tratou do cotidiano, retratou a sociedade de sua época, como se comportava, como se sentia, que valores carregava. Já nos textos classificados como históricos, trouxe ao conhecimento público muitos fatos que haviam se perdido na memória coletiva. Em alguns momentos, transcreveu o conteúdo de antigas fontes, tornando públicas algumas informações que hoje são encontradas apenas em seus escritos.

Os textos que saíram nos jornais "O Verbo e Voz da Cidade", do vizinho município de Recreio/MG, tratam de problemas específicos do ex-distrito de Leopoldina, onde ele foi criado e exerceu o cargo de Secretário Municipal de Administração quando da emancipação do município. Alguns ressaltam personalidades de destaque naquela comunidade. Nos jornais leopoldinenses "Gazeta de Leopoldina", "Ilustração", "Reencontro", "Equipe" e na revista "Almanaque do Arrebol", Mauro expressou suas preocupações com os problemas municipais e manifestou opinião sobre assuntos do cotidiano.

Na "Gazeta de Leopoldina" e no jornal português "Defesa do Espinho" foram publicadas suas impressões sobre uma viagem pela Europa em 26 artigos que foram republicados na mencionada obra *O Escrivão* junto com 10 textos publicados nos jornais de Recreio e 34 publicados nos jornais de Leopoldina.

Nilza Maria Almeida Santos

FRANCISCO DE PAULA FERREIRA DE REZENDE

"Filho, neto e bisneto de mineiros, eu quase que poderia dizer que nunca saí de Minas; pois que a não ser o tempo apenas que estudei em São Paulo e o de algumas viagens, poucas e muito rápidas, que tenho feito à Corte, nunca tive realmente outra morada que não fosse no seio desta terra em que nasci, cujas idéias e sentimentos assimilei com o leite, com o ar e com os anos; e pela qual, por isso mesmo talvez, é tão grande e é tão sem cálculo o amor que sinto, quanto é grande e quanto é sério o orgulho que ela me inspira"[1]

Francisco de Paula Ferreira de Rezende nasceu a 18/02/1832 na cidade de Campanha/MG. Filho de Valério Ribeiro de Rezende e de Francisca de Paula Ferreira de Rezende. Na cidade natal e principalmente na fazenda Bom Jardim viveu boa parte da infância e juventude.

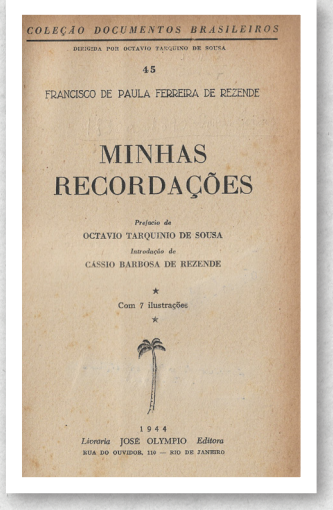
Em 1849, aos dezessete anos, carregando as suas primeiras ideias republicanas, partiu para São Paulo, onde concluiu o bacharelado em Ciências Jurídicas e Sociais (Advocacia). Formado, regressou à Campanha/MG e assumiu os cargos de Promotor Público, Curador Geral de Órfãos e Promotor de Capelas e Resíduos. No final do ano seguinte, foi nomeado juiz municipal e de órfãos, em Queluz/MG, atual cidade de Conselheiro Lafaiete/MG.

Em 1861, não tendo sido reconduzido ao cargo por injunções políticas, Rezende se aborreceu, abandonou a magistratura e empreendeu viagem para São Fidélis/RJ, onde imaginava fixar residência e dedicar-se à advocacia, mas um reencontro no caminho mudou seu destino.

Conta ele que chegou a Leopoldina com a intenção de pernoitar e seguir viagem. Mas, por mero acaso, encontrou aqui um ex-colega de faculdade, Gabriel de Paula Almeida Magalhães, o Bié, que, ouvindo sua história, convidou-o insistentemente para fixar residência em Leopoldina. Ele aceitou o convite e nunca se arrependeu.

Nessa época, Leopoldina era apenas uma pequena Vila. Uma Vila que, segundo ele, incluindo o bairro da Grama, que ficava um pouco distante, possuía não mais que 70 ou 80 casas. E, bem próximo dela, Rezende ainda conheceu um aldeamento de povo originário.

Certo é que ele fixou residência em Leopoldina onde, além de advogado, se tornou proprietário de uma chácara nas proximidades do atual bairro do Rosário, de onde doou a primeira gleba de terra para a construção do atual cemitério da cidade. E adquiriu uma fazenda nos arredores da Vargem Linda, de cujas terras saíram bons carregamentos de café.


COLEÇÃO DOCUMENTOS BRASILEIROS

DIRIGIDA POR OCTAVIO TARQUINIO DE SOUSA

45

FRANCISCO DE PAULA FERREIRA DE REZENDE

MINHAS RECORDAÇÕES

Prefacio de
OCTAVIO TARQUINIO DE SOUSA
Introdução de
CASSIO BARBOSA DE REZENDE

Com 7 ilustrações

1944

Livraria JOSÉ OLYMPIO Editora

RUA DO OUVIDOR, 110 — RIO DE JANEIRO

Nas horas vagas, anotava, para futuros textos de jornais e livros, detalhes das vidas sua e da cidade. Detalhes que ainda hoje são subsídios importantes para quantos busquem estudar o passado de Leopoldina. Detalhes, muitos deles, reunidos em *Minhas Recordações*[2], obra que se tornou fonte onde beberam, bebem e beberão os interessados pelo passado da cidade e de boa parte da terra mineira.

Além disso, Rezende era um admirador do ideário republicano. Um admirador tão apaixonado a ponto de buscar, nos grandes republicanos de Roma, os nomes para três de seus filhos (Cássio, Flamínio e Mânlio) e de mudar para Filadélfia a denominação da fazenda adquirida, para lembrar a primeira república americana. E este gosto pela política o fez até ser escolhido pelos liberais de Leopoldina para ocupar o cargo de Deputado Provincial (Deputado Estadual). Experiência que lhe causou grande decepção, conforme deixou registrado em suas recordações: *"O pouco que cheguei a ver da alta política bem depressa me desencantou de todas essas lutas em que as idéias inteiramente desapareciam para cederem, sem pejo nem lógica, o seu lugar às piores paixões e a um interesse muitas vezes sórdido".*

É este o patrono da cadeira nº 11: um homem que residiu em terras leopoldinenses durante 31 anos. Desde a sua chegada, em 1861, à partida para a Capital, em 1892, quando deixou em definitivo a política e a vida na roça para retornar à área jurídica com a nomeação para a Superior Magistratura. Um cidadão que viveu aqui mais da metade da sua vida e deixou para a cidade o registro de boa parte de sua história e memória.

José Luiz Machado Rodrigues

[1]Minhas Recordações, Francisco de Paula Ferreira de Rezende, Rio de Janeiro, 1944, Coleção Documentos Brasileiros nº 45, José Olympio, 1ª edição, p. 41; [2]Minhas Recordações, Francisco de Paula Ferreira de Rezende, Rio de Janeiro, 1944, Coleção Documentos Brasileiros nº 45, José Olympio, 1ª edição, p. 406 e seguintes.

MANOEL FUNCHAL GARCIA

Manoel Funchal Garcia[1] ou, simplesmente, Funchal Garcia, nasceu em Leopoldina/MG no dia 03/02/1889 e faleceu no Rio de Janeiro/RJ em 30/06/1979. Filho dos portugueses Alfredo Garcia Ribeiro e Mariana dos Prazeres Funchal.

Fez seus primeiros estudos em sua terra natal. Seguiu depois sua carreira de estudante na cidade do Rio Grande/RS e no Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro/RJ. Estudou desenho e pintura com Maurício Jobim, Honório da Cunha Melo e César Formenti.

Foi professor, pintor, paisagista, jornalista e escritor.

Trabalhou em Carangola/MG, cidade onde tem sua profissão e nome homenageados em uma rua. Em 1915, era professor do Ginásio Carangolense e, em 1917, lecionava na Escola Normal Arthur Bernardes da mesma cidade, ao lado, dentre outros, do Prof. Joaquim de Souza Guedes Cardoso Menezes Machado. Lecionou, também, em Faria Lemos. Em 1927, voltou para Leopoldina para tomar novamente o destino de Carangola poucos anos depois, sob contrato com o Instituto Propedêutico Carangolense. Posteriormente, fixou-se no Rio de Janeiro/RJ, onde trabalhou até aposentar-se como professor do ensino secundário.

Em 1950, foi encarregado de pintar os lugares onde se travaram os maiores combates da Campanha de Canudos e outros recantos dos sertões da Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe.

Funchal Garcia é também o autor do mural do conjunto da concha acústica da Praça Félix Martins, que retrata a lenda do Feijão Cru. O artista pertenceu à Associação dos Artistas Brasileiros, à Sociedade de Homens de Letras do Brasil, à Academia Valenciana de Letras e à Academia Municipalista de Letras de Minas Gerais, como representante do município de Leopoldina. Reconhecido em nossa cidade, empresta seu nome a uma avenida do bairro São Cristóvão e é o patrono da cadeira nº 12 da Academia Leopoldinense de Letras e Artes - ALLA.

Diversos trabalhos seus a lápis, a bico de pena, a óleo, aquarela ou pastel, receberam elogios e alguns deles, prêmios. A tela "Pontão da Bandeira", por exemplo, em 1939, foi escolhida para exposição na Galeria de Ciências e Artes da Feira Mundial de Nova York e na Exposição Internacional de São Francisco, na Califórnia.

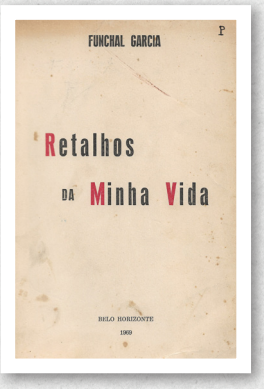
Além das suas obras como pintor, Funchal Garcia escreveu comédias e novelas e, como jornalista, se destacou publicando matérias em diversos jornais e revistas de Minas Gerais e do Rio de Janeiro, marcando importante presença nessa área, conforme consta na introdução do seu livro *Cachimbo e Cachaça, Verdade e Fumaça.*

Em 1937, Funchal Garcia publicou o seu primeiro livro: *Memórias de Ivan Trigal*, uma autobiografia

Do Litoral ao Sertão é seu segundo livro, no qual relata suas viagens pelo interior do país, em especial, a sua estada em Canudos, onde obteve o depoimento de testemunhas remanescentes da tragédia conhecida como Campanha ou Guerra de Canudos.

Escreveu, também, *Retalhos da Minha Vida*, em que retorna ao assunto do seu primeiro livro e passagens de sua vida. Dois anos depois, lançou *Cachimbo e Cachaça, Verdade e Fumaça*, de cuja introdução se conclui que ele deixou inéditos "livretes e livros".

Segundo Paulo Mercadante, Funchal Garcia *"pincelava a exuberância da natureza, a graça dos "flamboyants". [...] O brado tropical, irrompendo nas margens dos riachos, crescia com força não sufocada. Um modo de ser bandeirante, que de pincel e tela, procurava o trecho de beleza escondida. Alcançando as colinas, com os barrancos já feridos pela erosão, a perspectiva era ampla e iluminada".*



[1]Extraída da coluna Trem de História, do Jornal Leopoldinense, edições 366 a 372 – nov/2018 a jan/2019.

OSWALDO FRANÇA JÚNIOR

Oswaldo França Júnior é escritor mineiro, nascido na cidade do Serro/MG. Fez seus estudos de 1º grau no Serro/MG, em Belo Horizonte/MG e em Ouro Preto/MG. Ingressou na Aeronáutica em 1953, cursando a Escola Preparatória de Cadetes do Ar de Barbacena/MG, terminando o curso de formação de Oficiais Aviadores em 1959.

Especializou-se em aviação de combate em Fortaleza/CE, servindo após em Porto Alegre/RS e, novamente, em Fortaleza/CE. No entanto, sua carreira militar foi bruscamente interrompida pelo golpe de 1964, quando foi acusado de subversão. Após deixar a aeronáutica, dedicou-se à literatura, exercendo, simultaneamente, várias atividades. Seu primeiro livro, *O viúvo*, foi publicado em 1965. Mas foi com *Jorge, um brasileiro*, escrito em 1967, que ganhou o cobiçado Prêmio Walmart e se projetou no universo literário. O romance *Um dia no Rio* surgiu em 1969. Com extraordinário vigor e visão, o autor apresenta acontecimentos ocorridos em 1968, época em que o país presenciara as grandes manifestações estudantis, apoiadas por consideráveis parcelas da população e combatidas pelas forças repressoras.

Nos anos seguintes, lança: *O homem de macacão* (1972); *A volta para Marilda* (1974); *Os dois Irmãos* (1976); *As lembranças de Eliana* (1978); *Aqui e em outros lugares* (1980); *À procura dos motivos* (1982); *O passo bandeira* (1984); *As laranjas iguais* (1985); R*ecordações de amar em Cuba* (1987); *No fundo das águas* (1987), último romance do autor publicado em vida. O escritor morreu prematuramente, em 1989, num período de franca produção literária, vítima de um acidente na estrada Belo Horizonte - João Monlevade. Também nesse ano, foi publicado seu último romance, *De ouro e de Amazônia.*

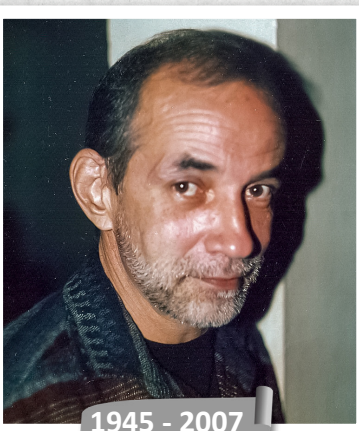
A acadêmica e professora de literatura Maria José Ladeira Garcia - que aqui homenageia este importante escritor mineiro como seu patrono - dedicou-se ao estudo e à divulgação de sua obra, tema de sua tese de doutorado intitulada "O percurso humano em busca de identidade pela memória na tríade ficcional de Oswaldo França Júnior", defendida na Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 30/06/2008. Outro estudo da obra do escritor foi apresentado no artigo "As águas de mnemósine em A procura dos motivos de Oswaldo França Júnior". Convidado pela acadêmica, Oswaldo França Júnior esteve em Leopoldina proferindo palestra sobre temas da literatura e sobre sua obra.

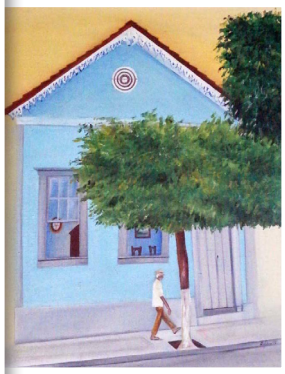
"Por ter sofrido diretamente os efeitos da ditadura militar logo em 1964, o romancista teve aguçada percepção da condição social do país; por isso, percebe-se, na obra, uma preocupação com a realidade brasileira, como os efeitos dos empreendimentos tecnológicos que, muitas vezes, acabam produzindo uma certa melancolia no homem brasileiro, sobretudo nas pessoas simples que formam o povo."

"E, assim, França Junior vai tecendo fios da mineiridade, pautados nas ações do cotidiano, por meio de suas histórias, realçando a solidariedade do mineiro, pois os relatos são frutos da própria experiência do autor em suas andanças pelas Gerais."
Maria José Ladeira Garcia sobre a obra de Oswaldo França Júnior.

"Um excelente romancista.
Um dos melhores escritores de ficção do Brasil."
Rubem Braga

LUIZ RAPHAEL DOMINGUES ROSA





O meu patrono na cadeira 14 da ALLA é Luiz Raphael Domingues Rosa, também conhecido como Fael, Iso ou Mordomo do Augusto, por causa de seu interesse e conhecimento sobre a vida e obra do poeta paraibano Augusto dos Anjos, que morreu em Leopoldina.

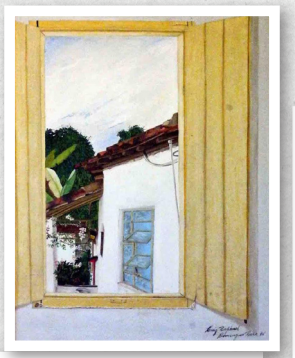
Foi artista visual, professor, animador cultural, pesquisador, carnavalesco e grande batalhador pela cultura na nossa região. Sua presença e sua atuação deixaram marcas positivas na vida de Leopoldina.

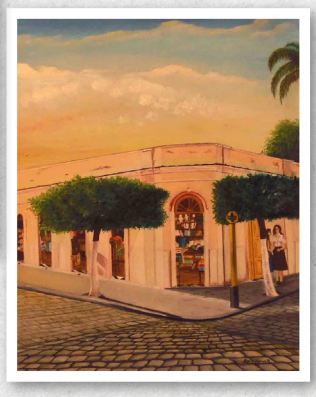
Morou alguns anos no Rio de Janeiro e depois retornou a Leopoldina, onde, na casa onde viveu e morreu o poeta Augusto dos Anjos, criou o Espaço dos Anjos, uma escola livre de desenho e pintura. Durante 25 anos - sem nenhuma ajuda oficial - manteve o Espaço aberto e se tornou um guardião da obra do poeta paraibano e também do passado e do presente de Leopoldina, projetando a cidade nacionalmente. Pertenceu profundamente à sua terra e foi também um cidadão do mundo. Sempre tinha uma palavra de incentivo aos que estavam se iniciando na pintura e na literatura.

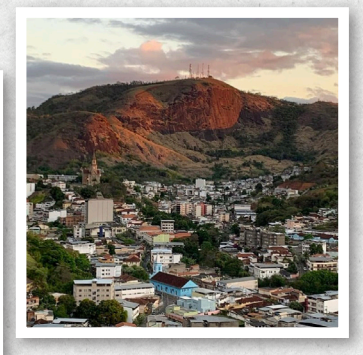
Éramos muito amigos e, quando eu chegava a Leopoldina vindo do Rio, depois de almoçar a deliciosa comida caseira da Dona Lulu, mãe do Fael, ia para o Espaço onde nós passávamos horas discutindo sobre a pintura dele e questões ligadas à arte da cidade, do Brasil e do mundo.

Com paciência, sensibilidade e pincéis pequenos, desenhou e pintou lugares que muitas vezes já desapareceram, mas sobrevivem na nossa lembrança. Diante de sua pintura, sentimo-nos como se Raphael nos pegasse pela mão e nos levasse a percorrer e a apreciar a cidade que ele tanto amou.

Elias Fajardo da Fonseca







DILERMANDO MARTINS DA COSTA CRUZ

Dilermando Martins da Costa Cruz nasceu em Leopoldina/MG no ano de 1879, filho do Dr. Custódio José da Costa Cruz e de Gabriela Augusta da Costa Cruz. Em Leopoldina/MG, foi introduzido nas primeiras letras e, mais tarde, enviado para a cidade de Ouro Preto/MG, para estudar no Colégio Mineiro. De lá, foi transferido para Barbacena/MG, prosseguindo os estudos no Ginásio Mineiro de Barbacena. Formou-se em Direito. Mas, além de advogado, foi jornalista, delegado de polícia no Distrito Federal, em 1917, e Curador de Massas Falidas no Rio de Janeiro/RJ, em 1926.

Na primeira década do século XX, Dilermando teve que se mudar para Juiz de Fora/MG, para cuidar da saúde da esposa. Lá ele fundou, em 1906, o jornal o "Correio da Tarde", do qual foi proprietário e diretor. Foi, também, colaborador do "Pharol", um dos periódicos de maior circulação de Juiz de Fora/MG. Em 1909, participou da fundação da Academia Mineira de Letras, ocupando a cadeira número 15, cujo patrono é Bernardo Guimarães.

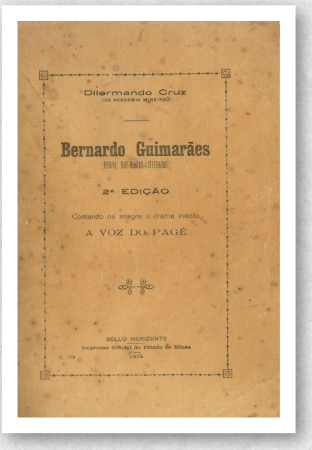
Como jornalista, chegou a colaborar com a "Gazeta de Leopoldina", de propriedade de José Monteiro Ribeiro Junqueira, tendo publicado, neste jornal, algumas de suas poesias. Também em Leopoldina fundou e dirigiu o jornal "Folha do Leste", que aqui circulou apenas por dois anos. Teve participação, também, na revista "O Mensal", em Barbacena/MG, da qual era redator.

Escreveu para jornais importantes do Rio de Janeiro/RJ, como "O País", principal periódico republicano do Brasil, que circulou entre os anos de 1884 e 1930. Quintino Bocaiúva foi seu redator-chefe, de 1885 até o início do século XX. Em suas páginas escreveram, dentre outros, Rui Barbosa, Fernando Lobo, Joaquim Serra, Alcindo Guanabara, Urbano Duarte e Joaquim Nabuco.

A partir de 1908, Dilermando Cruz publicou suas "Cartas de Minas", na "Gazeta de Notícias", periódico republicano fundado na década de 1870 e que circulou até o final da década de 1950. Nesta coluna, sem uma periodicidade regular, fez uma espécie de crônica política de Minas Gerais. A política era uma de suas paixões. Por época de seu aniversário, em 17/09/1909, o jornal postou uma nota de felicitações na qual enaltece as habilidades literárias do leopoldinense: *"Dilermando Cruz, colaborador da Gazeta de Notícias, além de ser jornalista que conhece os segredos do metié, é um poeta de inspiração e um cronista fluente e apreciado".*

Como poeta, publicou *Primeiras Rimas* (1896) e *Diáfanas* (1908). Em prosa, publicou as *Palestras Literárias*. Deixou um romance, *O Anacoreta*, inédito. Mas sua obra mais citada e discutida no meio literário é *Bernardo Guimarães*, perfil bio-biblio-literário.

Dilermando Cruz mudou-se para Juiz de Fora/MG, mas Leopoldina/MG sempre esteve presente em suas memórias. Refere-se com carinho à sua terra natal em uma nota final de seu livro, *Bernardo Guimarães e Palestras*, lamentando não ter podido incluir, entre os textos publicados, duas palestras que proferiu em Leopoldina, antes de partir para Juiz de Fora/MG: "Neste volume deveriam estar incluídas mais duas palestras: uma sobre o Bello, proferida em dias do mês de abril de 1901, no salão da Câmara Municipal de Leopoldina, por ocasião da festa inaugural de um Club Recreativo; outra, proferida no Theatro Alencar, da mesma cidade, sobre a Saudade, por ocasião da sessão solene do aludido Club Recreativo, em homenagem ao autor que retirava de Leopoldina para Juiz de Fora".


Dilermando Cruz

Bernardo Guimarães

2ª EDIÇÃO

Contendo na íntegra o drama inédito

A VOZ DO PAGÉ

BELLO HORIZONTE

A biografia e a obra de Dilermando Cruz são um patrimônio perdido no tempo. De sua obra, pouco foi preservado, de sua vida, pouco se sabe. Falar de Dilermando Martins da Costa Cruz é resgatar um pedaço da memória de Minas Gerais e de Leopoldina/MG, que, decididamente, não pode e não deve ser perdida. Dilermando Cruz nos deixou em 1935.

Natania Aparecida da Silva Nogueira

Do escritor Pedro Nava sobre Dilermando Cruz:

"O Dr. Dilermando (Martins da Costa) Cruz era um leopoldinense fixado em Juiz de Fora. Fino, elegante, calvo desde muito moço e usando bigode e barbicha que disfarçavam seu ligeiro prognatismo superior. Tinha uma dentadura esplendida e era dono do sorriso mais contagioso que se possa imaginar. Eu adorava ir com meu pai à sua casa, por causa dele, dos seus filhos e sobretudo do ambiente de que conservei uma impressão veludosa e colorida. Vastos claros de paredes brancas, pardos de mobílias lustrosas, verde musgo de cortinas e panos de mesa, compondo natureza morta onde as cores eram surdas e sem estridência como nos quadros de Bracque. (...) Estudei sua lembrança, a de seus filhos, a de sua esposa e afinal a de sua residência. Era esta que me levava a ligá-lo a Georges Bracque – porque ele morava, sem mais nem menos, dentro de uma natureza morta do mestre. Obrigado, Dr Dilermando, obrigado! Por suas salas cuja arrumação e cujas tintas me prepararam para entender as guitarras, violinos, facas, jarros e travessas de beleza mitológica e de cor abafada do pintor fovista e cubista. Depois soube que o Dr. Dilermando era poeta." (Nava, 1983, p. 317).

CUSTÓDIO MONTEIRO RIBEIRO JUNQUEIRA

Custódio Monteiro Ribeiro Junqueira nasceu na fazenda Niagara, no distrito de Santa Isabel, atual Abaíba, município de Leopoldina/MG, no dia 25/02/1875. Filho do casal José Ribeiro Junqueira e de Antônia Augusta Lobato Monteiro Junqueira, ou Antônia Augusta Monteiro Lobato Galvão de São Martinho.

Iniciou os estudos na fazenda do pai. Cursou o secundário no Colégio Abílio, no Rio de Janeiro/RJ e, em 1897, concluiu o curso de medicina pela Faculdade de Medicina ou Escola Nacional de Medicina do Rio de Janeiro.

Após a formatura, veio clinicar em Leopoldina/MG. Aqui, manteve consultório, foi diretor médico da Casa de Caridade Leopoldinense, presidiu a Sociedade de Medicina de Leopoldina e exerceu, por muitos anos, o cargo de delegado de higiene do município.

Em 1899, casou-se com Emereciana Botelho Reis Junqueira, filha do major Olímpio Meirelles de Souza Reis e Helena de Andrade Botelho Reis, com quem teve oito filhos.

Por um período de dois anos, trabalhou em Antuérpia, na Bélgica, como fiscal dos serviços de recebimento de café das cooperativas de Minas Gerais.

Retornando à terra natal, voltou à clínica médica e à vida de empresário e político. Foi eleito vereador para representar o distrito de Santa Isabel em 1904 e vereador geral na legislatura seguinte. De 1912 a 1922, atuou como Agente Administrativo, cargo equivalente ao atual prefeito municipal.

Por volta de 1907, adquiriu a Fazenda Desengano, hoje no perímetro urbano, onde passou a residir.

Juntamente com seu irmão, José Monteiro Ribeiro Junqueira, participou ativamente da criação de grandes empreendimentos que transformaram a cidade na ocasião. Seu nome está entre os criadores da Cia Força e Luz Cataguases-Leopoldina, empresa sucedida pela atual Energisa. Em 1906, colaborou com a fundação do "Gymnasio Leopoldinense", atual Escola Estadual Prof. Botelho Reis e da Escola Normal do mesmo "Gymnasio" que, em 1915, deu origem ao Colégio Imaculada Conceição.

É oportuno registrar que, segundo o Almanack do Arrebol[1], a 03/06/1906, tiveram início as matrículas para os alunos do curso ginasial e, em 01/12/1906, as dos alunos do curso normal do Ginásio. E, em curto espaço de tempo, o Ginásio Leopoldinense passou a ministrar os cursos primário, secundário, normal e aprendizado agrícola. Ainda no início de 1912, foi criada a Escola de Farmácia e Odontologia do Ginásio Leopoldinense, e o nome do Dr. Custódio Junqueira estava lá, inclusive, na lista dos professores[2].

Vale lembrar que, em 1921, foi extinto o curso de odontologia. Por volta de 1929, o mesmo ocorreu com a Escola de Farmácia. Em 1946, o Ginásio foi adquirido pelo Bispado de Leopoldina.

Mas o Dr. Custódio Junqueira continuou trabalhando pela cidade. Em 1926, participou da criação da Fábrica de Tecidos de Leopoldina, responsável pela construção das inúmeras casas para os operários que formaram o bairro ainda hoje conhecido como "Fábrica". E foi um dos fundadores e acionista da Casa Bancária, que se tornou Banco Ribeiro Junqueira, onde exerceu a função de diretor-gerente.

Dr. Custódio Junqueira faleceu aos 66 anos de idade, em 19/03/1941. Hoje, empresta seu nome a uma rua do centro da cidade e, merecidamente, pelo muito que fez pela educação e cultura da cidade, foi indicado patrono da cadeira nº 16 da Academia Leopoldinense de Letras e Artes.

[1]Elias Abrahim Neto, Almanack do Arrebol ano III, no 08, de 03.06.86, p. 6 e seguintes. [2] José Luiz Machado Rodrigues e Nilza Cantoni, Nossas Ruas, Nossa Gente, 2ª edição, Leopoldina, MG, Academia Leopoldinense de Letras e Artes – ALLA. p. 62.

CÂNDIDA MARIA DE JESUS

Juana Josefa Cipitria y Barriola, que mais tarde se tornou Madre Cândida Maria de Jesus, nasceu em Andoain, em 31/05/1845. Filha primogênita de Juan Miguel Cipitria (tecelão) e de Maria de Jesus Barriola.

Devota de Nossa Senhora desde tenra idade, amava ajudar os pobres. Após descobrir, aos 10 anos, "que Jesus estava presente na Eucaristia, não teve mais sossego"[1]. Posteriormente, recusou pedido de casamento e se declarou "toda e só para Deus". Sua dedicação apostólica cresceu a ponto de "considerar o mundo pequeno para seus desejos de salvar irmãos".

Em 1868, aos 23 anos, passou a morar em Valladolid. Lá, pelas mãos do Padre Herranz, seu professor e diretor espiritual, Juana Josefa cedeu lugar a Cândida Maria de Jesus, que foi logo chamada a fundar uma obra de educação cristã para a mulher, como meio de salvar almas.

Assim, em 1871, nasceu, em Salamanca, a Congregação das Filhas de Jesus, nome que revela fortemente a espiritualidade que Cândida Maria de Jesus desejava transmitir. Aos 26 anos, ela se tornou a legítima superiora da primeira comunidade das Filhas de Jesus. Num primeiro momento, as atividades da Congregação alcançaram várias partes da Espanha. Em seguida, foi a vez do Brasil. A missão consistia em estender o Reino de Cristo ao mundo inteiro, evangelizando por meio da educação. Nessa perspectiva, foi inaugurado, em 1911, o Colégio Imaculada de Pirenópolis. Madre Cândida não acompanhou as Irmãs. Permaneceu nos Mostenses (um lugar de paz e fé, afastado da cidade) "orando, sacrificando-se, suplicando e confiando".

Em 1912, Moji Mirim veio a se tornar a segunda base, no Brasil, para a realização dos anseios de Madre Cândida. Nesse mesmo ano, após 41 anos de serviços prestados a Deus, Madre Cândida faleceu em 9 de agosto, aos 67 anos. Seu passamento foi sereno, tranquilo, resumindo o estado de sua alma: *"tranquilissimamente tranquila, com a certeza da missão realizada, a trajetória plenamente cumprida".*

Apesar do seu falecimento, a obra de Madre Cândida teve seguimento. Em 1918, as Filhas de Jesus chegaram a Leopoldina e o Colégio Imaculada Conceição logo entrou em atividade. Outras unidades estão localizadas em Bragança Paulista/SP, Campinas/SP e Belo Horizonte/MG. As Filhas de Jesus mantêm ainda obras sociais no Rio de Janeiro/RJ, Belo Horizonte/MG e Montes Claros/MG, atuando fortemente em comunidades inseridas em meios populares.

A grande lição transmitida por Madre Cândida é a "fecundidade de seu exemplo". *"Confiança, amor, adesão à vontade de Deus, aceitação do sofrimento, busca da glória de Deus, consciência da gratuidade"* são traços marcantes do seu carisma.

Ademais, ela nos deixou uma obra efetiva: a Congregação das Filhas de Jesus cujo propósito maior é a "formação cristã da infância e da juventude". Sua proposta pedagógica revela-se simples, mas extremamente fecunda na busca de promover o desenvolvimento integral da pessoa, priorizar a educação na fé, bem como despertar a dimensão comunitária e corresponsável na Igreja e no mundo.

Valores como solidariedade, fraternidade e fé alicerçam os colégios organizados segundo o ideal educativo de Madre Cândida. Em Leopoldina/MG, o Colégio Imaculada Conceição (CIC) é uma fonte viva de propagação desses nobres valores, educando crianças e jovens sempre com muito "amor e alegria".

Antônio Dias Pereira Filho

[1]BARBOSA, Maria Amélia de Almeida. Ao fim do mundo eu iria. Belo Horizonte: Fumarc, 1984, p. 24.

ANTÔNIO AUGUSTO DE LIMA

Augusto de Lima, poeta e magistrado, nasceu em Congonhas de Sabará/MG (hoje Nova Lima), em abril de 1859. Iniciou seu curso de humanidades no Seminário de Mariana. Cursando depois o Seminário do Caraça, desistiu de ser padre e foi prestar exames preparatórios em Ouro Preto/MG, tendo ingressado, em 1878, na Faculdade de Direito de São Paulo.

Fundou, em 1880, a Revista de Ciências e Letras. Formou-se em Direito em 1882, tendo, durante o curso, exercido o jornalismo, no qual se mostrou propagandista das ideias da República e da Abolição. Passou a colaborar na imprensa, sobretudo no jornal "O Imparcial", às vezes sob pseudônimos.

Voltou a Minas, onde foi nomeado promotor do Termo de Leopoldina/MG e, em 1885, era juiz municipal. Em 1889, foi designado Chefe de Polícia do Estado, em Ouro Preto/MG.

Agitava-se, naquela ocasião, o problema da mudança da capital do Estado de Minas e a tese de Augusto de Lima era a de que a nova capital devia ser instalada no antigo Curral de El Rei, depois Belo Horizonte/MG, ponto de vista que era também o do Barão de Lucena, ministro da Justiça. Foi nomeado presidente do Estado, mas não quis, por si só, fazer a mudança do governo. Submeteu o assunto ao Congresso Constituinte e só três anos depois, em 1898, transferiu-se para Belo Horizonte/MG, a capital do Estado. Augusto de Lima deu o seu nome a uma das mais belas avenidas de Belo Horizonte/MG.

Deixando o governo do Estado, voltou ao seu posto de juiz, servindo na capital. Ao fundar-se a Faculdade de Direito de Minas Gerais, foi escolhido para ser um dos professores, indo reger a cadeira de Filosofia do Direito, acumulando com o cargo de diretor do Arquivo Público, até 1910. Nesse ano, foi eleito deputado federal pelo seu Estado, sendo reeleito em várias legislaturas. Na campanha política de 1929-1939, da qual resultou a vitória da revolução, teve parte relevante, pronunciando memoráveis discursos.

Augusto de Lima casou-se com Vera Monteiro de Barros Suckow de Lima na "Fazenda de Sans Souci", em Leopoldina/MG, dias depois da abolição da escravatura, em 22/06/1888. O primogênito filho do casal, Augusto de Lima Jr., renomado historiador, nasceu em nossa terra, onde aportara o pai.

Augusto de Lima tomou posse na Academia Brasileira de Letras em dezembro de 1907, referindo-se à língua portuguesa, material com que se erigiu o poema *Os Lusíadas*, como "obra de arte à prova de séculos e de fronteiras", e à atividade acadêmica como "obra imortal", desprovida da pretensão da imortalidade dos seus autores, por ser a *"eternização da pátria na coeficiência da sua mais alta cultura na cristalização perene da sua alma."*

Em 1934, foi eleito para a Assembleia Constituinte, e dela fazia parte, quando teve de submeter-se a uma cirurgia, vindo a falecer, fato ocorrido no Rio de Janeiro/RJ, em 22/04/1934.

Rodrigo Iennaco de Moraes

GERALDO DE VASCONCELLOS BARCELLOS

Geraldo de Vasconcellos Barcellos[1] nasceu em Alvinópolis/MG, na Zona Metalúrgica, em 07/02/1914. Era filho de Manoel Cotta de Barcellos e Roselmira de Vasconcellos Barcellos. Casou-se aos 27 anos, aproximadamente, com Elza Conceição Mazzeo Barcellos, com quem viveu quase 50 anos, só não completando bodas de ouro - como narra em sua comovida apresentação do livro *Para Elza*, por ter a esposa falecido em 1991. O casal teve uma filha de nome Lucília.

Após estudar Humanidades, em Mariana/MG, graduou-se em Farmácia e Química, em Ouro Preto/MG, em 1937, e concluiu o curso de Direito, em Niterói/RJ, em 1943, pela Faculdade de Direito de Niterói (hoje, Universidade Federal Fluminense). Seu profissionalismo e sua vocação dividiam-se, principalmente, entre a Advocacia e o magistério, embora tenha se destacado também como conferencista e escritor – prosador, orador e poeta. E como poeta escreveu versos como estes do soneto "A Palavra"[2]:

"A palavra! Eis aí a dádiva estupenda ,
dom de Deus sem igual à humana criatura.
O homem por ela só a si se recomenda
e entre os seres se eleva e em luz se transfigura".

Ainda jovem exerceu o magistério em Mariana e Ouro Preto/MG, onde lecionou Latim, Português, História e Geografia. Depois, em Valença/RJ e Leopoldina/MG, assumiu cadeiras de Química, História Natural, Português, Literatura Luso-Brasileira e Sociologia. Em Muriaé/MG, lecionou Filologia e Literatura Brasileira, na Faculdade de Filosofia Santa Marcelina. Exerceu a advocacia em Leopoldina/MG e em comarcas diversas, atuando como criminalista, durante mais de quatro décadas.

Professor Barcellos era membro da Academia Municipalista de Letras de Minas Gerais e da Academia de Letras Marianense.

Entre suas obras publicadas destacam-se, além do citado *Para Elza*, de 1996, editado no Rio de Janeiro/RJ; *Antologia Leopoldinense; Na Seara do Evangelho*, 1959, cujo prefácio é do professor Lydio Machado Bandeira Mello; A*lvinópolis em Literatura*, publicado em colaboração em 1973; R*osas de Maio*, seu discurso de posse na AMULMIG, em 1975; *Momento Poético,* de 1978, em participação; *Alma e Coração*, uma apologia ao Papa João Paulo II, de 1980; *O poder da Palavra*, uma oração paraninfal na Faculdade de Filosofia de Muriaé/MG; P*anorama da Literatura Alvinopolense*, de 1992. Publicou, ainda, artigos diversos e poemas nos jornais: "O Cruzeiro", de Mariana/MG, "O Minas Gerais" e "O Diário", de Belo Horizonte/MG, "O Valenciano", de Valença/RJ e "Gazeta de Leopoldina". Numerosas, também, são as suas obras inéditas, que abrangem: Poesia, Filologia, Bioquímica, Biologia e Direito.

Recebeu o título de Cidadão Leopoldinense por relevantes serviços prestados ao ensino, ao direito e à cultura da cidade que escolheu para viver e servir.

Professor Barcellos faleceu em Leopoldina, com quase 84 anos de idade, em 15/10/1997, data em que se comemora o "dia do professor".

[1] Texto extraído do discurso de posse do acadêmico e do livro "Para Elza", Geraldo de Vasconcelos Barcellos, Rio de Janeiro, 1996. [2]"A Palavra", Livro "Para Elza", Geraldo de Vasconcellos Barcellos, Rio de Janeiro, 1996, p.137.

JÚLIO FERREIRA CABOCLO

Júlio Ferreira Caboclo nasceu em Manaus, no Amazonas, em 25/09/1901. Era filho de José Liberato Ferreira Caboclo e Maria Eliza Ferreira[1].

Em 16/08/1923, casou-se com Esther Fialho, viúva de Augusto dos Anjos e com ela teve as filhas: Selma, em 1924, e Elida, em 1925, ambas nascidas em Leopoldina, e Maria Elisa, nascida em São João Nepomuceno, em 21/05/1931 e falecida em 06/06/1931, quatro dias depois da morte de Esther.

Ao se casar com Júlio, Esther Fialho tinha um casal de filhos, Glória e Guilherme Augusto, do seu casamento com Augusto dos Anjos. Viúvo, com duas filhas menores e os dois enteados do primeiro casamento de Esther, Júlio casou-se uma segunda vez, com Lygia de Macedo Cerqueira, em 21/06/1933, em São João Nepomuceno. Com ela teve as filhas Guaynubi, em 1934, e Apalaís, em 1936, nascidas em Nova Friburgo, e o filho Júlio César Cerqueira Caboclo, nascido em São João Nepomuceno em 1943.

Em 1938, em carta resposta enviada de São Paulo ao amigo Blair de Abreu, residente em São João Nepomuceno, Júlio Caboclo se mostra um homem angustiado, acossado, com saudades da mulher e das filhas e se declara uma pessoa "incontentável, que nasceu fora da época ou, noutros intermúndios".

Por essa época Júlio estava envolvido com política, tendo participado da Ação Integralista Brasileira, cujas atividades foram proibidas após a Constituição Brasileira de 1937. Acabou sendo preso e perseguido politicamente.

Júlio Caboclo dedicou grande parte de sua vida a ensinar. Sua história como professor, embora ainda incompleta, parece ter tido início quando desembarcou no Rio de Janeiro, com aproximadamente vinte anos, em busca de "uma colocação", conforme declarou à Polícia Política de Minas Gerais anos mais tarde.

Por volta de 1920, foi admitido como professor em Santo Antônio de Pádua/RJ e, provavelmente, em 1922, se transferiu para Leopoldina/MG, onde passou a lecionar português, francês, geografia e história no então Gymnásio Leopoldinense. É dessa passagem pelas salas do Gymnasio a descrição que dele fez Miguel Torga, poeta e médico português que foi seu aluno: "todo teso, pequenino, a ensinar os verbos franceses, metido no colarinho engomado, com as entradas do cabelo mais subidas ainda".

Júlio Caboclo, em Leopoldina, foi um dos primeiros a estimular o culto à obra e à pessoa de Augusto dos Anjos. E de tal modo o fez, que se tornou uma figura indissociável da trajetória de Augusto dos Anjos entre a juventude leopoldinense, o que, sem dúvida alguma, está na base do que a cidade guarda do poeta.

Além de ter sido um dos fundadores e presidente do Grêmio Lítero-Artístico Augusto dos Anjos, em 23/06/1925, em Leopoldina - segundo o jornal "O Paiz" e a "Revista Brasil Progresso" da época - foi com o apoio de Júlio Caboclo que, para comemorar o décimo segundo aniversário de morte de Augusto dos Anjos, em 1926, o Grêmio promoveu uma romaria ao túmulo e uma sessão solene que incluiu a denominada Missa de Arte e a participação de vários oradores.

Na década de 1950, Júlio Caboclo se transferiu para o Rio de Janeiro, onde veio a falecer, no Hospital Pedro Ernesto, em 03/07/1969, perto de completar 68 anos de idade, conforme registrou o Jornal do Brasil de 08/06/1969.

Hoje, Júlio Ferreira Caboclo, pelo muito que fez pela educação, cultura e divulgação da obra de Augusto dos Anjos, o patrono da Academia, merecidamente é o Patrono da Cadeira nº 20 da Academia Leopoldinense de Letras e Artes – ALLA.

[1] Luja Machado e Nilza Cantoni, Jornal Leopoldinense, Leopoldina, ano VII, edições nos 267 e 268, de 16.11.14 e 01.12.14, Coluna Trem de História, p.2

ASCÂNIO LOPES QUATORZEVOLTAS

A escolha do poeta Ascânio Lopes para patrono da cadeira 21 pretende representar a homenagem da Academia Leopoldinense de Letras e Artes a um movimento protagonizado por jovens estudantes de uma escola secundária da Zona da Mata mineira, movimento que merece reconhecimento por sua importância e singularidade. Reunidos num grêmio estudantil, os "rapazes da Verde", atentos ao fecundo debate em torno da autonomia da arte e da literatura brasileira, cujo marco foi a Semana de Arte Moderna de 1922, posicionaram-se, produzindo, entre os anos de 1927 e 1929, cinco volumes da revista "modernista" "Verde". A curta vida de Ascânio Lopes, que morreu aos 23 anos, foi suficiente para que se reconhecesse o seu talento literário e o seu protagonismo nessa iniciativa.

A Semana de Arte Moderna fez barulho, provocou reações, motivou debates que buscaram, entre outras coisas - mas centralmente - "entender o Brasil"; estimulou a construção de novos projetos para a arte e a literatura brasileiras. Um desses projetos nasceu aqui entre nós, em Cataguases, entre os anos de 1926 e 1929. O grupo Verde, e a revista de mesmo nome, transportaram as discussões centradas no eixo São Paulo-Rio-Belo Horizonte para o "interior das Minas Gerais", num movimento que o crítico literário Agripino Grieco, em texto de 1929, chamou de "Interessantíssimo". Também de Leopoldina veio uma contribuição a esse movimento, do escritor Francisco Martins de Almeida, um dos fundadores de A Revista, periódico modernista de Belo Horizonte. Francisco Martins de Almeida é patrono da cadeira 08 da ALLA Jovem.

Os nove moços do movimento verde eram muito jovens. Rosário Fusco, outra importante liderança, tinha 17 anos. Ascânio Lopes, reconhecidamente o grande talento poético e intelectual do grupo, tinha 21 anos quando ajudou a fundar a revista e o manifesto do movimento.

Nascido em Ubá, Ascânio Lopes mudou-se ainda criança para Cataguases, onde foi criado pelos padrinhos. Entre os anos de 1922 e 1924, estudou no Ginásio de Cataguases. Viveu também em Belo Horizonte, entre os anos de 1925 e 1928, onde fez o Curso de Direito. Mas em maio de 1928, já com tuberculose, retornou a Cataguases, onde morreu em janeiro de 1929. Em Belo Horizonte, conviveu com importantes nomes das letras mineiras, como Carlos Drummond de Andrade e Pedro Nava. Drummond assim falou sobre ele, quando da sua morte: "Tinha 23 anos e não se poderia dizer que viveu, se não fosse a poesia, que inundou o seu minuto apressado sobre a terra. Aos 23 anos, a gente só sabe da vida o que ela consente em noticiar – muito pouco – outro pouco de que se tem a intuição, e nada mais. Salvo quando o indivíduo é poeta, caso de Ascânio Lopes e dos que, como ele, conheceram a vida sem terem tido tempo de vive-la; dos que adivinharam. Os versos ascanianos dos poemas cronológicos são adivinhações, ou por outra, prêmios de loteria que o autor ganhou sem nunca ter comprado bilhete".

Muitos de nós mineiros reconheceríamos, nos versos de Ascânio Lopes, a representação de nossa infância, de paisagens e experiências perdidas no tempo, de costumes e modos de vida deste nosso lugar.

Begma Tavares Barbosa

SERTÃO MINEIRO

Não há trigais maduros, nem canto, nem riso de vindimadores.
Mas cafezais verdes a treparem nos morros,
e arrozais a se estenderem nos alagadiços até a beira dos brejais,
e milharais simétricos,
e taboais extensos, com a paina de seda amarela a desprender-se com o vento,
e sol quente nas estradas poentas, onde passam carros chiando
e bois mansos que seguem o aboio triste do guiador,
e meninos quase nus que abrem as porteiras para os senhores que passam a cavalo.
E engenhocas de pau
e monjolos bulhentos,
e negros madraços a beberem aguardente nas vendas de beira de estrada.

Às tardes, não passam ceifeiras cantando ao sol poente,
nos caminhos brancos, desertos e nus.
Mas filas de homens lentos que voltam cansados,
com foices, machados, enxadas,
da labuta diária, do cafezal, da lavoura.

Este é o meu sertão mineiro.
Nem cantadores românticos,
nem violeiros catulos,
nem bandidos pernósticos.
Mas gente boa e ingênua, gente de Minas Gerais.

ORMEO JUNQUEIRA BOTELHO

Ormeu Junqueira Botelho foi um engenheiro, empresário e político leopoldinense. Nasceu no dia 13/03/1897, no distrito de Abaíba, município de Leopoldina/MG, terceiro filho de Francisco de Andrade Botelho e Maria Nazareth Ribeiro Junqueira. Nasceu na zona rural, na Fazenda Nyagara, uma das mais tradicionais da região. Entre os anos de 1906-1912, foi enviado a Barbacena, onde fez o curso primário no Ginásio Mineiro de Barbacena.

A trajetória de Ormeu Junqueira Botelho não pode ser resumida em algumas páginas, dadas suas ações em diversos campos. Seja como engenheiro, fazendeiro, empresário, político e filantropo, ele se destacou muitas vezes no cenário local e nacional.

Em 1917, foi diplomado engenheiro pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro e, já no ano seguinte, iniciou seu trabalho na Companhia Força e Luz Cataguazes-Leopoldina (CFLCL), hoje Energisa. Neste mesmo ano, o jovem engenheiro assumiu projetos importantes da empresa, como a planta da Estrada de Rodagem de Piacatuba e São João de Nepomuceno. Depois, realizou a locação das linhas de transmissão da Usina Maurício para toda Zona da Mata Mineira. Ainda em 1918, projetou a construção/expansão do edifício do Ginásio Leopoldinense, que seria concluído em 1926.

No dia 15/07/1924, Ormeo se casou com a carioca Dora Müller, com quem viria a ter cinco filhos: Francisco Eduardo, Gilberto, Ivan, Alice e Lya Maria. No mesmo ano, criou o Orfanato Lenita Junqueira e foi cofundador da Companhia Fiação e Tecidos Leopoldinense, na qual exerceria o cargo de presidente até aproximadamente 1965.

Em 1936, foi um dos fundadores da Companhia Industrial Cataguases, da qual foi diretor por muitos anos. Nesse mesmo ano, por iniciativa de um grupo de pioneiros, dentre eles o próprio Dr. Ormeo, foi inaugurada, em 20/06, a Exposição Agropecuária de Leopoldina, instalada em terrenos da antiga Fábrica de Tecidos. Sua presença nas exposições que foram realizadas deste então foi marcante. Fotos registram momentos nos quais recebeu medalhas, posou ao lado de animais premiados e de visitantes ilustres.

Em 1946, em razão do falecimento do senador Ribeiro Junqueira, Ormeo foi convidado para assumir a presidência do Banco Ribeiro Junqueira, onde já exercera outros cargos de importância. Mas, em razão dos muitos compromissos, concordou em ficar no cargo por um ano, encerrando a presidência no ano seguinte.

No ano de 1962, ingressou na política nacional, quando então foi eleito deputado federal. Em 1977, transferiu o cargo de Presidente-Executivo da Companhia Força e Luz Cataguazes – Leopoldina para o filho Ivan Müller Botelho, permanecendo como conselheiro durante mais de uma década.

Faleceu, na cidade do Rio de Janeiro, no dia 09/02/1990, aos 93 anos, o empresário, engenheiro, professor e político, Dr. Ormeo Junqueira Botelho , aqui homenageado pela ALLA como patrono da cadeira 22[1].

Natania Aparecida da Silva Nogueira

[1] Os dados expostos neste texto foram retirados de depoimentos e material cedido pela historiadora Maria Marta Martins Araújo.

LYDIO MACHADO BANDEIRA DE MELLO

DEUS é a Realidade preexistente
QUE condiciona a Possibilidade.
Não ser visto por nós ELE consente
para nos não tolher a liberdade.

Dá-nos um símile o estendal sidéreo:
para que o céu floresça em luz de estrelas,
deve ocultar-se o sol no outro hemisfério.

Irmão, convém refletirmos com calma:
É por amor de ti que DEUS SE vela:
para que sejas dono da tu'alma!

Em página que mantinha na internet, o saudoso acadêmico José do Carmo Rodrigues fornecia dados importantes acerca de Lydio Machado Bandeira de Mello (Abaeté/MG, 19/07/1901 – Belo Horizonte/MG, 30/09/1984). Tendo, uma feita, inquirido o magistrado Augusto Vieira acerca de seu extraordinário vulto, obteve o seguinte depoimento: *"O mestre Lydio foi um gênio. Bondoso, extremamente estudioso, suas obras de direito penal deveriam estar permanentemente na cabeceira de qualquer operador do direito. .... Suas aulas eram magistrais. Gostava de música e recebia-nos em sua casa com o maior carinho, nas nossas serenatas. Sob aquele manto de homem durão, vivia uma alma cândida, doce e amante da vida. Há muita polêmica em torno dele, mas isso acontece em relação a qualquer figura genial."*

Era uma figura singular. Meio atarracado, causava a impressão de homem solitário, pouco sociável, devotado a seus altos estudos. Em sala, dava com gravidade a sua aula. Autor de muitos livros, fascinava o título de um deles, *"Prova Matemática da Existência de Deus"*. Encantava os discípulos com coisas misteriosas como as raias de hidrogênio que reteriam, gravada *ab æterno*, toda a história do Cosmo. Essas raias têm correspondência nos registros acásicos – palavra encontrável em textos esotéricos, dizendo-se *akásico*, ou *akáshico*, na definição mais lata, o registro de tudo o que existe, independentemente de tempo e de espaço.

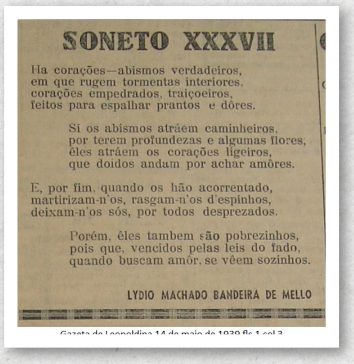
Em Leopoldina, lecionou desde a língua pátria às matemáticas e à Filosofia. Alunos relatam que a aparência de pouca sociabilidade se desfez, certo dia, quando um sorridente Professor Lydio reuniu, fora de classe, pequeno grupo de rapazes e moças interessados em poesia para a leitura de poemas próprios. Foram ao encontro compenetrados, levando seus melhores poemas para a crítica do mestre. Ele ouviu, complacente, e ao final passou-lhes um "pito": esperava que os poetas adolescentes lhe levassem poemas de amor, e eles esmeravam-se na apresentação de poemas sérios, pretensamente profundos... A partir daí, a tertúlia se desenrolou mais descontraída.

Nos inícios da década de 50, conquistou, por concurso, a cátedra de Direito Penal, e depois a de Filosofia do Direito, na Universidade de Minas Gerais, a atual UFMG.

Editou vários de seus livros caprichosamente manuscritos e multicopiados. Preocupava-se com a descrença de certas manifestações da juventude intelectual. Em compensação, aplaudia a ânsia de transcendência que via noutros jovens, à qual lhe aprazia chamar "TEOTROPISMO", isto é, "a marca, o MADE BY GOD que DEUS consubstancia em suas criaturas". Dizia que:

Filho do juiz Lydio Alerano Bandeira de Mello, pernambucano, e da mineira ítalo-descente Adélia Machado de Mello, viveu 83 anos devotados ao magistério, ao direito e à glória de Deus. Casado com Amália Introcasso Bandeira de Mello, geraram Lydio, Maria Luiza, Amália e Luiz. De cerca de 70 livros que escreveu, 44 estão "publicados e espalhados por 800 universidades do mundo". Senhor de uma erudição enciclopédica, exerceu o magistério em diversas disciplinas. A matemática e a metafísica tonificam toda a sua obra. Pode-se dizer que ensinar foi sua vida.

Anderson Braga Horta


SONETO XXXVII

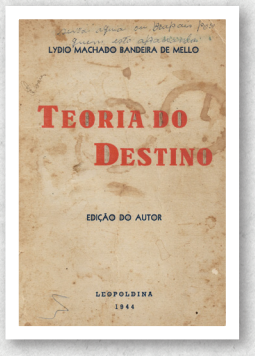
Ha corações—abismos verdadeiros,
em que rugem tormentas interiores,
corações empedrados, traiçoeiros,
feitos para espalhar prantos e dôres.

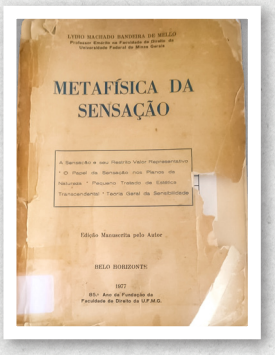
Si os abismos atráem caminheiros,
por terem profundezas e algumas flores,
êles atráem os corações ligeiros,
que doidos andam por achar amôres.

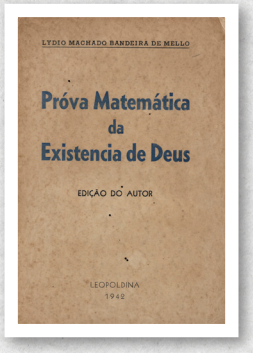
E, por fim, quando os hão acorrentado,
martirizam-n'os, rasgam-n'os d'espinhos,
deixam-n'os sós, por todos desprezados.

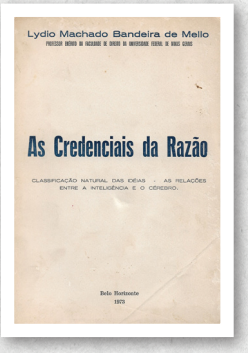
Porém, êles tambem são pobrezinhos,
pois que, vencidos pelas leis do fado,
quando buscam amôr, se vêem sozinhos.

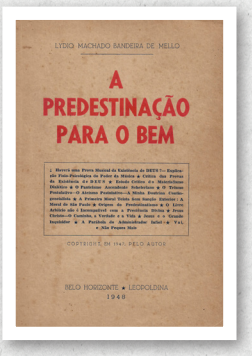
LYDIO MACHADO BANDEIRA DE MELLO











JOSÉ RIBEIRO DOS REIS

José Ribeiro dos Reis - o Zequinha, como era carinhosamente chamado - nasceu em 30/04/1899, no hoje município de Estrela Dalva/MG. Era filho do Coronel Antonio Ribeiro dos Reis e de Dona Guilhermina Andrade Reis. Casou-se em 30 de abril de 1922 com D. Maria Helena Junqueira Reis e foi residir na Fazenda do Araribá, em Providência/MG. Tiveram treze filhos.

Zequinha iniciou seus estudos em Estrela Dalva/MG, passou pelo Ginásio Leopoldinense e pela Academia de Comércio de Juiz de Fora/MG. Concluiu, também, o Curso Técnico de Comércio, no Colégio Luso Brasileiro de Petrópolis. Iniciou sua vida profissional na Casa Bancária Ribeiro Junqueira & Irmãos Botelho, onde ficou por um curto período, pois foi para Miraí ajudar o pai na administração da Fazenda Miracatu – importante produtora de café na região.

Em 1925, participou da fundação da Cia. Fiação e Tecidos Leopoldinense. A ideia da fundação da fábrica foi do Dr. José Monteiro Ribeiro Junqueira, com o intuito de promover o desenvolvimento da cidade de Leopoldina, proporcionando trabalho para a população. Mas, foi Zequinha que se destacou à frente da fábrica como um eficiente industrial.

No início, foram instalados 2.800 fusos e 100 teares para a produção de 'algodãozinho'. Com o tempo, a fábrica de tecidos se ampliou, chegando a 20.000 fusos e 600 teares. No seu entorno, foram construídas 250 casas para os funcionários.

Apesar do sólido crédito e da compreensão dos operários, a crise que afetou a indústria têxtil foi implacável. Em 1971, a empresa fechou suas portas.

Zequinha era, também, um apaixonado pelo ramo agropecuário. Em 1927, juntamente com Antônio, seu irmão, adquiriu a Fazenda Pedra Branca, em Volta Grande/MG, dedicando-se a melhorar o rebanho da raça holandesa. Foi um dos grandes responsáveis pelo desenvolvimento da pecuária leiteira no município e teve também forte influência nesse desenvolvimento no estado de Minas Gerais. Ele foi o primeiro sócio da Associação Brasileira de Criadores de Bovinos da Raça Holandesa dessa região.

Em 1936, organizou a Exposição Regional de Leopoldina, inaugurada em 20/06. Nossa Exposição Agropecuária, que para Zequinha deveria se tornar um encontro anual, realmente se transformou numa festa renomada e muito esperada na cidade. O lançamento da pedra fundamental da construção do "Parque de Exposições José Ribeiro dos Reis" ocorreu em 12/10/1937. O local é, ainda hoje, importante espaço de eventos na cidade de Leopoldina.

Com outros 25 pecuaristas, fundou também a Associação Rural de Leopoldina. Foi seu dirigente por 10 anos (1936-1947), quando saiu para assumir a Prefeitura. Em 1968, a Associação passou a se chamar Cooperativa Agropecuária Região Leste de Minas Gerais.

Como Prefeito Municipal de Leopoldina, Zequinha exerceu dois mandatos: 1948 a 1951 e 1955 a 1959. No manifesto de apresentação do projeto de lei para que o nome de José Ribeiro dos Reis fosse homenageado em um logradouro público, consta que Zequinha, em suas duas legislaturas, exerceu de maneira brilhante suas funções e demonstrou seu amor por esta terra com coragem, seriedade e abnegação.

Foi, assim, uma justa homenagem a troca do nome de Praça da Bandeira para Praça Zequinha Reis. Essa praça foi uma obra iniciada por ele nas proximidades das casas de seus operários e servia como local de lazer para a população da época.

Para todas as pessoas que o conheceram, Zequinha ainda é só elogios. Um homem bom, justo, digno, empreendedor e caridoso. Era um líder nato e nunca deixou de exercitar essa qualidade. Grande conhecedor das necessidades do campo e da cidade, sempre lutou pelo desenvolvimento do município.

Para finalizar, repito a inscrição que consta na placa na Praça Zequinha Reis: *"o trabalho de um líder é eterno, o seu espírito resiste ao tempo".*

Glaucia Maria Nascimento Costa de Oliveira

JERÔNIMA MESQUITA

Jerônima Mesquita, patrona que honra minha cadeira na Academia Leopoldinense de Letras e Artes, foi uma das figuras mais marcantes no cenário feminista e assistencialista brasileiro no início do século XX. Nascida em 30/04/1880, em Leopoldina/MG, ela cresceu em uma família abastada, recebendo uma educação privilegiada para os padrões da época. Sua trajetória, porém, não se limitou ao conforto familiar.

Jerônima tornou-se uma das mais influentes vozes na luta pelos direitos das mulheres no Brasil, além de ter desempenhado um papel crucial no desenvolvimento do escotismo e do serviço social no país. Sua vida adulta foi fortemente marcada por suas experiências no exterior. Em Paris, durante a Primeira Guerra Mundial, Jerônima trabalhou como enfermeira voluntária na Cruz Vermelha. Essa experiência transformadora não apenas ampliou seu horizonte humanitário, mas também consolidou seu compromisso com o trabalho social.

Ao retornar ao Brasil, trouxe consigo um renovado senso de dever cívico e filantrópico. Inspirada pelo movimento escoteiro, fundado por Baden Powell, Jerônima Mesquita lançou, em 1919, o Movimento Bandeirante no Brasil. Essa organização visava proporcionar às meninas educação moral, física e cívica, promovendo o desenvolvimento do caráter, disciplina e senso de responsabilidade. Sob sua liderança, o Movimento Bandeirante cresceu e tornou-se uma referência na formação de jovens mulheres, que encontraram nas atividades bandeirantes uma oportunidade de exercer a cidadania de maneira ativa.

No campo do feminismo, Jerônima teve um papel central. Como integrante da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, liderada por Bertha Lutz, ela participou ativamente da luta pelo direito ao voto feminino, conquistado em 1932. Jerônima acreditava firmemente que o sufrágio era um passo fundamental para que as mulheres ocupassem seu devido espaço na sociedade. A conquista do voto feminino foi uma vitória histórica para o movimento feminista brasileiro, com Jerônima entre as figuras centrais desse processo.

Além de sua atuação no feminismo, Jerônima esteve profundamente envolvida na saúde pública. Foi uma das fundadoras da Pró-Matre, instituição voltada para o atendimento de gestantes carentes no Rio de Janeiro. Esse trabalho refletia seu desejo de oferecer um futuro mais digno para mulheres em situação de vulnerabilidade social. Jerônima Mesquita também foi uma das primeiras mulheres a receber o título de "Dama da Cruz Vermelha Brasileira", em reconhecimento ao seu trabalho voluntário durante a guerra. Esse título simbolizava seu incansável esforço humanitário e espírito de serviço.

Recentemente, o município de Leopoldina/MG, sua cidade natal, homenageou Jerônima com a criação da Lei 4.798, que institui a Semana de Comemoração ao Aniversário de Jerônima Mesquita no Calendário Oficial de Eventos. Essa semana celebra sua memória e legado, reforçando sua importância não apenas como uma figura histórica, mas como uma inspiração viva para as gerações futuras.

Faleceu em 1972, deixando um legado duradouro. Sua contribuição para o movimento feminista e a assistência social no Brasil é lembrada até hoje. Para nós, acadêmicos da Academia Leopoldinense de Letras e Artes, Jerônima representa um exemplo de vida dedicada ao progresso humano e à igualdade. Como patrona da minha cadeira, sinto-me profundamente inspirada por seu legado, que continua a ecoar nas lutas contemporâneas por um mundo mais justo e igualitário.

Amanda de Oliveira Almeida

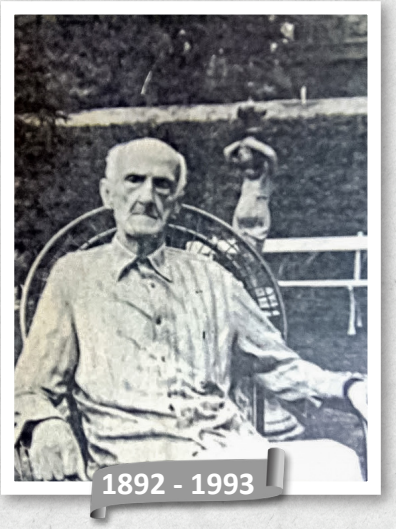
LUIZ ROUSSEAU BOTELHO

"Estou me deliciando com a leitura de Dos 8 aos 80. É das melhores reconstituições da vida do interior mineiro, que eu já li." Assim definiu a obra Carlos Drummond de Andrade, em 07/01/1980. Assim também me senti ao ler outra obra de Luiz Rousseau Botelho, *Alto Sereno*. No primeiro semestre de 2015, Elias Fajardo esteve na E. E. Justiniano Fonseca, distrito de Tebas/MG, apresentando uma leitura do livro Alto Sereno. Como me identifiquei com as passagens apresentadas! Embora Elias e eu sejamos parentes, não nos conhecíamos. No final da explanação, fui cumprimentá-lo e apresentar-me. Ele prontamente emprestou-me sua única edição do livro. Como foi gratificante ler a obra! Transportei-me a minha infância na roça. Apesar de Luiz Rousseau e eu termos vivido em épocas distintas, ainda me recordo dos resquícios de uma época única: pau-a-pique, horta, plantação de arroz, arado, moinho de fubá, lamparina...

Aliás, encantei-me por um Luiz Rousseau completo: ser humano e escritor. Um senhor que começa a escrever após os oitenta anos é digno de toda a admiração. Que lucidez de memória! A escolha dele como meu patrono na ALLA fez com que me enveredasse por sua obra. Consegui, através da Estante Virtual, adquirir os demais livros. *Moinhos de fubá* fez-me voltar ao meu passado na zona rural. Descobri, nesse livro, o tom crítico do autor, sempre comparando o hoje com sua época de infância, esta sempre melhor e mais saudável. "... tudo desapareceu para dar lugar ao que se chama PROGRESSO. Pena!".

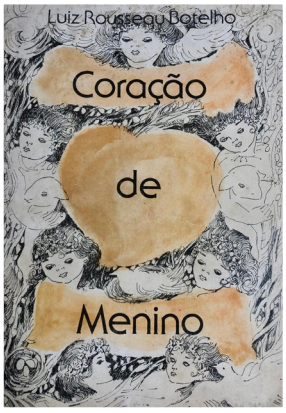
Coração de Menino inicia-se com uma belíssima passagem: Luiz está em sua varanda, em Além Paraíba/MG, mas ao mesmo tempo encontra-se em seu passado. *"Uma manhã eu me sentei na minha poltrona em frente às janelas da sala de jantar, que dão vista para o nosso jardim e o pomar: ... e eu já não estava em casa, no ano de 1981, mas era o ano de 1899 e eu olhava o pomar da fazenda do Bonsucesso, em Leopoldina, minha terra natal."*

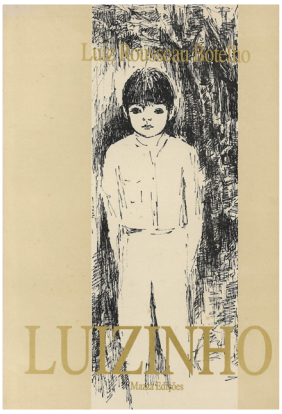
Apesar de seus livros serem classificados como memória, para mim são verdadeiras memórias literárias, permeadas por belíssimas metáforas. Sua primeira publicação foi *Alto Sereno* (1976), premiado em Brasília, no mesmo ano de sua publicação, no X Encontro Nacional de Escritores. Foi sucesso nacional, com notícias de primeira página no "Jornal do Brasil", reportagens na "Revista Veja" e na televisão. A essa publicação seguiram outras quatro: *Dos oito aos oitenta* (1979), *Moinhos de Fubá* (1981), *Coração de Menino* (1984) e *Luizinho* (1979), todas elas com a capacidade de nos transportar a outrora.



Rousseau viveu mais de 100 anos. Nasceu em Leopoldina, em 1892, na Fazenda Cachoeira. Filho de Luiz Botelho Falcão (IV) e Emília Antunes. Em 1921, casou-se com Joaquina Santos, alem-paraibana, com quem teve três filhos: Maria Josefina, Solange e José Botelho. Ficou viúvo em 1970, quando, incentivado pela filha Solange, a quem dedicou o quarto livro, *Coração de Menino*, começou a escrever suas memórias. Começou e não parou. Começou e encantou. Começou e deixou-nos um legado.

Ana Cristina Miranda Fajardo





ELIZABETH OLIVEIRA MONTENARI

Elizabeth Oliveira Montenari era filha de Oldemar Montenari e Alayde Carvalho Montenari. Teve três irmãos: Luiz Carlos, Neio Lúcio e Lívia Augusta.

Beth Montenari, como era mais conhecida, nasceu completamente saudável em 16/07/1945, em Leopoldina/MG, e deu seus primeiros passos aos 9 meses de idade. Era uma criança alegre e faceira que a todos encantava quando dançava ao som da banda que tocava no coreto da Praça Félix Martins de sua cidade natal. Exatamente na véspera de completar 2 anos de existência física, contraiu o vírus da "Poliomielite", popularmente conhecida como "paralisia infantil".

Apesar de sua grande capacidade intelectual e de seu vasto conhecimento, concluiu apenas o curso primário com a abnegada professora Carmem da Silva Xavier.

Poeta, compositora, oradora, médium, Beth tornou conhecido o Movimento Espírita da Zona da Mata Mineira, sobretudo pelas suas "Semanas Espíritas", pela alegria dos encontros confraternistas e pela união entre veteranos e jovens. Exemplo disso é a COJEL (Confraternização dos Jovens Espíritas de Leopoldina), criada por ela e por Roque Schettino em 1980. Desse encontro, advieram vários outros, todos em Minas Gerais - em Ubá, Recreio, Santos Dumont, Bicas, Astolfo Dutra, Muriaé, Eugenópolis, Além Paraíba, Cataguases – sempre com seu incentivo e participação. Foi ainda uma das fundadoras do Centro Espírita "Tintino Pires", em 20/10/1976, responsável e colaboradora na fundação da Casa Espírita "Eurípedes Barsanulfo", em Piacatuba (Distrito de Leopoldina/MG), e da Casa da Esperança, em Argirita/MG.

Como trabalhadora do Centro Espírita "Amor ao Próximo", atuou, durante vários anos, no Departamento de Divulgação, tendo criado, em 1976, o famoso "Mês de Confraternização Espírita de Leopoldina", que, no decorrer de todos esses anos, já recebeu excelentes oradores espíritas provenientes de várias regiões.

Grande incentivadora da arte no meio Espírita, compôs músicas inesquecíveis, entre elas o hino do "Centro Espírita Amor ao Próximo" e da Fraternidade Espírita-Cristã "Seguidores de Jesus". Como poeta, foi premiada, com o segundo lugar, em 1997, com o poema "Compromisso" e foi finalista, em 1998, com o poema "Remanso", respectivamente nos VI e VII Concurso Nacional de Poesias Augusto dos Anjos, tendo recebido, nos anos de 1997, 1998 e 1999, troféus de melhor intérprete. Seus poemas e algumas fotos foram reunidos num livro póstumo *CEIFA*, editado em 2016. O título foi escolhido por ela mesma, antes do seu falecimento. Era seu desejo deixar um livro para a posteridade.

Beth Montenari colaborou, por vários anos, com seus poemas e textos, com órgãos da imprensa espírita e leiga, como o "Reformador", a revista "O Médium", de Juiz de Fora, a "Gazeta de Leopoldina" e outros.

Grande incentivadora dos jovens, Beth procurava, com sua inspiração e segurança mediúnicas, descobrir novos talentos para a tribuna, para a evangelização do jovem e da criança, tendo dado muitas oportunidades para que as pessoas crescessem com seus sábios conselhos de "mãe", como ela mesma costumava se chamar.

Faleceu no dia 04/09/2000, vítima de um AVC, deixando suas marcas inesquecíveis, de coragem, alegria, resiliência e amor à Doutrina Espírita, sendo sua passagem pelo Movimento Espírita da região e do Brasil um divisor de águas. Tornando-se conhecida por todos em regiões distantes, num tempo em que não havia ainda redes sociais, não media esforços para propagar a Doutrina e sua arte.

Maria José Salles Fernandes

COMPROMISSO

"Amar é comungar com o outro e descobrir nele a centelha de Deus" (Thomas Merton)

Eu desejo a Vida
que palpita
na rosa e no espinho,
na concha
e no ninho,
na mata virgem
e no bramir marinho...
Eu desejo a Vida
pelas coisas pequeninas:
gota d'água, grão de areia,
beija-flor...
E pelas imponentes
como as montanhas
altaneiras
cujas cumeeiras
fazem cócegas no céu...
Eu desejo a Vida
esquecida e atormentada
na marginalidade,
na miséria,
na maldade,
invejada na mediocridade
abençoada na paternidade...
Eu desejo a Vida
na garrulice da infância,
no anseio da juventude,
na jactância da madureza,
na humildade da senectude...
Eu desejo a Vida
na experiência
dos que se educam
na dor e na aceitação,
na mão que afaga
e concede o perdão,
na voz que clama paz e pão...
Eu desejo a Vida
na beleza da lua
nua e casta
à espera de cruzar com o sol,
na ternura de quem entoa
uma canção de amor,
na esperança
de um coração sonhador...
Eu desejo a Vida
na aparente imobilidade
da morte
que nos revela
a realidade do Espírito!...
Eu desejo a Vida
por tudo que Ela é
desde toda a eternidade!...
Eu desejo a Vida
plena,
perene,
perfeita,
nAquele que é Amor!
Eu desejo a Vida
Por amar você!...

(1º lugar do Concurso de Poesias Augusto dos Anjos)

IVAN DEOLINDO DA SILVA

Ivan Deolindo da Silva nasceu no dia 23/11/1946 em Leopoldina/MG. Filho de família simples, passou sua infância nos arredores do bairro da Fábrica, onde conquistou o carinho de inúmeros amigos. Desde muito novo, admirava seu pai, José "Pintor", que tocava seu "acordeom" todos os dias ao entardecer. Já na sua adolescência, ganhou seu primeiro instrumento, um "pandeiro" de seu tio Ivo Nascimento (patrono da cadeira nº 12 da ALLA Jovem). Surgia ali uma história de amor com a música.

Em tempos em que a boemia era a principal diversão de jovens e adultos, eram comuns as serestas e bailinhos em residências. Aos 9 anos de idade, Ivan se destacava por ser autodidata e já tocava vários instrumentos com afinação, participando, junto a outros músicos de renome na cidade, dos Festivais de Música no antigo Cine Teatro Alencar.

Chegou a juventude e com ela a vontade de se aventurar no mundo musical. Em pouco tempo, Ivan recebe um convite para ser o guitarrista e um dos vocalistas do Gold Five, um dos principais conjuntos musicais de Leopoldina nas décadas de 60 e 70. Em Além Paraíba/MG, integrou os famosos conjuntos Sambrasa e Voo Livre, bastante requisitados na região nas décadas de 60, 70 e 80, época em que gravou o primeiro disco de sua carreira.

Foram anos se dedicando à música e aperfeiçoando os timbres, quando surge sua grande oportunidade e, durante 4 anos, Ivan foi um dos integrantes da Banda Los Gringos. Era o auge de sua carreira, um sonho realizado e um orgulho para amigos e familiares. Foram inúmeros show e viagens, época em que conheceu a cidade de Nova Friburgo/RJ, na região serrana do Rio de Janeiro. Oportunidade de trabalho, clima agradável e grandes amigos foram fatores decisivos para se tornar friburguense de coração!

E assim começou uma nova história de sua vida, casou-se e teve dois filhos, Janaina e Maycon. Mudou seu estilo para voz e violão, passando a interpretar artistas consagrados da MPB. Na década de 80 e 90, formou dueto com a cantora Niceia Veloso, irmã do músico e compositor Benito di Paula, e conquistou as noites friburguenses. Chegaram a se apresentar por várias ocasiões em Leopoldina/MG, trazendo um novo estilo que encantava o público.

Em 2009, lançou seu primeiro CD, ao lado da cantora carioca Adriana Novaes, interpretando canções que marcaram época na música popular brasileira. Foram inúmeras apresentações, entrevistas, participações especiais, festivais de música e projetos culturais.

No dia 03/10/2009, Ivan Deolindo recebeu o título de "Pleno Cidadão destas terras de Dom João VI", conferido pelo Grupo de Arte Movimentação e Ação – GAMA. Em noite de festa no Teatro Municipal de Nova Friburgo, em sua apresentação especial, cantou e encantou os convidados com a música "Homem da Montanha" do friburguense Benito di Paula.

Foi importante parceiro e incentivador do projeto "As Seresteiras" do Curso de Atualização da Faculdade de Filosofia Santa Dorotéia, de Nova Friburgo.

Apaixonado por sua cidade natal - Leopoldina/MG -, sempre que era possível, se fazia presente nos acontecimentos festivos ou simplesmente para ficar junto aos familiares que tanto amava.

No dia 12/01/2011, Ivan Deolindo, músico, compositor e produtor, foi uma das vítimas fatais da grande catástrofe natural do país, que arrasou a cidade de Nova Friburgo com perdas irreparáveis.

Cristiano Fófano Silva

WALDYR POLICIANO DE REZENDE

Foi em meados do mês que contava o início da segunda metade daquele ano; era, ainda, aquele ano o que trazia próximo o encerramento de uma quadra na primeira metade do século, do século que era o último, do segundo milênio depois de Cristo. Assim feitos os "cálculos matemáticos", chegamos a 15/07/1939, quando ecoou o choro da criança nascida, filho de Osires Pacheco de Rezende e Maria Policiano de Rezende. Nasceu em Piacatuba, terra de gente de bom coração, distrito de Leopoldina/MG.

A criança recebeu o nome de Waldyr Policiano de Rezende. Tornou-se professor, tendo feito licenciatura em Matemática pelo Instituto Cultural Newton de Paiva, de Belo Horizonte/MG; em Ciências, pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Sua voz ecoava nas salas de aula, a ciência de calcular foi partilhada nas cidades de Leopoldina/MG e Cataguases/MG. Lecionou Matemática, Física, Desenho e Ciências. Exerceu o magistério na Escola Estadual Prof. Botelho Reis, o Ginásio Leopoldinense; na Escola Estadual Sebastião Silva Coutinho, o Polivalente; no Colégio Imaculada Conceição; no Parque Primário Complementar; na Escola da Comunidade Cel. Luiz Salgado; no Seminário Diocesano N. S. Aparecida; na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Cataguases; na Escola Estadual Marieta Soares Teixeira e na Escola Estadual Manoel Inácio Peixoto, estando os três últimos estabelecimentos mencionados, na cidade de Cataguases/MG. Ainda foi criador de um Curso preparatório, OSIMAR, cujo nome representa a adição das sílabas iniciais dos nomes de seus pais.

Somou à sua existência Sonia Maria Costa Rezende, com quem se casou. Multiplicaram-se em três filhos: Kátia, Aline e Marcelo.

Na toada de fazer ecoar sua voz, ultrapassou as salas de aula. Assim, foi locutor da Rádio SIRENA local, da Rádio Leopoldina e da Rádio Ministério da Educação e Cultura (Rio de Janeiro/RJ).

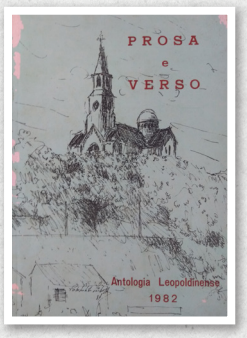
Além da toada da locução, buscou e adicionou, ao seu exercício da voz, o eco das letras. Foi repórter matutino do "Correio da Manhã", do Rio de Janeiro/RJ.

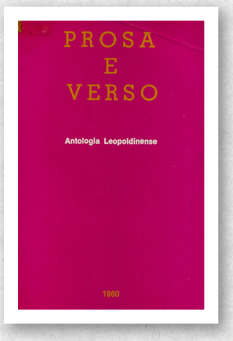
Foi ecoando sua voz nas salas de aulas, nas rádios, nas letras impressas dos jornais, que exerceu os cargos de Diretor Cultural da Casa do Estudante Leopoldinense e Presidente da Associação Leopoldinense de Estudantes. Assim, adicionou mais uma vez em sua carreira outro desafio, agora de ecoar a voz de seus pares: em 1979, durante o movimento reivindicatório dos professores mineiros, por melhores condições de trabalho e produtividade, presidiu a Comissão que fundou a Associação Leopoldinense de Professores.

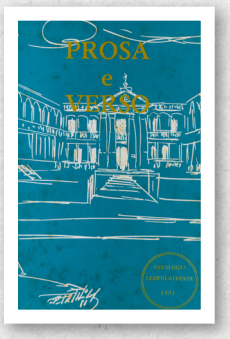
Por tanto falar e escrever, ecoar, através da oratória e das letras, o escrutínio de sua existência, adicionou o registro perene de sua habilidade no magistério e nas letras em várias obras publicadas: *Trigonometria – Módulo 1; Logaritmos; Súmulas de Matemática para a 1ª Série do 2º Grau; Trigonometria Básica com Quatro Eixos Fixos e Um Móvel*; e o romance *Filosofia do Absurdo*. Organizou, ainda, duas Antologias de autores e autoras Leopoldinenses, publicadas em 1980 e 1981.

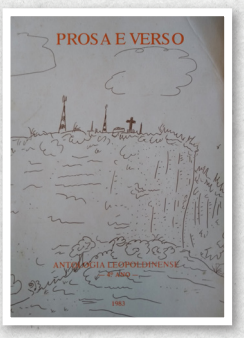
Nas considerações iniciais do romance *Filosofia do Absurdo*, Waldyr escreveu: "Um livro pode ter sido escrito para instruir ou divertir, a princípio; o que você tem em mãos está no segundo caso...". Portanto, na Matemática da sua vida, podemos afirmar que instruiu com diversão.

Cláudio Verneque Guerson









LIA SALGADO

Lia Portocarrero de Albuquerque Salgado nasceu em 09/06/1914, no Rio de Janeiro/RJ. De família extremamente musical, além de dedicar-se ao estudo do piano e violão, distinguiu-se pela belíssima voz.

Em 1934, casou-se com o médico leopoldinense Dr. Clóvis Salgado. Em 1937, o casal mudou-se para Belo Horizonte/MG, onde ela teve oportunidade de estudar canto com a professora Nahyr Jeolás, revelando extraordinário talento e bela voz de soprano. Prosseguiu as aulas com o professor Murilo de Carvalho e, posteriormente, com a alemã Marion Matheus. Completou seus estudos musicais formando-se no Conservatório Mineiro de Música, em 1946.

Lia Salgado estreou como cantora lírica em 1947, com a famosa Ópera "Cavalleria Rusticana", de Mascagni, em comemoração ao cinquentenário de Belo Horizonte/MG. Em 1949, estreou como solista do Teatro Municipal do Rio de Janeiro com a Ópera "La Bohème", de Puccini. Desde então, participou de todas as temporadas naquele teatro até 1972.

Juntamente com o Dr. Clóvis Salgado, fundou a Cultura Artística de Minas Gerais, a Sociedade Coral de Belo Horizonte e a Sociedade Mineira de Concertos Sinfônicos. Delas, emergiu a Fundação Universidade Mineira de Arte.

Seu repertório lírico era vasto e incluía óperas de grande importância, tais como, "La Traviata", "La Bohème", "Don Giovanni", "Carmen", "As Bodas de Fígaro", "Cavalleria Rusticana", "Madame Butterfly" e "O Guarani". Apresentou, em estreia mundial, a "Ópera Tiradentes", do compositor brasileiro Eleazar de Carvalho, em Belo Horizonte/MG, no Teatro Francisco Nunes.

Especializou-se na canção de câmara brasileira e dedicou-se ao trabalho de sua difusão no Brasil e no exterior. Gravou dez discos de música brasileira e, tendo estudado as canções com os seus próprios compositores e maestros (Camargo Guarnieri, Villa-Lobos, Francisco Mignone, entre outros), suas gravações constituem valiosa contribuição para a história da música erudita brasileira.

Gravou programas na Rádio Difusora de Paris. Apresentou-se com enorme êxito internacional em países como Espanha, Portugal, Inglaterra, Argentina e Estados Unidos (Carnegie Hall).

"Segundo especialistas, além do grande refinamento vocal e musical, o tom brejeiro e sedutor, a graciosidade, a vivacidade, a expressividade, o bom humor e a espontaneidade da cantora encantavam as plateias do mundo todo. Foi considerada pelo compositor brasileiro, Camargo Guarnieri, como uma das maiores cantoras do Brasil. A voz bela, bem timbrada e flexível, associada ao bom gosto e à sensibilidade da cantora, resultou num singular talento que deixou sua marca na historiografia da música brasileira". *(J.D)*

Em 1954, quando da fundação do Conservatório Estadual de Música, em Leopoldina/MG, por Juscelino Kubistchek, Lia Salgado foi homenageada, eternizando seu nome junto à instituição que passou a se chamar Conservatório Estadual de Música "Lia Salgado", e que teve como primeira diretora a pianista Dona Helenice da Cruz Machado Bella, nomeada em 1956, que realizou um magnífico trabalho musical nesta cidade, por 30 anos.

Lia Salgado faleceu no dia 14/11/1980, em Belo Horizonte/MG.

Elizabeth A Castro Mendonça Fontes

VITALINO DUARTE

Vitalino Duarte nasceu na Fazenda Copacabana, no distrito de Providência, em Leopoldina/MG, aos 15/08/1932, filho de Vitalino Izá Duarte e Maria Amélia Duarte. Morreu aos 70 anos, em Leopoldina, no dia 19/04/2003. Estudou até a 2ª série primária; abandonou o serviço na roça e veio para Leopoldina, onde fez bicos diversos para sobreviver, sem nunca se afastar das festas folclóricas e religiosas.

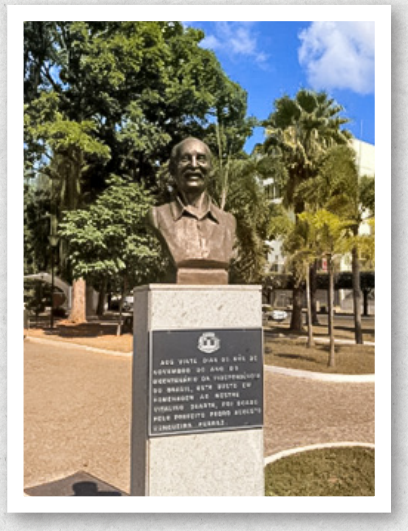
Vitalino era muito criativo. Sempre estava fantasiado de Palhaço ou de Papai Noel, conforme a época, com um megafone a anunciar pelas ruas de Leopoldina/MG suas festas ou promoções do comércio. No carnaval, por quase cinco décadas, tornou-se um mestre, com sua boneca baiana, sua companheira foliã, ou com a vibrante "Escola de Samba Acadêmicos de Leopoldina", que ajudou a fundar em 1959 e da qual foi presidente. No rádio, era presença constante: cantava, apresentava programas ou era o entrevistado. Vitalino sempre contribuiu com suas participações nos eventos culturais.

Em 2014, seu nome foi aprovado pela Câmara de Leopoldina para denominar a Lei Municipal de Incentivo à Cultura: Lei Vitalino Duarte de Incentivo à Cultura, sancionada pelo prefeito da época.

O Movimento Negro de Leopoldina, após a aprovação da lei, lançou a ideia de instalação de um busto de Vitalino na Praça Félix Martins, em Leopoldina/MG, como forma de reconhecimento oficial não só a um artista popular leopoldinense, mas à contribuição fundamental da população negra para a história da cidade. Anos depois, em 2022, a obra, de autoria de Luciomar Escultor, foi finalizada pela Fundição Ana Vládia de Contagem/MG e ganhou seu lugar. A praça central da cidade, que tradicionalmente é um espaço dedicado aos bustos e estátuas de políticos tradicionais e famílias pertencentes à elite, recebeu o busto de um homem do povo, representante da cultura popular.

Mestre Vitalino Duarte é um exemplo típico do artista popular cuja ação é marcada pela valorização e preservação das expressões artísticas do povo. Com certeza, foi nosso mais famoso carnavalesco e era muito conhecido em Leopoldina por promover festas populares.

Luciano Baía Meneghite, no "Jornal Leopoldinense" assim o define: *"O que faz de uma pessoa um grande artista? É a capacidade de interpretar perfeitamente como ator? É a beleza de uma voz potente e afinada ou a inspiração para compor grandes canções? A habilidade para se tocar um instrumento ou desenhar, pintar e esculpir? Tudo isso caracteriza um grande artista; mas pode uma pessoa sem qualquer dessas qualidades ser um grande artista? Não digo dessas celebridades descartáveis fabricadas pela mídia, mas artista mesmo. Vitalino Duarte era. Talvez alguém ache mais apropriado chamá-lo de animador cultural, mas certamente ele preferiria ser chamado de artista. Se não falava, lia ou interpretava bem, tinha carisma e teimosia suficientes e isso o fez peça fundamental na preservação e propagação das tradições culturais de Leopoldina e região. Com defeitos e qualidades de qualquer ser humano e muitas limitações, principalmente financeiras, influenciou gerações. Se nunca se casou, nem teve filhos biológicos, deixou muitos filhos de sua arte. Vitalino da Arte, Vitalino Duarte. Trocadilho óbvio, mas inevitável."*



MARÍLIA LIMA FREIRE

Marília Lima Freire nasceu em Leopoldina/MG no dia 02/03/1958. Era a filha caçula de Antônio Bastos Freire, carinhosamente conhecido como Tonico Bastos, e de Marília de Lima Freire, chamada Sinhazinha. Marília cresceu em um ambiente familiar amoroso, tendo como irmãos Antônio Sérgio Lima Freire, também conhecido como Serginho do Rock, nascido em 1940, e Maria Aparecida Freire Rezende, conhecida como Cidinha, nascida em 1949. A diferença de idade entre os irmãos marcava a infância de Marília com uma singularidade afetiva e uma dinâmica familiar rica.

Marília passou sua infância na Fazenda Filadélfia, um lugar que proporcionou a ela uma vivência alegre e saudável, imersa na beleza e tranquilidade da vida rural. O contato com a natureza e a convivência com sua família ajudaram a moldar seu caráter e personalidade. A educação formal de Marília começou no Educandário Santa Terezinha, onde cursou o primário. Posteriormente, completou o ginasial no Colégio Imaculada Conceição e seguiu seus estudos no CNEC, onde se formou em Contabilidade.

Após um período trabalhando na Cooperativa de Leite de Leopoldina, onde fez amizades que manteve ao longo de sua vida, Marília descobriu sua verdadeira vocação na educação. Decidiu, então, seguir a carreira de professora e cursou Letras na FAFIC, em Cataguases/MG. A paixão por ensinar levou-a a fazer um concurso e a ser lotada na Escola Estadual Professor Botelho Reis, o querido Ginásio, onde dedicou-se com afinco ao ensino.

A vida de Marília, no entanto, foi abruptamente interrompida pela leucemia em 1996. Sua luta contra a doença foi marcada por coragem e resiliência. Em 15/01/1998, Marília faleceu, deixando uma marca indelével em todos que a conheceram. Sua força e determinação em enfrentar a doença, aliadas ao amor e dedicação à profissão, fazem de sua história uma lição de vida.

Um relato tocante de Maria Inez de Melo Farinazzo, amiga de faculdade e de vida, destaca a importância de Marília na sua vida. Farinazzo recorda com carinho os momentos em que, durante os estudos, elas praticavam exercícios em equipe e compartilhavam a admiração pelo Professor Luiz de Melo, que lhes ensinava latim. A amizade entre elas era tão profunda que Farinazzo decidiu homenagear Marília dando o nome dela à sua filha caçula, um gesto que Marília recebeu com grande emoção. A paixão de Marília pela educação era evidente e, em uma época com recursos limitados, Marília usava as músicas do irmão, Serginho do Rock, em suas aulas de interpretação de texto, proporcionando aos alunos uma experiência rica e envolvente.

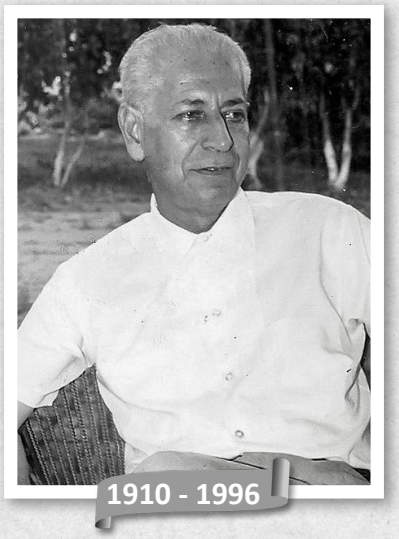
Em 13/11/1997, Marília escreveu uma mensagem no espelho de seu quarto: "NÃO HÁ NADA MELHOR QUE DEFINA UMA PESSOA, DO QUE AQUILO QUE ELA FAZ QUANDO TEM TODA A LIBERDADE DE ESCOLHA." Essa frase ressoava sua filosofia de vida e seu espírito indomável. Ela tomou a decisão de buscar um transplante de medula óssea em Belo Horizonte/MG, um passo corajoso que refletia sua determinação em lutar pela vida. Infelizmente, o transplante não teve sucesso e Marília retornou a Leopoldina/MG apenas para ser sepultada.

O espelho com a mensagem escrita por Marília é mantido em uma área especial na casa de Cidinha Freire, em Juiz de Fora, como um tributo à sua força de decisão e à sua personalidade forte. A história de Marília é um exemplo de como a coragem e a paixão por aquilo que se faz podem inspirar e impactar a vida de muitos. A sua memória continua a impulsionar aqueles que a conheceram a caminhar em segurança e fé, honrando a herança de uma vida vivida com amor e dedicação.

Hoje, na Escola Estadual Professor Botelho Reis, onde Marília lecionou Língua Portuguesa e onde buscava criar espaços de incentivo à leitura, há uma sala em sua homenagem: a Oficina do Livro Marília Lima Freire.

Fabrício Manca de Souza

ALZIRO DE AZEVEDO CARVALHO



Professor Alziro de Azevedo Carvalho nasceu em fevereiro de 1910, na fazenda Santa Catarina, situada na Vila de São Miguel, hoje município de Guaçuí/ES. Na sua infância, cursou o primário em escola particular, localizada nas vizinhanças da fazenda onde nascera e, também, em escolas públicas e particulares da Vila de São Miguel. Mais adiante, nos anos de 1923 e 1924, frequentou o Ginásio de Alegre, também no estado do Espírito Santo. Um ano depois, em 1925, matricula-se no Ginásio São Joaquim, da Congregação de Dom Bosco, em Lorena/SP.

Sua história como filho afetivo da terra começa quando, após completar 15 anos, chega a Leopoldina/MG com fins de se matricular no segundo ano ginasial e, nos anos seguintes, faz o curso Comercial, aqui permanecendo, a princípio, por um breve período.

No ano de 1930, retorna ao seu estado natal e inicia o magistério de Inglês e Contabilidade no Liceu Pedro Palácios, na cidade de Cachoeiro do Itapemirim/ES. Mas eis que, no ano de 1931, aos 21 anos de idade, é convidado, pelo então diretor do Ginásio Leopoldinense, o Professor Carlindo Alvarenga Mayrinck, para aqui, em nossa cidade, ministrar aulas de Inglês e Contabilidade.

Diante da inequívoca demonstração de seu empenho como agente de transformação social, o agora Professor Alziro passa a exercer também a função de enfermeiro naquela instituição de ensino. Como recompensa pelo resultado de seu trabalho, assume a chefia de disciplina e, posteriormente, galga a Vice-Diretoria da Escola símbolo da "Athenas da Mata", quando funda, em 1934, a Liga Esportiva do Ginásio Leopoldinense, cujo hino revela o brocardo *Mens Sana in Corpore Sano.*

Já com as raízes fincadas neste lugar que, de fato, tornou-se seu novo lar por afinidade, em 1937, casa-se com Anita Iennaco, vindo aqui a estabelecer, de forma definitiva, o embrião de uma nova família leopoldinense.

Chega, então, o ano de 1943, quando o Professor Alziro assume, com méritos, a direção do Colégio Leopoldinense. Durante sua gestão, transformou o curso Comercial Básico - constituído de curso Propedêutico e curso Auxiliar de Comércio, funcionando anexo ao Colégio Leopoldinense - em Escola Técnica de Comércio, independente e garantindo aos seus egressos o diploma de Técnico em Contabilidade, além dos cursos Clássico e Científico.

Digno de referência, por certo, foi o momento em que, como diretor do Colégio Leopoldinense, promoveu sua transição de instituição privada para a rede pública de ensino, com a intermediação da Igreja Católica à época. E, como marco derradeiro de seu vínculo com a Instituição, em 1994, como presidente de honra da Associação dos Antigos Alunos do Ginásio Leopoldinense, é signatário de ofício endereçado à Secretária de Cultura do Estado de Minas Gerais, buscando a proteção definitiva do prédio pelo seu tombamento, o que vem a ocorrer dois anos depois.

Enveredando pela vida pública, em sua bem-sucedida atuação política local, foi vereador por 8 anos, exerceu o cargo de vice-prefeito e, também, Presidente de Honra do PTB em Leopoldina.

A posição de Alziro de Azevedo Carvalho como Patrono da Cadeira de número 33 da Academia Leopoldinense de Letras e Artes, como não poderia deixar de ser, se dá pelo caráter simbólico que sua figura passou a representar para a cidade de Leopoldina, manifestando-se em sua vida de empresário, pai de família, político e, acima de tudo, professor. O Professor Alziro representa a importância dos profissionais que se empenham na nobre arte do magistério que, tal qual o sacerdócio, só é capaz de elevar os espíritos dos jovens se praticada com honestidade intelectual e pureza de caráter.

Professor Alziro não é filho natural de Leopoldina/MG. Mas aqui encontrou solo fértil para seu crescimento. Contribuiu cultural, econômica e politicamente para o desenvolvimento da cidade e em nossa terra permaneceu até seus últimos dias, partindo aos 86 anos.

Cláudio Réche Iennaco

TULA PILAR FERREIRA

Em 11/04/2019, morre a leopoldinense Tula Pilar Ferreira, aos 49 anos. Tula era poeta e desenvolveu importante trabalho voltado à cultura, principalmente na periferia de São Paulo, onde viveu seus últimos anos. Mulher negra, trabalhadora, era grande admiradora da também escritora Carolina Maria de Jesus[1]; dizia que a vida das duas era parecida em muitos aspectos. Tula passou por muita dificuldade financeira para sustentar a família, mas nunca se entregou. Diversas pessoas que a conheceram diziam que dela emanava poesia, era alegre, criativa e tinha uma vitalidade impressionante.

Tula Pilar nasceu em Leopoldina/MG, em 25/04/1970. Filha de José Ferreira e Antônia de Souza Ferreira, nunca conheceu o pai; sabia dele o que a mãe dizia: era muito parecido com o Milton Nascimento. Sua mãe era empregada doméstica e criou sozinha sete filhas. Tula teve três filhos: Samanta, Pedro Lucas e Dandara. Suas poesias tematizaram também os relacionamentos afetivos e refletem um forte erotismo.

Tula saiu de Leopoldina/MG bem pequena e foi para Belo Horizonte/MG, local onde sua mãe trabalhava na época. Com dezessete anos, mudou-se para o Rio de Janeiro/RJ, para também trabalhar como doméstica. Mais tarde, mudou- se para São Paulo/SP, exercendo diversas atividades para manter a família; nunca, porém, abandonou o hábito de escrever seus poemas.

Numa tarde, quando estava bem desanimada com o trabalho, viu um grupo de moradores de rua vendendo revistas. Aproximou-se deles e ficou conhecendo a Revista OCAS, uma publicação bimestral da Organização Civil de Ação Social, parte de um projeto voltado a pessoas adultas sem emprego. A partir de então, começou também a vender a revista e, depois, a publicar seus poemas, tornando-se conhecida nos ambientes de cultura alternativa. Nos anos de 1990, conheceu um sarau em um bar perto do Terminal do Campo Limpo, passando a participar dos encontros, até que resolveu ler um poema autoral e nunca mais parou.

Tinha uma vida cultural muito ativa e grande interesse pela cultura africana. Estudou dança afro e depois passou a ensinar. Atuava em diversas atividades, com foco nas mulheres negras, menos favorecidas socialmente, e, também, artistas e escritores da periferia. Em suas apresentações, declamava poemas de sua autoria com performance de dança afro ou cantando com acompanhamento musical. Era tão apaixonada por Carolina Maria de Jesus, que encenava o monólogo "Eu sou uma Carolina", no qual fazia uma comparação entre a sua vida e a da escritora, num show de duas horas, com música, poesia e dança.

Participava do Sarau do Binho, selo pelo qual publicou uma de suas obras em 2017, *Sensualidade de fino trato*. Antes disso, já tinha publicado, de forma independente, *Palavras Inacabadas*, em 2004. Publicou seus textos em diversos outros coletivos, além da Revista OCAS.

Organizou e participou de vários saraus, inclusive o sarau "Cadin de coisa", no qual misturava poesia e culinária mineira. Criou o Grupo Raizarte, um coletivo de dança, música e poesias, que atuava em diversas localidades do estado de São Paulo e em outros estados do país.

Tula deixou o seu legado na arte de poetizar a vida – suas dificuldades, principalmente financeiras, eram retratadas em sua obra – e tinha o sonho de viver de seu talento. Em sua homenagem, em abril de 2024, a Prefeitura de Taboão da Serra inaugurou o Centro de Formação dos Profissionais de Educação Tula Pilar, um espaço para cursos, palestras e oficinas para servidores municipais, visando à ampliação de seu conhecimento e à inovação na educação.

Olga Maria Mendes Reis

"SOU UMA CAROLINA", POR TULA PILAR FERREIRA

"Sou uma Carolina
Trabalhei desde menina
Na infância lavei, passei, engraxei…
Filhos dos outros embalei

Sou negra escritora que virou notícias nos jornais
Foi do Quarto de Despejo aos programas de TV

Sou uma Carolina
Escrevo desde menina
Meus textos foram rasgados, amassados, pisoteados
Foram tantos beliscões
Pelas bandas lá de Minas
Eu sou de Minas Gerais

Fugi da casa da patroa
Vassoura não quero ver mais
A caneta é meu troféu
Borda as palavras no papel
É tudo o que quero dizer

Sou uma Carolina
Feminino e poesia
A negra escritora que foi do Quarto de Despejo
aos programas na TV

Hoje uso salto alto
Vestido decotado, meio curto e com babados
Estou na sala de estar
No meu sofá aveludado
Porque…
Sou uma Carolina
Feminino e poesia
Pobreza não quero mais
A caneta é meu troféu
Borda as palavras no papel
É tudo o que quero dizer…

Carolina…"

[1] Carolina Maria de Jesus é autora de "Quarto de Despejo: Diário de uma favelada. Uma das primeiras escritoras negras do Brasil, ficou famosa, quando, em 1960, publica essa obra com o auxílio do jornalista Audálio Dantas.

IANO SALOMÃO DE CAMPOS

Assim que cheguei a Leopoldina, cidade que escolhi para trabalhar como professora universitária, ao sentar-me em um bar, ouvi uma pessoa, cujo nome não me recordo, tecendo altos elogios ao Dr. Iano Salomão de Campos. Sim, ele fazia questão de dizer "doutor", em alto e bom som, não por valorizar o título e, sim, como uma forma de reconhecimento por aquilo que o médico havia lhe feito. Relatou que Dr. Iano o tinha curado de uma depressão, diagnóstico que nenhum outro médico havia feito, e que só estava ali naquele momento graças àquele profissional a quem muito era agradecido.

Na ocasião, Iano Salomão de Campos ainda estava vivo. Inúmeras vezes eu havia ouvido falar dele, pois foi cunhado de uma grande amiga que tenho: Eliana Daibert Couri, irmã de sua primeira esposa, Consuelo Daibert de Campos. Médica como ele, faleceu prematuramente, deixando quatro filhos: Yussef, Iano, Diego e Yuri. Eliana sempre falava de Iano, exaltando o fato de ser um excelente profissional e um ser humano extraordinário. Todas as vezes que ouvia alguém falar dele, era de forma elogiosa.

Eu o conheci, brevemente, no velório da mãe de Consuelo. E o pouco tempo que tive com ele foi suficiente para comprovar tudo aquilo que as pessoas diziam a seu respeito. Assim como outras pessoas que o conheceram, encantei-me. Ao ter que escolher meu patrono na Academia Leopoldinense de Letras e Artes, assim que vi seu nome na lista, não hesitei. Eu o escolhi antes que alguém o fizesse, pois sabia de seu reconhecimento em Leopoldina/MG, cidade na qual ele viveu a maior parte de sua vida, embora tenha nascido em Fortaleza/CE e vivido um tempo em Juiz de Fora/MG, minha cidade natal.

Confesso que conhecia pouco sobre a trajetória de meu patrono, mas logo tratei de pesquisar. Sobre sua verve literária, descobri que ele havia sido o primeiro vencedor do Concurso Augusto dos Anjos, na modalidade poesia. Em seguida, soube que havia escrito o livro *Bissexto*, lançado em 2013 pela Editora D'Plácido, obra que me foi carinhosamente presenteada por sua segunda esposa, a doce Simone Martins Alves, com quem teve o filho Nemer.

Ao pesquisar mais sobre a vida de Iano, fiquei sabendo também de seu envolvimento na política, o que aumentou minha admiração por ele. Foi vereador pelo PDT - Partido Democrático Trabalhista - em Leopoldina/MG, no período de 2001 a 2004. Também esteve à frente da Secretaria Municipal de Saúde por duas vezes, no governo do prefeito Márcio Freire. Em 1997, Iano conseguiu transformar a Divisão de Saúde, a qual chefiava, em Secretaria Municipal de Saúde, o que fez com que a área de saúde passasse a ter uma rubrica própria, facilitando a obtenção de verbas, dentre outras vantagens.

Em uma conversa com Simone, pedi que ela usasse uma palavra que melhor definisse o companheiro. Sapiência foi a palavra que ela utilizou, complementando que no seio familiar todos o chamavam de mestre, por sua cultura geral. Ter como patrono uma pessoa de uma inteligência rara e possuidora de uma trajetória tão rica e diversificada é, sem sombra de dúvidas, uma honra imensa!

Quem o conheceu há de concordar com o que ele mesmo escreveu em uma de suas poesias publicadas no livro *Bissexto:*

"É bom sentir saudade
de quem está comigo
tão definitivamente
quanto o tempo que me resta"

Dora Deise Stephan Moreira

BIANOR VICTOR CAMPOS

Filho de Rita Catarina de Cássia e Gabriel Vitor de Campos, nasceu em Piacatuba aos 10/07/1924. Em Leopoldina/MG, teve como ocupação primeira a sapataria, antes de prestar serviço militar no Rio de Janeiro/RJ, onde provou oportunidades em sua formação naquela que seria sua ocupação perpétua: a música.

Voltando a Leopoldina/MG, formou um Conjunto Regional composto por Bembém no cavaquinho, Edinho no acordeom, Castrogildo na clarineta, Sãozinho e Leco nos primeiros violões (ele no segundo), Delorme e Honório nos pandeiros. Atuou na "Leopoldina Orquestra" e em tantos outros grupos e bandas musicais, também como baixista e arranjador, sendo o atávico professor de violão dessa terra.

De sua união com Hilda Vitório nasceram Norma, Flávio, Beatriz, Ione e Euza. Nos deixou, fisicamente, em 23/10/2006, aos 82 anos.

Bianor caminhava por toda a nossa Leopoldina/MG para professorar música e, ao se aproximar de minha casa, podia vê-lo descendo a Álvaro Bastos Freire, rua sem saída, com seu violão encapado por uma gabardina jeans, assoviando, certamente, melodia de repertório a ser ensaiado, arranjado ou executado em vários dos compromissos previstos em sua agenda.

Com ele, chegava seu sorriso. O professor com mais de sessenta, o aluno aos seis e pouco. Um universo entre nós, só dirimido pelas notas, melodias e letras que reverberavam de Bianor. Ele e violão um só corpo, uma só alma. "Lá vem, lá vem/ Marinheiro só/ Como ele vem faceiro/ Marinheiro só", poderia ser o mote a ilustrar o peregrino de teoria e prática musical de Leopoldina/MG. Solas dos sapatos em dia, percussionistas, apesar das longas caminhadas, pois o primeiro de seus ofícios lhe permitia cuidar do pouso de seus pés.

"Felicidade foi-se embora/ E a saudade no meu peito ainda mora/ E é por isso que eu gosto lá de fora/ Porque eu sei que a falsidade não vigora". Bianor não só foi um professor de teoria e prática, músico e arranjador de regionais e orquestras: foi fonte de lições sobre a música popular brasileira. Por ele fui apresentado a Pixinguinha, Waldir Azevedo, Villa-Lobos, Ernesto Nazareth, Jacob do Bandolim, João de Barro, Assis Valente, Garoto, Chiquinha Gonzaga, Radamés Gnattali, Vinícius de Moraes, Baden Powell, e a um sem número de artistas brasileiros.

Brasileiros, sempre! Eu já identificava algumas daquelas árias, pois minha casa sempre foi um ambiente musicalmente benfazejo. Aquelas melodias me eram familiares. Contudo, Bianor me possibilitou, obviamente dentro das minhas restrições de um pequeno aprendiz, a arranhar aquelas notas e acordes no violão de meu pai, no de minha mãe, os mesmos nos quais meus irmãos estudavam.

Yussef Daibert Salomão de Campos

HELOÍZA DE OLIVEIRA NOGUEIRA

Heloíza de Oliveira Nogueira, carinhosamente conhecida como Heloíza Pretinha, nasceu em Leopoldina/MG, em 08/02/1935, e faleceu em 10/12/2019. Ela foi criada por sua tia Amélia, junto com a irmã Adelaide, pois a mãe estava doente.

Heloíza fez faculdade de Estudos Sociais e Geografia no Sul de Minas e em Além Paraíba/MG. Foi professora de Geografia por muitos anos na Escola Estadual Professor Botelho Reis, no Colégio Imaculada Conceição e no extinto CNEC. Apaixonada por cachorros, era comum vê-la nas ruas e nas praças, rodeada dos seus amigos, dos quais ela tanto gostava e que tratava com muito carinho e amor. Também amava carnaval. Assim sendo, desfilou várias vezes pelo Clube Cutubas. O apelido, Heloíza Pretinha, que carregava desde a infância, foi lhe dado devido a uma pinta de nascença, em uma de suas pernas. Nos últimos tempos de sua vida, era vista, quase todas as noites, no Digão Lanches da Praça do Ginásio, onde ia para tomar sua cervejinha e bater papo com quem por ali estava.

Heloíza Pretinha não só deixou um legado extraordinário na educação, como também personificou a dedicação, a sabedoria e a sensibilidade que tanto valorizamos em nosso meio educacional.

Amante nata da Geografia, Heloíza viajava pelo mundo afora, principalmente para o Japão, país de origem do seu marido. Essas viagens enriqueceram o trabalho de Heloíza, pois ela transformava as suas aulas em uma verdadeira viagem ao mundo, por conta de todas as suas vivências. Heloíza era querida por todos: alunos, amigos, colegas de profissão e familiares.

Aventureira como era, em um certo momento de sua vida, apaixonou-se por um circense. Assim, viajou alguns meses com o circo para acompanhar o seu novo amor e teve a oportunidade de conhecer algumas cidades. Em contrapartida, em um momento de sua vida profissional, Heloíza foi visitar o Vaticano a convite do Colégio Imaculada Conceição. Desse modo, a partir dessas experiências, ela brincava que tinha ido do "Circo ao Vaticano", e dizia isso com muita felicidade e com muito humor.

Heloíza Pretinha nos inspira a buscar constantemente a excelência e a criatividade em nossas atividades profissionais. Seu compromisso e sua paixão pela educação são um farol que guia nossos passos enquanto trabalhamos para enriquecer o panorama cultural e educacional de nossa cidade.

Heloíza sempre lembrava com muita alegria de toda sua trajetória e de suas vivências. No entanto, nesse vai e vem da profissão docente, quando alguém comentava alguma situação relacionada à sala de aula, ela dizia: "Se um ainda te ouvir, continue, pois vale a pena".

Também vale a pena manter viva a memória da Heloíza Pretinha, uma grande educadora e uma inspiração para todos. Um exemplo real que dignifica a Educação Leopoldinense.

Vinícius Campos de Oliveira

IGNÁCIO DE CASTRO BUENA FLOR

1847 - 1920

* Não foi localizado registro fotográfico de Ignácio de Castro Buena Flor.

Poeta visual e plástico, não exatamente de sonetos e versos, mas pelo dom de seu fino tato. Atento aos detalhes, produziu sensíveis entalhes em alto relevo, devoto e meticuloso em seu delicado ofício; considerado um exímio pintor e entalhador. Com a paciência e a poesia de seus dedos, materializou, em certa medida, um dos sentimentos mais íntimos e subjetivos da humanidade: a fé, arquitetando e esculpindo altares de Igrejas na Zona da Mata mineira.

De nacionalidade portuguesa, Buena Flor nasceu em 1847 na província de Beira Alta, enraizando-se, por assim dizer, em Leopoldina/MG, lugar onde morou grande parte de sua vida e onde produziu, no final do século XIX, suas mais importantes obras, dentre as quais o altar da Igreja Matriz, transferido para a capela do antigo Colégio Imaculada Conceição, em 1920, e o altar da Igreja do Rosário.

Minucioso e apoteótico, com precisão simétrica dos entalhes, Buena Flor compreendia, assim suponho, a natureza divina na dimensão interior de sua criação: conceber uma conexão visual e palpável da divisa entre os planos terreno e espiritual, ofício que exige do artista a capacidade de olhar o mundo, enxergando além de seu horizonte.

Na ausência de registros físicos e materiais de suas obras, contemplamos fotografias ou, muitas vezes, as palavras, descritas por aqueles que puderam, pela sorte ou pela fé, observá-las de perto, experiência, decerto, divina e catártica. Com ornatos abrilhantados pelo dourado, desde o embasamento ao coroamento do altar, a profusão dos detalhes, tangíveis entalhes em movimento, colunas simétricas equilibrando o corpo da obra, elevavam, por certo, a natureza da alma do indivíduo a observar.

Descrito como um trabalho "primoroso", sobre o paradeiro dos altares esculpidos por Buena Flor para as Igrejas de Leopoldina/MG, pouco se soube, e o que se sabe, permanece ecoando na memória coletiva: o silêncio eterno de seu desmembramento.

Ignácio de Castro Buena Flor faleceu em 1920, em Leopoldina/MG. Mais de um século após, sua voz perdura em ressoar, especialmente para nos lembrar da pertinente urgência de salvaguardarmos às futuras gerações o patrimônio histórico e artístico, material e imaterial de Leopoldina/MG, sobretudo na contemporaneidade, em que casarões centenários, obras de arte, teatros, bibliotecas e museus resistem ao risco iminente de desaparecer no sorrateiro sigilo da noite, dando lugar, já no clarão de repente do dia, aos enormes prédios sem memórias, que cobrem paulatinamente as vistas daqueles que escolheram enxergar para além do horizonte.

Alan Villela Barroso

Florão esculpido por Buena Flor

MANOEL JOAQUIM DE MACEDO

Manoel Joaquim de Macedo nasceu em Cantagalo/RJ, em 25/11/1845. Faleceu na fazenda Santa Maria, distrito de Sereno, Cataguases/MG, em 02/12/1925. Autor da "Ópera Tiradentes", cujo libreto foi escrito pelo também patrono da ALLA, Augusto de Lima, ninguém sabe ao certo por que o maestro veio parar em Leopoldina/MG, uma vez que sua sólida formação musical, tendo estudado por mais de uma década na Europa, o habilitava a ganhar a vida com sua arte em qualquer grande centro do mundo de sua época. Esta tese é corroborada pelo fato de ter sido nomeado Mestre da Capela Imperial, por D. Pedro II, pouco antes de se mudar para Leopoldina/MG, o que ocorreu em 1883.

Macedo era sobrinho do autor de *A Moreninha*, Joaquim Manuel de Macedo, com quem compôs a opereta cômica "Antonica da Silva", que alcançou razoável sucesso na Corte, em 1880, outro motivo para que mantivesse a carreira por lá.

Contudo, o violinista *virtuose*, filho do fazendeiro Manoel Joaquim de Macedo e de Catharina Rosa de Jesus e que estudou com os melhores de sua época, mudou-se para perto dos ricos fazendeiros de café do interior mineiro, onde dava "lições de piano, violino e canto, de fazenda em fazenda ou na cidade, quando não realizava concertos de música vocal e instrumental" (FRESCA, 2014, p. 96) e até montou "uma orquestra, com a qual chegara a executar peças de grande fôlego, inclusive um magnífico arranjo de *Tanhäuser*, que, pela primeira vez, pôs em contato o gênio de Bayreut com Augusto de Lima" (idem, p. 98).

Uma de suas alunas, a predileta, por sinal, era D. Milica, ou Emília Levasseur Rocha, que habitava o sobrado que existia na esquina da Tiradentes com Sete de Setembro, atual praça do Urubu, e que mereceu dedicatória em uma de suas composições para piano intitulada "Meditation".

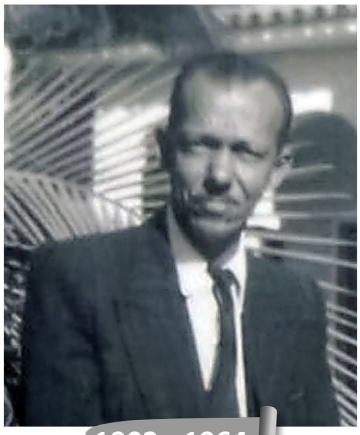
Também foi em Leopoldina/MG que Macedo se casou, em 03/07/1886, com a pianista Cecília Antunes Pereira, filha do fazendeiro Francisco Antunes Pereira e de Maria José da Conceição, que eram tios do escritor Luiz Eugênio Botelho, e onde teve seus dois filhos: Catharina e Manoel Joaquim de Macedo Neto.

Logo depois de se mudar para Barbacena/MG, Macedo foi dar um concerto em Ouro Preto/MG, em 1896, então capital do Estado, onde se reencontrou com Augusto de Lima, a quem sugeriu uma parceria para uma obra em homenagem ao novo herói da incipiente República. Em um ano estava pronto o libreto da "Ópera Tiradentes". A música, porém, demorou mais de uma década para ficar pronta, tendo o maestro retornado à Europa, com patrocínio do Estado de Minas, para terminar a composição, cujo manuscrito original possui 1.197 páginas e se encontra hoje na biblioteca da UFMG. Devido a uma série de fatores, entre eles a Primeira Guerra Mundial neste interregno, os autores nunca puderam levar aos palcos sua obra prima, que só foi apresentada pela primeira vez, em versão de Oratório, em 1992, no Palácio das Artes de Belo Horizonte/MG.

Macedo morreu pobre, em uma fazenda da família da esposa. Está sepultado em Sereno/MG, e foi quase esquecido, apesar de ser patrono da Cadeira 21 da Academia Brasileira de Música e agora, também, da Cadeira 39 da Academia Leopoldinense de Letras e Artes. De sua vasta obra, de cerca de 300 peças, pouca coisa restou: além da ópera, um poema sinfônico intitulado "A Floriano Peixoto a Pátria" op. 160; uma sonata para piano op. 158; o álbum com onze peças para piano editado pela Bevilacqua e o sexto concerto para violino e orquestra (dedicado à esposa), na sua redução para violino e piano. A razão é que os originais ficaram com a filha "Filuta" na Europa, para divulgação, e daí não se teve mais notícias.

Fontes de pesquisa: **FREITAS**, Mário de. Leopoldina do meu tempo. Belo Horizonte: Gráfica Bandeirantes Ltda., 1984. **FRÉSCA**, Camila Ventura. Luz e sombra: música e política na trajetória de Manoel Joaquim de Macedo (1845-1925). Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2014. **REIS**, Adonhiran Bernard de Almeida. Edição do sexto concerto para violino e orquestra de Manoel Joaquim de Macedo. Rio de Janeiro, dissertação de mestrado, UFRJ, 2012.

HAMILTON DE VASCONCELOS



1902 - 1964

Hamilton Vasconcelos foi um fotógrafo leopoldinense, nascido no distrito de Piacatuba, em 26/01/1902. Era filho de Francisco Alberto Lopes de Vasconcelos e Ana Francisca Nunes. Sabe-se que seu pai foi tabelião em Piacatuba e era filho de Guilherme Alberto de Vasconcelos e Engracia Adelaide Lopes.

Em 1925, Hamilton casou-se com Arlete Barbosa, filha de Eduardo Pires Barbosa e Francisca Barbosa de Moraes. Tiveram dois filhos: Haroldo e Joaquim Barbosa Vasconcelos. Nesta época, nosso fotógrafo já exercia, com zelo, sua profissão.

É importante lembrar que as primeiras imagens fotográficas no país, datadas de 1832, foram tomadas pelo francês Antoine Hércules Florence, considerado, por isso, o pioneiro da fotografia no Brasil. Aliás, esse pioneirismo do país em fotografia deve-se, principalmente, ao imperador D. Pedro II, um grande apreciador da arte desde jovem, que, em 1840, adquiriu em Paris um daguerreótipo e com ele fez muitas imagens. Outros fotógrafos ficaram famosos entre nós, dentre os quais merece destaque Marc Ferrez. Ferrez participou de uma expedição científica da Comissão Geológica do Império do Brasil, quando fotografou, pela primeira vez, em plena selva, os índios botocudos (1875). Sua obra se destacou pelo registro da natureza do país e da transformação radical da paisagem urbana do Rio de Janeiro/RJ no início do século XX.

Nessa época, nascia Hamilton Vasconcelos, cuja trajetória na arte fotográfica não ficou restrita ao município de Leopoldina/MG, tendo trabalhado também em municípios vizinhos. Segundo informações de seu filho Joaquim Barbosa Vasconcelos, Hamilton "foi um autodidata, interessando-se e aprimorando cada vez mais a arte que abraçou. Entre seus clientes estavam muitos italianos".

Joaquim recorda que, na época, *"em Leopoldina havia apenas dois fotógrafos, mas meu pai, pela qualidade de seu trabalho, era sem dúvida o mais requisitado. Até 1962, ele exerceu sua profissão, sendo interrompido apenas durante a segunda guerra mundial, porque todo o material fotográfico era importado da Alemanha. Na maioria de suas fotos ele assinava 'Foto Hamilton'. Desenvolveu uma técnica impressionante para retocar os negativos, do qual tirava todos os defeitos, como se fosse um Photoshop hoje".*

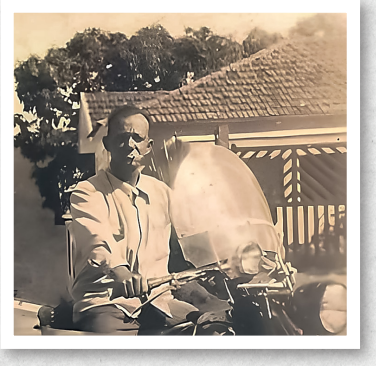
É ainda do filho Joaquim a informação de que a família teria se transferido para Leopoldina/MG, em 1941, para que o fotógrafo pudesse dispor de um espaço melhor e mais adequado para instalar o seu laboratório.

Hamilton Vasconcelos teve grande importância e valor na sua cidade natal e na região. Entre as imagens que nos legou encontram-se as que enfeitam esta página.

Hamilton faleceu no dia 20/08/1964, em Leopoldina/MG, onde foi sepultado.

Hamilton e o filho Joaquim

Fotografia cedida por Humberto Luiz Martins Ferreira



PATRONOS E ACADÊMICOS DA ALLA JOVEM

CADEIRA **01AJ** | Patrono: **Joaquim Antônio Dutra**
* 21/08/1863 - São João Nepomuceno/ MG
+ 16/10/1943 - Barbacena/ MG

Médico, Deputado Provincial, Agente Executivo (Prefeito) de Leopoldina, Delegado Literário de Piacatuba, Senador Estadual.
Acadêmico: **João Otávio de Paiva Ferreira**

CADEIRA **02AJ** | Patrona: **Aline Monteiro Gomes**
* 22 outubro 1897 - Leopoldina/ MG
+ 21 julho 1994 - Leopoldina/ MG

Normalista, professora municipal, fundadora do Jardim de Infância da Tia Aline.
Acadêmico: **Yuri Esteves Werneck Portela**

CADEIRA **03AJ** | Patrona: **Márcia Monteiro Bhering**
* 22 outubro 1948 - Abaíba, Leopoldina/ MG
+ 13 setembro 2008 - Congonhas/ MG

Professora de arte, pintora e restauradora, criadora do Curso de Arteterapia em Leopoldina.
Acadêmico: **Josué dos Santos de Oliveira**

CADEIRA **04AJ** | Patrono: **Fernando Sabino**
* 12 outubro 1923 - Belo Horizonte/ MG
+ 11 outubro 2004 - Rio de Janeiro/ RJ

Escritor, Adido Cultural do Brasil em Nova York, Editor, Cineasta Amador. É autor de diversos livros, entre eles *O Grande Mentecapto*, em que aborda a vida dos pais e avós em Leopoldina e relembra sua infância na cidade.
Acadêmico: **Lucas Benício Lourenço Melo**

CADEIRA **05AJ** | Patrono: **José César da Silva**
* 10 março 1880 - Tebas, Leopoldina/ MG
+ 18 março 1972 – Belo Horizonte/ MG

Lavrador, autor do livro *Memórias de um Tebano*. Fundou os periódicos Folha de Tebas e O Rouxinol. Foi caixeiro de venda, farmacêutico, ruralista, oficial do registro civil, juiz de paz e funcionário público. Foi pai do escritor modernista Guilhermino César, um dos fundadores da Revista Verde.
Acadêmico: **Christoff da Silva Cirino**

CADEIRA **06AJ** | Patrono: **Padre Zeferino de Abreu**
* 1863 - Itaberaí/ GO
+ 16 novembro 1913 - Piacatuba, Leopoldina/ MG

Ordenado padre em 1905, no mesmo ano assumiu a Paróquia de Nossa Senhora da Piedade, Piacatuba. É considerado o primeiro escritor goiano a publicar livros de contos e usava sempre o pseudônimo de José da Piedade. Publicou *Contos Sertanejos*, em 1899, e *Contos Reais*, em 1910, pela Tipografia São José, de Cataguases/MG.
Acadêmica: **Kailany Maria da Silva Aleixo**

CADEIRA **07AJ** | Patrono: **Humberto Mauro**
* 30 abril 1897 - Volta Grande/ MG
+ 05 novembro 1983 - Volta Grande/ MG

Aluno do Ginásio Leopoldinense, Músico (violinista e bandolinista), diretor e roteirista cinematográfico, considerado o "pai do cinema nacional".
Acadêmicas: **Alice Ferreira Tavares | Maria Eduarda Miranda Barros**

CADEIRA **08AJ** | Patrono: **Francisco Martins de Almeida**
* 07 janeiro 1903 - Leopoldina/ MG
+ 29 julho 1983 - Rio de Janeiro/ RJ

Um dos quatro fundadores de A Revista (modernista, BH), Promotor Público, Autor do Projeto de Lei sobre Direitos Autorais, Consultor Jurídico do Departamento das Municipalidades (Rio), Autor do livro Brasil Errado, Membro da Sociedade Carioca de Escritores (depois Academia Carioca de Letras), Auditor do Tribunal de Contas do Rio, Crítico literário eventual.
Acadêmica: **Carla Martins Nunes**

CADEIRA **09AJ** | Patrona: **Dona Chiquita (Francisca Elisa Levy Lustosa)**
* 28 maio 1929 - São Paulo/ SP
+ 19 fevereiro 2009 - Rio de Janeiro/ RJ

Fundadora da Creche Francisco de Assis no Bairro Bela Vista e desenvolveu diversos trabalhos de assistência social no bairro.
Acadêmico: **Carlos Henrique dos Santos**

CADEIRA **10AJ** | Patrono: **Cônego Gerardo Naves**
* 03 abril 1912 - São Sebastião do Paraíso,/MG
+ 23 maio 1985 - São Sebastião do Paraíso/ MG

Autor do Hino de Leopoldina, foi pároco da Catedral de São Sebastião, professor e compositor.
Acadêmicos: **Felipe Sagióro de Almeida | Katiasilene de Jesus de Matos**

CADEIRA **11AJ** | Patrono: **Américo Lobo Leite Pereira**
* 28 junho 1840 - Campanha/ MG
+ 01 outubro 1903 - Rio de Janeiro/ RJ

Advogado, vereador, professor do Lyceu Leopoldinense. Senador Estadual.
Acadêmico: **Hugo Cesar Ferreira**

CADEIRA **12AJ** | Patrono: **Ivo Almeida Nascimento**
* 28 julho 1922 – Guidoval/ MG
+ 19 junho 2005 – Leopoldina/ MG

Esportista, fundador do time de futebol Rosário Central e com incansável trabalho na Liga Esportiva Leopoldinense.
Acadêmica: **Isabela de Souza Andrade**

CADEIRA **13AJ** | Patrono: **Mário de Freitas**
* 14 setembro 1899 – Barbacena/ MG
+ [sem informação]

Engenheiro responsável por abertura de estradas em Leopoldina, residiu em Leopoldina durante 15 anos, colunista da Gazeta, publicou o livro *Leopoldina do Meu Tempo*.
Acadêmica: **Isabella da Costa Lacerda**

PATRONOS E ACADÊMICOS DA ALLA JOVEM

CADEIRA **14AJ** | Patrono: **Clésio Heleno de Souza Barbosa**
* 05 agosto 1969 – Leopoldina/ MG
+ 23 junho 2014 – Recreio/ MG

Nasceu na Comunidade dos Coelhos, viveu em Tebas, foi incentivador de manifestações culturais no distrito e de práticas esportivas.
Acadêmica: **Mirella Santos Mattozinhos**

CADEIRA **15AJ** | Patrono: **Átila Lacerda da Cruz Machado**
* 22 dezembro 1911 - Barbacena/ MG
+ 26 dezembro 1980 - Leopoldina/ MG

Instalou e operou a Estação Radiotelegráfica de Leopoldina, fundador do Albergue Noturno Major Zeferino, fundador do Rotary Clube de Leopoldina, fundador da Loja Maçônica 27 de Abril em Leopoldina, vereador e colunista da Gazeta de Leopoldina.
Acadêmico: **Pedro de Oliveira Guimarães**

CADEIRA **16AJ** | Patrono: **Noel Rosa**
* 11 dezembro 1910 - Vila Isabel, Rio de Janeiro/ RJ
+ 04 maio 1937 - Vila Isabel, Rio de Janeiro/ RJ.

Era filho do tebano Manoel Garcia de Medeiros Rosa (Neca). Foi compositor, cantor e violonista, tornando-se depois um dos mais importantes artistas da história da música popular brasileira. Compôs mais de 300 músicas, entre sambas, marchinhas e canções. Seus maiores sucessos foram "Com que roupa", "Conversa de Botequim", "Feitiço da Vila" e "Fita amarela".
Acadêmico: **Willens Douglas da Costa Curcio**

CADEIRA **17AJ** | Patrona: **Rosaide Maria Lacerda Lima**
* 20 agosto 1957 – Recreio/ MG
+ 15 dezembro 2014 – Recreio/ MG

Professora em diversas cidades. Foi diretora da Escola Estadual Sebastião Medeiros, no distrito de Ribeiro Junqueira.
Acadêmica: **Isabele Silva Fonseca**

CADEIRA **18AJ** | Patrona: **Ester Fialho**
* 21 novembro 1887 - João Pessoa/ PB
+ 02 junho 1931 - São João Nepomuceno/ MG

Casada a primeira vez com o patrono da ALLA, Augusto dos Anjos, e a segunda vez com o patrono da cadeira 19 da ALLA, Júlio Caboclo. Professora da Escola Normal do Ginásio Leopoldinense e do Grupo Escolar Ribeiro Junqueira.
Acadêmica: **Giovanna Ávila Pache de Paiva**

CADEIRA **19AJ** | Patrono: **Rubens Tavares**
* 31 outubro 1923 – Tebas, Leopoldina/ MG
+ [sem informação] - Rio de Janeiro/ RJ

Poeta, jornalista e industrial gráfico. Participou do Rotary Club, da Maçonaria e é sócio fundador da Academia Teresopolitana de Letras onde ocupou a cadeira número 08. Autor de Autópsia do Tempo, em dois volumes.
Acadêmico: **Sérgio Júnior Ávila da Rosa**

CADEIRA **21AJ** | Patrono: **João Moojen de Oliveira**
* 01 dezembro 1904 - Leopoldina/ MG
+ 31 março 1985 - Rio de Janeiro/ RJ

Professor, pesquisador e assessor técnico em diversas instituições, com uma ativa atividade em todas as funções que ocupou. Trabalhou no Museu Nacional por 30 anos e, durante suas inúmeras excursões pelo país, colecionou cerca de 82.000 exemplares de mamíferos, acervo do Museu Nacional do Rio de Janeiro.
Acadêmica: **Ana Claudia Carraro Cuco**

CADEIRA **22AJ** | Patrono: **Monsenhor Antônio José Chamel**
* 29 janeiro 1934 - São Geraldo/ MG
+ 20 janeiro 2023 - Leopoldina/ MG

Ordenado padre em 1956 em Leopoldina. Professor do Ginásio. Sempre atuou na Diocese de Leopoldina, tendo sido pároco de várias igrejas e capelão do Asilo Santo Antônio.
Acadêmico: **Kauã Gabriel Duarte Chaves**

CADEIRA **23AJ** | Patrono: **Joaquim Fajardo de Mello Campos**
* 1854 - Piacatuba, Leopoldina/ MG
+ 9 outubro 1910 - Piacatuba, Leopoldina/ MG

Fazendeiro em Piacatuba.
Acadêmica: **Lara Rodrigues Rosa**

CADEIRA **24AJ** | Patrono: **Serginho do Rock**
* 26 outubro 1940 - Leopoldina/ MG
+ 07 agosto 1995 - Leopoldina/ MG

Patrono da Cadeira nº 9 da ALLA.
Acadêmica: **Lívia Batista de Carvalho Moreira**

CADEIRA **25AJ** | Patrono: **José Ferraz**
* 14 junho 1947 – Piacatuba, Leopoldina/ MG
+ 04 fevereiro 2022 – Juiz de Fora/ MG

Médico, advogado e pecuarista. Foi vereador em Leopoldina.
Acadêmica: **Marian Aparecida Pereira de Lima**

CADEIRA **26AJ** | Patrono: **Nicola Savino**
* 3 outubro 1852 - Ispani, Salerno, Campania/ Itália
+ 29 agosto 1914 - Leopoldina/ MG

Sapateiro, auxiliar de medição de propriedades rurais, proprietário do renomado Salão Recreio, bar onde introduziu o sorvete em Leopoldina. Era avô do escritor Fernando Sabino.
Acadêmico: **Matheus de Oliveira Monteiro**

DEDICATÓRIA

Ao Dr. Ronald Alvim Barbosa, idealizador da Academia Leopoldinense de Letras e Artes e seu primeiro presidente, dedicamos esta Revista.

AUTORES:

Os autores dos textos estão indicados ao final de cada um deles. Os textos que não têm indicação de autor foram redigidos pela Comissão Organizadora da revista.

ACERVO DE IMAGENS DA ALLA:

• fotografias e capas de livros pertencentes ao banco de dados dos acadêmicos Nilza Cantoni e José Luiz Machado Rodrigues.

• fotografias cedidas por leopoldinenses para o acervo da ALLA.

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO NA REVISTA DA ALLA

LINHA EDITORIAL E DIRETRIZES

A finalidade da Revista da ALLA é divulgar trabalhos que se enquadrem em um ou mais dos seguintes indicadores:

- abordem as atividades, conquistas e contribuições da Academia Leopoldinense de Letras e Artes ao longo do tempo;
- tenham vínculo com Leopoldina e versem sobre aspectos culturais, sociais e históricos relevantes para o município;
- valorizem e promovam escritores e artistas locais, exaltando suas obras e trajetórias;
- contribuam para a defesa e preservação dos valores que fundamentam a cultura local;
- incentivem a produção literária e artística que dialogue com as raízes culturais e a identidade de Leopoldina.

Os autores são responsáveis pelos conceitos emitidos em seu trabalho, sua correção e exatidão, bem como da revisão do texto. Para que uma obra seja publicada na Revista da ALLA, o autor renunciará à percepção de direitos autorais.

Os trabalhos serão encaminhados ao Conselho Editorial dentro do prazo previsto no Edital de chamada para cada número da Revista. Serão designados três membros para avaliar e apresentar parecer. Para ser incluído na Revista, o trabalho precisará de aprovação por maioria simples dos membros do Conselho.

REGRAS PARA APRESENTAÇÃO DOS ORIGINAIS

A ALLA segue as normas expressas no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, edição de 2009.
O nome do autor deverá vir em formato direto [nome seguido de sobrenome], logo abaixo do título.
Na última página do artigo, é facultativo colocar nota de até três linhas sobre a qualificação do autor.
Os artigos deverão ser devidamente formatados e enviados em arquivo pdf e doc, de acordo com os parâmetros abaixo:

- Tamanho do artigo: até 5 laudas;
- Papel tamanho: A4;
- Orientação: retrato;
- Margens superior e direta: 3 cm;
- Margens esquerda e inferior: 2 cm;
- Cabeçalho e Rodapé: 1,27 cm;
- Tabulação: 1,25 cm;
- Fonte Arial tamanho 12;
- Espaçamento/Entrelinhamento: 1,5 linhas;
- Notas de rodapé das páginas, em algarismo arábico, em 3 linhas no máximo;
- Referências Bibliográficas em lista única ao final do texto, em ordem alfabética, de acordo com as nomas da Associação Brasileira de Normas Técnicas;
- Imagens: além de serem inseridas no texto, devem ser encaminhadas em arquivo separado, com as respectivas legendas e referências, salvas com o nome do arquivo principal e numeração na ordem em que aparecem no texto. Devem ter a resolução mínima de 300 dpi no formato TIFF;
- Tabelas e quadros podem ser compostos em Word e inseridos no próprio texto;
- Gráficos devem ser inseridos no texto e encaminhados em arquivo separado, em formato Excel.

Mineira Gostosa

De Serginho do Rock, tornada Hino Oficial do município pela Lei nº 2.783

Protegida pelos contrafortes
Das altas montanhas de Minas
Driblando o tempo, maneira ladina
Ainda parece menina

Isso é Leopoldina, sonora verdade
Mineira gostosa, minha cidade

De longe seus filhos lhe amam
De perto seus filhos reclamam
Condenam sua vida tão calma
Mas lhe querem do fundo da alma

Isso é Leopoldina, sonora verdade
Mineira gostosa, minha cidade

Centenária vaidade, retendo o tempo
Sentindo saudades, seus melhores momentos
Águas passadas já são gotas de chuva
Filosofia de estrada, vã literatura
De rimas quebradas

Rebuscando suas velhas histórias
Era apenas um pontinho no mapa
Mais verde, mais culta, pacata
Athenas da Zona da Mata

Isso é Leopoldina, sonora verdade
Mineira gostosa, minha cidade

Alienada em função do futuro
O ócio desprende do gênio
Da bela da Mata que espera no escuro
A luz do terceiro milênio

Isso é Leopoldina, sonora verdade
Mineira gostosa, minha cidade

Tempora Tempore Tempra

ACADEMIA LEOPOLDINENSE
DE LETRAS E ARTES

Esta revista foi publicada em parceria com a
Prefeitura de Leopoldina
e apoio da
Câmara Municipal de Leopoldina